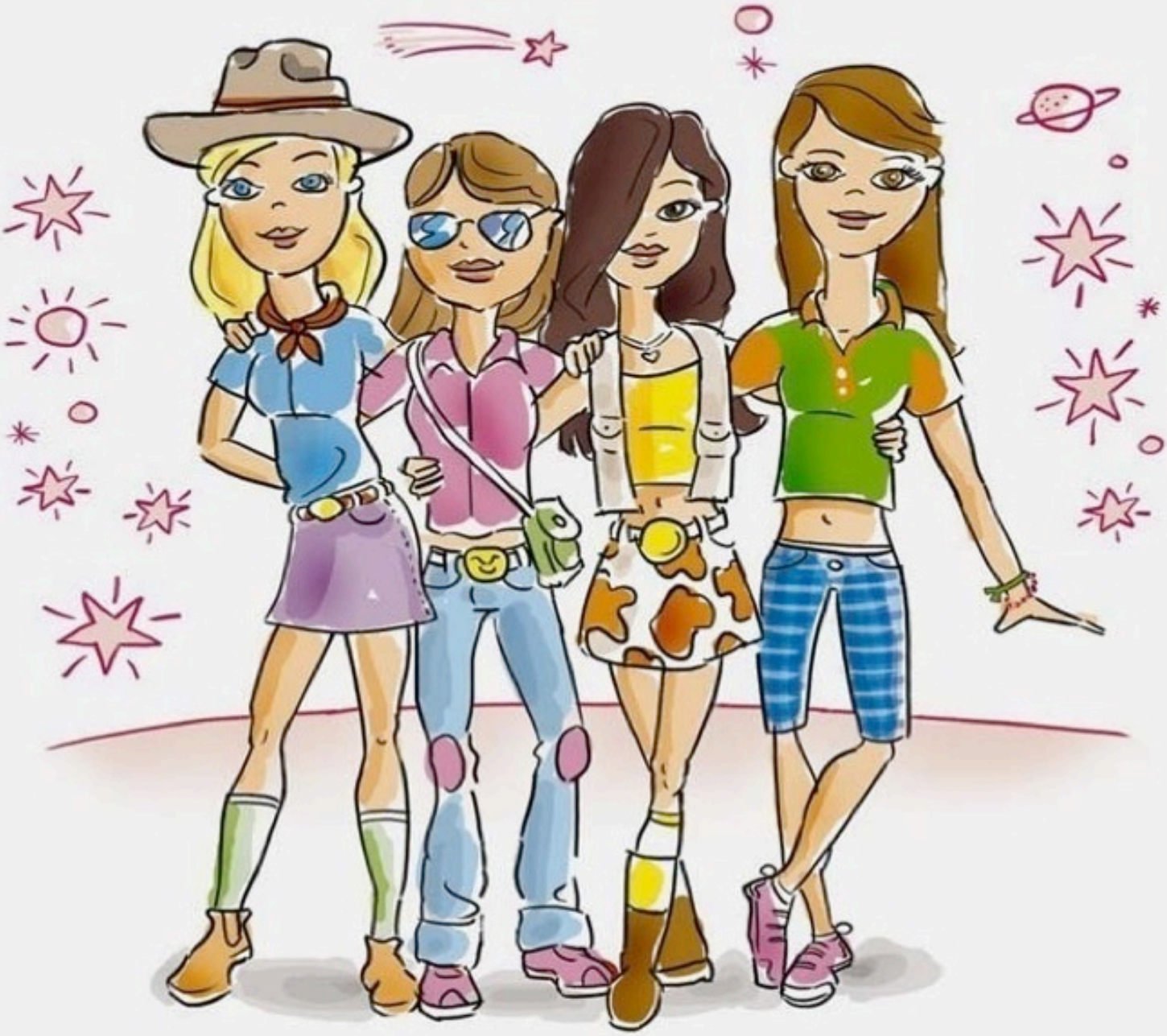
Tudo por um feriado

Thalita Rebouças



ROCCO
JOVENS LEITORES

O namoro

O namoro de Ritinha e Leandro tinha emplacado. Ela estava apaixonada pela primeira vez, vivendo uma história de amor que achava só existir nas novelas, nos livros, nos filmes. Ele adorava o mau humor dela. Ritinha, por sua vez, adorava ser adorada por um menino tão bonito, tão fofo, tão tudo, que perdeu sua virgindade bucal com ela. Uau! Para a menina mais reclamona e exigente de Resende, isso era uma qualidade e tanto no currículo de um primeiro namorado.

Ritinha passou a vida criticando casais grudentinhos, namorados melosos e chatinhos. Achava insuportável essa coisa de casal extremamente apaixonado e jurara que jamais mudaria seu modo de pensar.

- Tenho mais o que fazer, não posso ficar o dia inteiro pendurada no telefone com você, não, Leandro - ladrara para o coitado no começo do namoro, engrenado havia sete meses numa colônia de férias para onde fora com as amigas inseparáveis, Manu e Gabi.

Falar com voz de neném com alguém do sexo masculino, então, estava fora de questão. Ritinha era terminantemente contra. "Nada mais ridículo", rosnava.

-Não... dixliga voxê, mô... Não, vai... voxê... Não... voxêêê... rerrerrê... rerrerrê... - dizia, melosa, ao telefone, numa tarde de sexta-feira.

Ê… O tempo passa, a paixão pega de jeito, as pessoas mudam.

- Não, môjiii... Dixliga voxê... Não... não tenho colagem... Voxê... Não...

Agora Ritinha tinha certeza de que era a menina mais apaixonada do mundo, com o namorado mais perfeito do mundo. Nunca pensara que um dia tivesse vontade de falar com uma pessoa 37 mil vezes por dia, estar com ela 24 horas, sonhar com ela todas as noites, querer fazer tudo com ela. Definitivamente, Ritinha era outra Ritinha.

- Voxê, vai. A gente conta até tlês e dixliga, môji... Não, se voxê não conxegue a Ritinha não conxegue também... Verdadiii... Vai, dixligaaa...Rerrerrêêê... voxê, xeu bobo!

- Rita de Cássia, você acha que eu sou sócio da companhia telefônica? Telefone custa dinheiro, sabia? E dinheiro não nasce em árvore! - berrou seu Onofre, o pai ranzinza de Ritinha.

- Não é nada não, é meu pai, sabe como ele é pão-duro. Não, môjiii, não vou desligar... Desliga voxê... Ele não vai brigar comigo, é só a primeira vez que ele está reclamando, não sabe que eu só desligo depois da quinta? Vai, desliga voxê... Rerrerrê... Tchiamu também... Tchiamu muito, muito. Lindo é voxê... Agora desliga, vai, é sélio... Não, desliga voxê, ah, voxêêê! Voxê é mais colajoso que eu. Desliga! Não, voxê! Voxê! Voxê!

- Eu desligo, dá aqui. Oi, Leandro, é a Manu, tudo bem? Vou desligar pela Ritinha, já que ela tá sem coragem, tá? Beijo, tchau.

A loirinha Manu, espevitada e cheia de atitude, não agüentou tanta paixão esparramada pelo quarto de Ritinha, que ela invadira com Gabi e acabara escutando um pouco da... hum... conversa.

- Não faz isso! Nãããão!!! - exclamou Ritinha, com a mão no peito, dramática, como se estivesse tomando umas vinte punhaladas.

- Caraca! Que coisa chata! - reclamou a loirinha.

- É sempre assim? - irritou-se Gabi.

- Ei! Posso saber o que vocês estão fazendo no meu quarto?

- A gente estava na sala esperando você desligar, mas você demorou tanto tagarelando que o assunto com os seus pais morreu e a gente pediu pra eles pra invadir geral.

- Seu pai achou ótima idéia. Disse que só assim pra você desligar o telefone - entregou Gabi.

- *A porcaria* do telefone - lembrou Manu.

- Isso. Foi isso mesmo que ele disse.

Ritinha estava enfezada, mas feliz por ver as duas. Ultimamente o trio de amigas inseparáveis não andava tão inseparável assim. Ritinha, a caçula do grupo, era a única que estava namorando e sua relação com as meninas não estava mais tão próxima como antes, embora o amor por elas continuasse imenso e intacto.

Manu deixou seu lado curioso vir à tona:

- O que vocês tanto falavam?

- Um assunto importantésimo, não viu? 'Mô, eu ti amuuu. Desliga, vai. Não, desliga voxê... Voxê-ê!' - debochou Gabi, imitando a voz melosa de Ritinha.

As três riram juntas.

- Eu me transformei numa daquelas meninas que sempre critiquei, né? Podem dizer.

- Você é pior do que as meninas que você criticava. Você é a mãe de todas as apaixonadinhas chatinhas do Brasil. Elas devem ter aprendido tudo com você - implicou Gabi.

Manu riu, mas continuava curiosa. Nunca namorara sério. Seu namoro com João, que conhecera na mesma colônia de férias, embora parecesse promissor, durou menos de um mês (ele morava longe e a distância pesou na hora de terminar) e essa fase de telefonemas sem fim sequer chegou perto do casal. Ela era genuinamente interessada por assuntos do coração, já que o seu nunca estivera tão ocupado.

- Sério, fora tomar essa superimportante decisão sobre desligar o telefone, o que vocês estavam falando? - insistiu ela.

- Ah, a gente fica um tempão de papo... sempre... todos os dias.,.

- E falam o quê?

- Basicamente "eutiamuuuu" - derreteu-se Ritinha. - Todo dia, a voz dele é a última coisa que eu escuto. Quando já estou embaixo das cobertas, a gente fica se falando até o sono bater. Quando eu paro de falar, ele percebe que eu dormi e desliga.

- Você dorme com o telefone no ouvido?

- Arrã - fez ela, orgulhosa. - Na verdade, no meio da noite, acabo abraçando o telefone, achando que é o Leandro, mas a minha mãe sempre entra no meu quarto e põe o fone no gancho.

- Tô boba - reagiu Manu.

- Tô enjoada, acho que vou vomitar - ironizou Gabi.

- A Suzaninha disse que quando ela namorou o Diogo...

- O imbecil - cortou Gabi.

- O imbecil, muito bem colocado. Quando ela namorou o imbecil era assim também. Acho que é mal de adolescente - contou Manu.

- Vocês têm visto a Su nas férias? Como ela tá?

- A gente se vê direto, quase todo dia. Anteontem mesmo a gente foi pra casa dela.

- A mãe dela fez uma gelatina com leite condensado que é uma dádiva dos deuses.

- Nossa! Que saudade da Suzaninha! O que vocês foram fazer na casa dela?

- Ver um filme. Só não te chamamos porque você disse que ia passar o dia com o Leandro - disse Manu.

- Ah, é, lembrei.

- Foi ótimo, depois do filme o pai dela tocou violão pra gente, acabamos dormindo lá. Ele vai me ensinar violão, não é o máximo? - empolgou-se Gabi.

- O máximo é estar apaixonada. Eu estou tão apaixonada, gente! Cada dia mais apaixonada. Estou até combinando de passar o Carnaval com ele num hotel-fazenda em Valença. Com os pais dele, claro. Não sei se meu pai vai deixar, mas tentar não custa... Estou contando os dias...

- Quer viajar com namorado no Carná? Tá louca? É estresse na certa - decretou Gabi.

- Por quê? A gente vai ficar o tempo todo no hotel...

- Não interessa, Carnaval é a maior pegação, todo mundo quer beijar todo mundo o tempo inteiro - completou Manu.

- Ou você acha que lá não vai ter mulher? -Vai, mas...

- Não tem "mas", Ritinha! Os garotos são pééééssimos! Não podem ver mulher no Carnaval que partem pra cima! Não sabe como é garoto no Carnaval?

- Não... - assustou-se Ritinha. - Mas eu acho que os que estão sozinhos podem até partir pra cima da mulherada, quem tá namorando pega só a namorada, é totalmente difer...

- Depois vocês brigam e a culpa é de quem? De quem? - instigou Gabi, cortando Ritinha.

- Do coitado do Carnaval - respondeu Manu.

- E se ele beber pode dar vexame...

- Ele não bebe, Gabi.

- No Carnaval todo mundo muda.

- E bebe.

- Todo mundo - enfatizou Gabi.

- Todo mundo - repetiu Manu.

- E você não vai querer conhecer o lado feio do Leandro, né?

- Pior! Já pensou se ele se engraça pra cima de alguém?

- Ele vai estar comigo, Manu!

- E daí? Não sabe como é Carnaval? Você vai dar uma volta a cavalo com os pais dele, ele vai dizer que está cansado...

- E durante o seu passeio ele vai dar uns amassos numa garota...

- Ficar com o cheiro dela no pescoço... - provocou Manu.

- Com o chupão dela no pescoço! - aumentou o tom de voz Gabi.

- É! E depois vai beijar você pensando nela...

- E no pescoço dela, que também vai ter um chupão dele.

- Aí uma hora você vai ao banheiro, depois do almoço, para fazer a digestão da comida, fica lá um tempão, seu número dois é demorado...

- Ele, com certeza, vai ficar com outra pessoa.

- Com certeza - enfatizou Manu.

- E toda vez em que você for ao banheiro, já sabe...

- Ele pimba!

- Pimba? - fez Ritinha.

- Ele pega outra menina, mais bonita ainda - explicou Gabi.

- E todo mundo no hotel-fazenda vai ver o Leandro ficar com essas garotas sempre que você virar as costas.

- Três, quatro garotas, no mínimo.

- Cinco, seis, sete... depende, sabe como é Carnaval...

- Todas muito mais velhas.

- Lindas, gatas, fáceis...

- Ai, que horror... Tão pequenininha, com um chifre tão grande na testa... - exagerou Manu.

- Que peninha de você, Ritinha... Sua cabeça vai começar a coçar, coçar...

- Piolho?

- Claro que não, lesa! O chifre! - estressou-se Gabi.

- E o chifre vai crescer, crescer, crescer, e você vai ficar conhecida como "a traída de Valença"... - decretou Manu.

- A chifruda de Valença - alfinetou Gabi.

- A corna de Valença - preferiu a loirinha.

- Depois não vem chorar no nosso ombro e dizer que a gente não avisou...

Ritinha ouvia desconfiada a verborragia das amigas, E quando as duas finalmente pausaram para respirar, ela quis saber:

- Que caras são essas? Eu conheço essas caras... O que vocês estão armando?

- A gente quer que você faça outra viagem - começou Manu, sorridente.

- Com o Leandro? Só se for para um convento, né? Ou um outro lugar onde ele esteja livre de todas essas tentações aí...

- Que mané convento? Não delira, Rita de Cássia!

- Não é uma viagem com o Leandro, anta! - estrilou Gabi.

- Não tô entendendo...

- Ih, além de apaixonada ficou burra, é? - espetou Manu.

- A gente quer que você viaje com a gente!

- No Carnaval?

- Não, Ritinha. No Natal - debochou Gabi.

- Gente, Natal é com a família, alô-ou!

- Alô-ou! E óbvio que é no Carnaval, Rita de Cássia! Que idéia!

- Sem o Leandro?

- Claro! - responderam as duas em coro.

- Gente, eu não tenho a menor condição de ficar sem ele durante quatro dias. Acho que eu morro.

- Ai, que coisa brega! - bronqueou Gabi,

- Ninguém morre de saudade! - emendou Manu.

- Além do mais, saudade é ótimo para qualquer relacionamento, a pessoa passa a dar mais valor para a outra depois que percebe a falta que ela faz.

- Peraí, gente! Não vai rolar! Eu vou passar o Carnaval com o Leandro!

- Você não vai passar o Carnaval com o Leandro, criatura! Você vai passar com a gente! Já não falei? - irritou-se Manu.

- Onde?

- Em Porto das Rosas.

- Onde?

- Porto das Rosas! Em Minas! Cidade linda, cidade delícia, cheia de cachoeiras e grutas, cidade fofa, cidade cúti-cúti, toda de paralelepípedos! Tem coisa mais linda que paralelepípedo? - empolgou-se Gabi.

- Tem 1.987.000 coisas mais lindas que paralelepípedo, Gabriela! - disse Manu.

- Eu odeio paralelepípedo! - estrilou Ritinha.

- Que absurdo odiar paralelepípedo! Paralelepípedo é tudo! Adoro o barulhinho dos carros passando em cima deles... - viajou Gabi. - Sem contar que é ótimo falar paralelepípedo, olha que palavra linda! Não dá vontade de parar de falar: paralelepíií...

- Esquece isso, Ritinha - cortou Manu. - A cidade é uma graça, mesmo com os paralelepípedos. É superaconchegante.

- Como é que você sabe? Já foi pra lá?

- Não, mas a Suzaninha mostrou várias fotos pra gente.

- A Suzaninha?

- É. É pro sítio da avó dela que a gente vai. Não é legal?

- Não, Gabi. Não é legal. É tudo, menos legal. A gente não vai pro sítio da avó da Suzaninha. Vocês podem ir pro sítio da avó da Suzaninha, eu não vou pro sítio da avó da Suzaninha.

- Ritinha...

- Não tem Ritinha, nem meia Ritinha, Manu! Eu estou combinando de passar o primeiro Carnaval com o meu namorado e vocês vêm cheias de idéia errada, querendo me levar prum lugar de nome esquisito e ainda por cima longe do meu amor.

- Mas você vive grudada com o seu amor, vai ficar grudada mais quatro dias? - reagiu Gabi

- Lógico. Depois de todas essas coisas horríveis que vocês falaram é que eu não vou deixar o menino sozinho dando sopa por aí. Vai que ele fica com alguém? Pior! Vai que rola uma PPP?

- Não vai rolar PPP! - disse Gabi.

- O que é PPP?

- Pavorosa Pegação Progressiva, Manu! Se ele sair pegando a mulherada em Valença eu morro!

- Ai, pára com esse negócio de morrer, coisa chata! Coisa cafona! - estrilou Gabi. - Ele é apaixonado por você, não vai pegar ninguém! E ele vai para um hotel-fazenda, nada mais monótono do que um hotel-fazenda. Só tem vovôs, vovós e famílias.

- E vacas, e cavalos e nada pra fazer - completou Manu.

- Mas vocês falaram que...

- A gente só inventou um monte de coisas pra você achar que a viagem com o Leandro seria péssima - explicou a morena.

- E assim você ia querer viajar com a gente, não com ele...

- Por que eu ia deixar o meu namorado pra ficar com vocês? Eu estou sempre com vocês!

Minuto de silêncio. Incômodo silêncio. Gabi e Manu se entreolharam. Manu foi a primeira a falar:

- Você não tá sempre com a gente.

- Você não tá nunca com a gente - corrigiu Gabi.

- Desde que começou a namorar você quase não liga pra gente. Nem ao shopping a gente vai mais...

- Nem as revistas de fofoca a gente lê juntas. Agora só falo mal das roupas das artistas com a Manu, e ela não tem a menor noção de moda - brincou Gabi.

- A nossa amizade não é mais a mesma, Ritinha, essa é a verdade.

- Desde que as férias começaram você está distante, está difícil falar com você até por telefone...

- Mas as aulas vão começar já, já, e a gente vai se ver todos os dias.

- Eu não quero te ver só na escola! Tá louca? - irritou-se Gabi.

- Tudo agora pra você é Leandro, Leandro, Leandro... Cadê a minha amiga que achava umas idiotas essas meninas que paravam de viver suas vidas para viver para os namorados? - quis saber Manu.

- Que dizia que namoro acaba, mas amizade não acaba nunca?

- Nossa amizade não vai acabar nunca...

- Se continuar assim, vai. Sinto dizer - foi seca Gabi. Pausa para reflexão.

- Gente, acho que vocês estão viajando, a nossa amizade continua igual... - comentou Ritinha, com quase nenhuma certeza.

- Ah, é? Qual foi a última vez que a gente se viu?

- Hummm,.. Foi na... na semana passada?

- Tá vendo? Vê se um ano atrás você teria que parar pra pensar nessa resposta? Vê se um ano atrás você teria me visto só na semana passada?

- Ritinha, faz mais de uma semana que a gente se viu. No boliche. Mas você e o Leandro ficaram lá tão pouco tempo que nem deu pra gente fofocar.

- A gente te ama tanto... - emocionou-se Manu.

- Por isso a gente não quer te perder.

- Vocês não gostam do Leandro?

- A gente adora o Leandro, ele faz superbem pra você, te faz feliz... Mas dá pra namorar e continuar nossa amiga... Ou era muito sacrifício sair com a gente antes dele entrar na sua vida? - questionou Manu.

- É ótimo sair com vocês...

- Não parece... Parece que você não gosta mais da gente... - choramingou Gabi.

Ritinha estava assustada. Parou para pensar e constatou que realmente não era mais a mesma Ritinha de antes, não dava mais tanta atenção para suas melhores amigas como antes. Por quê?

- Pára! Eu não posso ter me transformado nisso!

- Justamente porque não queremos perder você que viemos aqui.

- Essa viagem pra casa da avó da Suzaninha vai reforçar nossa amizade, vai fazer com que a gente lembre os velhos tempos, quando a gente fazia tudo juntas...

- Vai ser uma celebração à amizade! - empolgou-se Manu.

- Mas eu vou deixar o Leandro sozinho? Não posso fazer isso...

- Claro que pode, alou! Ele existia antes de você entrar na vida dele. Você existia antes dele entrar na sua vida! Como é que vocês viviam antes de se conhecer?

- Não é simples assim. Se eu fosse com vocês, ele poderia ficar chateado e terminar comigo...

- Terminar porque você passou um feriado com as suas melhores amigas? Ele é louco? - enfezou-se Manu.

- Ritinha, vai por mim, distância faz bem de vez em quando. O namoro de vocês vai ficar até melhor quando a viagem acabar.

- E são só quatro dias - reforçou Manu.

- Cinco, se contarmos com a sexta, que é o dia que a gente chega lá. Vamos, se anima, vai! Vai ser tudo de bom.

- Tem piscina lá.

- E tem um lago bem perto - contou Gabi.

- Não é lago, é rio.

- É água, é tudo igual. - A gente pode pescar...

- Pescar nunca, mas nadar, brincar...

- Por que não pescar, Gabriela?

- Porque eu acho uma crueldade matar peixinhos.

- E aí? Vamos?

Ritinha estava pensativa, mastigando tudo que ouvira, pensando em cada palavra jogada nos seus ouvidos, que entraram de repente, sem pedir licença, e mexeram de verdade com ela.

- Ô, gente... não sei se meus pais vão deixar...

- Seu Onofre adorou a idéia. Disse na sala que ia adorar ver a gente viajando de novo, porque nós temos muito juízo.

- Meu pai disse isso? Sério?

- Sério. E conhecendo seu pai do jeito que eu conheço, aposto que ele vai preferir que você viaje com a gente a ver você ir pra Valença com o Leandro.

- É... isso é verdade... - concordou Ritinha.

- E aí? Não tem por que não ir, Ritinha! É pela gente!

- Pelas suas amigas mais fofas, mais lindas, mais gostosas! - brincou Gabi.

- Posso pensar?

- Não! - responderam Manu e Gabi.

- Não tem essa de pensar!

- Mas como é que eu faço com o Leandro? Não posso responder sem falar com ele antes...

- Por que não? Ele manda em você, é isso? Se ele deixar, você vai, se não, você não vai? É isso, Rita de Cássia? – perguntou, séria, Gabi.

- Não é isso... - Baixou os olhos Ritinha. - É que... é que.., eu não sei nem como falar isso pra ele...

- Diz que você quer passar mais tempo com a gente, ué - sugeriu Manu.

- Ele não vai entender.

- Por quê?

- Vai ficar com ciúmes...

- Da gente? Fala sério! - irritou-se Gabi.

- Nós te conhecemos há mais de 10 anos, ele te conhece há sete meses. Acho que isso podia pesar na sua decisão, não?

Ritinha ficou muda. Pensou, pensou...

- Eu preciso ligar pra ele.

- Sabe o que vai acontecer? Você vai falar, ele vai fazer o maior drama, vai implorar para você ficar com ele e você vai acabar não indo com a gente.

Ritinha pensou em cada palavra certeira disparada por Manu.

- Decide agora, Ritinha. É tão difícil assim tomar uma decisão sem o Leandro? Decide primeiro, depois liga pra ele pra contar.

- Não tem muito que pensar. A gente só precisa saber uma coisa: você quer ou não quer ir com a gente para um feriado inesquecível?

- Querer eu quero...

- Então!

- Mas eu também queria passar o feriado com ele, Manu...

- Em Valença? Valença é aqui do lado, você pode ir sempre. A gente tá te chamando para ir para uma cidade linda, histórica, cúti-cúti, cheia de duendes fofos.

- Ai, sem esse negócio de duende, Gabi, tô sem paciência... - resmungou a sempre resmungona Ritinha.

- Tá, eu falo para os duendes não aparecerem pra você, sua chata. E aí? Vamos pra Minas?

Ritinha pensou. E pensou, pensou, pensou.

- Ai, que dúvida! - deixou o pensamento escapar em voz alta. Ups! Manu e Gabi não esperavam por uma frase dessas. As duas se entreolharam, visivelmente tristes, certas de que a amiga, mais uma vez, optaria pelo namorado.

- Beleza, Ritinha, depois a gente te conta como foi. Vamos, Manu?

As duas dirigiram-se cabisbaixas rumo à porta e quando estavam bem próximas à maçaneta...

- Eu vou.

- Jura? - perguntou Manu, olhinhos brilhando.

- Juro.

- Tá decidida?

- Decidida, Gabi.

- Não vai ficar arrependida?

- De jeito nenhum!

- Obaaaaa! - comemorou Gabi se jogando na cama da amiga e enchendo sua bochecha de beijos.

- Ai, pára! Tá me babando toda! - implicou Ritinha. Quando a euforia terminou, a sempre desconfiada Ritinha quis saber:

- Vem cá, não é viagem roubada, não, né?

- Claro que não! A gente trouxe as fotos pra você ver. Fotos da cidade e do sítio da avó da Suzaninha. Tudo lindo. O que você quer ver primeiro?

- Hum... o sítio.

As três passaram um tempão vendo as fotos (que fotos!) da casa enorme, do gramado verdíssimo que cercava a propriedade, da piscina, da sauna, do campo de futebol, da horta onde pegariam ingredientes para o almoço e o jantar... E programaram a viagem, imaginaram o que fariam, que roupas levariam, que jogos jogariam... A cidade era uma graça. Pequena, charmosa, aconchegante. Perderam a noção da hora planejando a viagem que celebraria uma amizade antiga, importante, e que elas queriam manter para o resto da vida.

Ritinha cortou o clima de felicidade geral para fazer uma pergunta que não queria calar na sua cabeça:

- Como é que eu faço para contar para o Leandro?

- A gente te ajuda, boba! - disse Manu.

- Vamos pensar nos melhores argumentos pra você dizer pra ele e pra ele ficar mansinho.

- E ainda mais apaixonado.

Ritinha baixou os olhos, deu um riso tímido que se abriu aos poucos e disse, com o coração:

- Eu amo vocês.

- Õõõõõ! Que fofa! A gente também te ama, Ritinha! - Manu pulou no colo da amiga, para abraçá-la.

Gabi, antes de se juntar a elas num abraço gordo, brincou, debochada:

- A gente não te ama, não. A zente *tchi ama, Litinha!* Voxê é *a cosa masi rica da noxa vida*.

Gabi fez as amigas rirem, e, findo o riso, a tagarelice rolou solta. A farra não dava sinais de que estava perto de acabar. Então as meninas tomaram uma decisão importante, importantíssima: dormiriam lá aquela noite, para varar a madrugada conversando, falando bobagem, rindo à toa e dividindo um pote gigante de sorvete. Como nos velhos tempos.

A viagem

Assim que nasceu, mesmo fraquinho e tímido, o sol já anunciava uma sexta-feira azul, sem nuvens, um dia daqueles que fazem sorrir as garotas do tempo dos telejornais. Manu, Gabi e Suzaninha pularam da cama às cinco da manhã empolgadíssimas, como jamais estiveram às cinco da manhã.

- Ó, Minas Gerais! Óóóó, Minas Geraaaais! Quem te conhece não esquece jamais! - cantarolou Gabi.

- Óóóó, Minas Geraaaais! - completaram Manu e Suzaninha.

- Eu vou, eu vou, pra Minas agora eu vou! Pararatibum! Pararatibum...

- Menos, Gabi! Sete anões e pararatibum ninguém merece! - brincou Manu.

Suzaninha e Gabi tinham dormido na casa de Manu, a dona da mala mais gorda.

- Vai estar calor lá. Em Minas é verão também, sabia? Pra que tanto casaco? - provocou Gabi.

- Porque eu sou friorenta. E porque quero esconder os dois quilinhos que ganhei e não tô conseguindo perder.

- Ninguém percebe esses quilos a mais, só você, Manu - confortou Suzaninha.

- Eu acho que casaco engorda. E não acho que você precise esconder nada, tá a maior gostosa.

- Eu não quero ser gostosa, quero ser modelo. E modelo tem que ser magríssima, não gostosa.

- Mas tem que tomar cuidado com essa obsessão pela magreza. Anorexia é um assunto muito grave, não quero perder você para uma doença horrível como essa!

- Vira essa boca pra lá, Gabi! Não vou ficar anoréxica.

- Por favor!

- Eu estou tão desanimada com a carreira... Achei que com 17 anos eu já teria decolado. Todo mundo sempre me diz que sou bonita, e tal, mas nada acontece.

- Manu, você não é bonita, é linda. E ainda tem muito tempo pela frente - incentivou Suzaninha.

- Não tenho, não. Com 17 anos eu sou praticamente uma avó no mundo das modelos.

- Você tá reclamando de barriga cheia, outro dia mesmo você trabalhou como modelo - lembrou Gabi.

- Você acha que eu considero trabalhar como modelo distribuir panfletos de injeção para fígado de boi em leilão de gado?

- Sério que você fez isso?

- Sério. E tem que estar sempre com aquele sorrisinho ridículo de dançarina de programa de auditório.

- Por que você aceita fazer esse tipo de coisa?

- Faço pela grana.

- Mas seus pais têm grana, você não precisa de dinheiro.

- Não preciso, mas gosto de ter o meu dinheiro. É muito bacana. Mas não é só por isso, eu faço porque se eu começar a dizer não a agência não vai mais me chamar pra nada e vai me botar na geladeira. É legal eles me acharem trabalhadora, para quando rolar uma coisa mais interessante lembrarem de mim.

- Eu achava que modelo só fazia comercial, desfile e foto.

- Eu até faço foto. De mão, de pé. O povo do mercado acha meu pé superfotogênico. Vê se pode, meu pé! Agora sempre me chamam pra fazer foto pra anúncio de sandália, de esmalte... Minha cara que é boa, nada! Ninguém se interessa por ela.

- Ser modelo é difícil, mesmo - observou Suzaninha.

- Bota difícil nisso. Ainda mais quando você não emplacou. Te chamam pra cada coisa... Distribuir panfletos imobiliários, dar amostras grátis de produtos na saída de escolas ou em festas, embelezar estandes de feiras agropecuárias, trabalhar como demonstradora de produtos de maquiagem... tudo isso pode ser considerado trabalho de modelo.

- Precisa ser modelo pra isso? - indagou Suzaninha.

- Precisar, não precisa, mas quando um cliente procura uma agência de modelos para um trabalho como esse é sinal de que está em busca de pessoas bonitas.

- E eles pagam bem? - quis saber Gabi.

- Não muito. Mas pagam direitinho.

- Bom-dia, flores! - saudou a mãe de Manu, entrando no quarto com uma alegria infinita e interrompendo o assunto de modelo.

- Bom-dia, mãe.

- Ô, minha loirinha linda, dá beijo aqui na mamãe. A mãe mais linda do mundo!

- Linda e modesta! - brincou Manu. As duas se abraçaram.

- Menos, querida, aperta menos. Mamãe botou peito há 15 dias, ainda tá um pouco dolorido.

- Você botou mais silicone, tia Maclá? - espantou-se Gabi.

- Ah, botei. Não estão lindos? - perguntou a mãe de Manu, abrindo o roupão rosa pink que vestia e mostrando os seios novos para as amigas da filha.

- Manhê! - gritou Manu, roxa de vergonha!

- O que foi? Elas nunca viram peito na vida? Deixa de ser boba, Manuela! Eu quero, e posso, mostrar meus peitos, eles estão um *espeitáculo!*

- Ai... que péssimo! - riu Manu.

- Venham cá, meninas, venham ver de perto a perfeição em forma de seios.

- Pára com isso, mãe!

- Deixa de ser fresca e moralista, Manu! Elas são mulheres, têm peitos também! Pequenos, mas peitos.

Essa era a mãe de Manu. Divertida, com a alma jovem e sempre disposta a uma cirurgia plástica.

- Posso apertar, tia? - quis saber Gabi.

- Claro que não! - respondeu Manu imediatamente.

- Claro que sim! Vem cá, Gabi, devagar, hein?

- Posso também?

- Claro, Suzaninha! Todas as minhas amigas já apertaram, imagina se eu ia privar vocês disso!

Aperta daqui, apalpa de lá, os peitos de Maclá fizeram o maiorrr sucesso com as adolescentes.

- Eu não mereço. Eu não precisava ver essa cena. Às cinco e meia da manhã, minhas amigas apertando os peitos da minha mãe. Que cena linda! Que cena fofa!

As três riram de Manu.

- E aí? Malas prontas? - perguntou Maclá, amarrando o roupão.

- Prontíssimas - responderam em coro.

- Empolgadas?

- Empolgadíssimas! - disseram juntas novamente.

- Já sabem, hein? Esse negócio de ficar com vinte por noite é um nojo. Três ou quatro ainda perdôo, é Carnaval, mas vinte é uma troca de bactéria que me dá ânsia.

- Mãe!

- É o que eu acho, filha, Vocês duas podem fazer o que quiserem, mas não deixem minha Manuzinha botar a boca em qualquer boca, por favor. Boca feia, fora de cogitação! E boca sem dente neeeem pensar!

- Pode deixar que a gente toma conta dela, tia - disse Gabi.

- Maravilha. Vamos tomar café? Não quero atrasar ninguém, o ônibus de vocês sai às seis em ponto. Pedi pra fazer uma broa de milho que é muito mais gostosa quando está quentinha. Vamos?

Enquanto isso, na casa de Ritinha...

- É o Leandro, Rita de Cássia. Esse menino não enjoa de você, não? Ô, grude! - disse Cecília, mãe de Ritinha, anunciando o menino, que fora tomar café-da-manhã na casa da namorada.

- Nunca vi isso. Ficaram juntos até tarde da noite ontem, hoje de manhã o menino já está aqui. Ainda bem que vocês vão se separar um pouco, namoro assim é uma porcaria - resmungou seu Onofre.

Ritinha fez que não ouviu. Os dois tomaram café com os olhos grudados um no outro, numa tristeza infinita. Parecia que Ritinha estava de partida para um período de quatro anos na China.

- São só cinco dias em Minas! Eu volto logo... - derreteu-se Ritinha para Leandro.

- Vou morrer de saudade.

- Eu também.

- Eu vou mais.

- Não. Eu vou.

- Eu vou.

- Eu vou.

- Ai, ai, ai! Os dois vão morrer de saudade! Agora anda, Ritinha, se apresse! Já, já a Maclá está aí com as meninas!

- Ô, mãe! Já vou.

- Não vai, não.

- - Vou, sim, Lê.

- Não vai, não.

- - Vou, sim.

- Ela vai, sim, já está decidido e combinado, ô, coisa chata! Vocês se vêem na volta. Agora dá licença, Leandro. Ritinha tem que tomar banho para esperar as amigas. Vamos, filha.

- Eu vou esperar você aqui na sala.

- Espera?

- Espero.

- Espela...

- Espelo.

- Espela xim...

- Ele espera, menina! Não tá ouvindo o garoto dizer 'espero, espero, espero'? Ficou surda?

- Quem te viu, quem te vê, hein, Ritinha? A menina durona virou uma manteiga derretida. Anda, vai tomar banho - resmungou seu Onofre, empurrando a filha para dentro.

Em quarenta minutos, a buzina da mãe de Manu acordou a rua e separou os namorados mais grudados de Resende, do Rio, do Brasil, do planeta Terra.

A despedida dos dois foi cinematográfica. Mais cafona do que o mais cafona dos filmes cafonas.

- Eu te amo - declarou-se Ritinha.

- Eu te amo mais.

- Não, eu te amo mais.

- Eu.

- Eu.

- Eu.

- Eu vou deixar de amar os dois a-go-ra se esse grude insuportável continuar - brincou Maclá. - Vamos acabar logo com isso, gente, não quero que vocês percam o ônibus!

- Tá bem, tia... - conformou-se a apaixonada.

- Tchau, meu amor.

- Me liga?

- Ligo.

- Sempre que quiser, tá?

- Toda hora.

- Todo minuto!

- Todo segundo!

- Toda paciência que houver nessa vida, é isso que eu lhe peço, Senhor! - Levantou as mãos para o céu Maclá. - E então, chatonildos? Podemos ir?

Manu, Gabi e Suzaninha estavam no carro imitando os apaixonados, debochadas que só elas.

Ritinha deu um beijo nos pais, outro enorme e demorado no namorado e entrou no carro. Cumprimentou as meninas, pediu desculpas por atrasá-las, mas pediu sua compreensão.

- É a primeira vez que a gente vai ficar tanto tempo longe um do outro...

- Óóóó... é a plimeila vez, é? - debochou Gabi.

- Eu te amo, Manuô! - ironizou Suzaninha, chorosa.

- Eu também te amo, Suzaninhaaa! - entrou na brincadeira Manu.

- Eu amo vocês, gente! Buáááá! - fez Gabi.

- Ai, como vocês são implicantes. Olha só, Gabi, você não pode implicar comigo, não! Quando você estava apaixonada pelo Diogo eu tinha que aturar Di pra lá e Di pra cá o tempo inteiro! Ouvia o nome desse infeliz 24 horas por dia. E olha que vocês nem namoraram!

- Para sorte dela! - exclamou Suzaninha, ex do Diogo.

- É verdade, é verdade. Prometo que vou implicar menos com você, Ritoca - admitiu Gabi.

O motorista ligou o carro. Maclá não podia dirigir antes que a cirurgia nos seios completasse um mês, mas fez questão de acompanhar a filha até a rodoviária.

- Prontas para o Carnaval?

- Prontas! - responderam as quatro em coro.

- Então lá vamos nós! - disse ela. - O que vocês querem ouvir?

- Pitty! - gritou Suzaninha.

- Beyoncé! Ivete! - sugeriu Manu.

- Madonna! Rolling Stones! Marisa Monte! - disse Gabi.

- Eu te amoooooo - berrou Ritinha, com todas as cordas vocais, com a cara pra fora da janela, para Leandro, que corria atrás do carro como se nunca mais fosse ver a amada.

- Xi... Não tenho essa música - implicou Maclá. - É do Chico, né?

As outras três estavam espantadas. Tinham certeza de que o momento "eu te amo" havia acabado segundos atrás.

- Eu também! - berrou Leandro, tentando se fazer escutar, comendo a poeira deixada na rua de terra pela picape de Maclá.

- Olha o nosso pacto, hein? - alertou Ritinha antes de mandar pra ele um beijo e fechar a janela.

Silêncio. Lágrimas escorriam tímidas no rosto da apaixonada enquanto sua mão parecia tentar segurar o coração já apertadinho de saudade.

- Pacto? - perguntaram Suzaninha, Manu, Gabi e Maclá.

- É, a gente fez um pacto.

- Conta.

- Ai, gente, agora não dá, tô triste... muito triste ficar sem o Lê.

- Muito triste é deixar a gente sem saber que pacto é esse - estrilou Manu.

- Conta, anda! - insistiu Gabi.

- Ah, a gente fez um pacto de comportamento.

- Como é que é isso? - perguntou Suzaninha.

- Eu dei pra ele uma carta que chamei de pacto. Se algo ali for descumprido, nosso namoro acaba.

- O que dizia a carta? - ficou curiosa Gabi.

- Tá aqui, ó. Eu fiz uma cópia. Podem ler.

PAPPOC - Pacto Amoroso Para Passar Otimamente o Carnaval

I - É terminantemente proibido trair. Traiu, acabou o namoro.

Por trair, entenda-se:

a - beijar uma pessoa; b - pensar em outra pessoa; c - *olhar para outra pessoa por mais de dois segundos; d - sorrir para uma pessoa do sexo oposto;* e - *perguntar as horas para pessoa do sexo oposto; f - abraçar por mais de dois segundos uma pessoa do sexo oposto; g - dançar com uma pessoa do sexo oposto; h - sonhar com uma pessoa do sexo oposto que não seja eu; i - fazer piadinhas zero engraçadinhas para pessoas do sexo oposto; j - apertar a bunda de pessoas do sexo oposto, mesmo que seja de brincadeira porque é Carnaval.*

2 - É terminantemente proibido cair em tentação. Caiu, acabou o namoro.

O que fazer para não cair em tentação?

RESPOSTA: Se você vir uma bonita pessoa do sexo oposto, interessante e sensual, desvie o olhar na mesma hora. Caso bonita pessoa olhe pra você e se aproxime com segundas intenções (estamos em pleno Carnaval, esse tipo de coisa acontece), para não cair em tentação, nossa arma é o celular.

RESUMINDO:

Nosso pacto = *viu bonita pessoa do sexo oposto, pensou por mais de dois segundos em bonita pessoa do sexo oposto, se interessaria por bonita pessoa caso não estivesse namorando, ficou com vontade de dar uns pegas de Carnaval (ou seja, sem compromisso) em bonita pessoa: liga para mim na mesma hora. Assim espantamos a tentação e lembramos o quão apaixonados somos um pelo outro.*

Por fim: repetir mentalmente antes de dormir e ao acordar:

Eu amo a Ritinha. Eu amo a Ritinha. Eu amo a Ritinha.

- Ritinha! Isso é um absurdo! Você vai ficar histérica cada vez que o telefone tocar - chiou Gabi.

- Não, isso é só para a hora do baile.

- Baile? - ficou curiosa Manu,

- É, baile. Quase tive um ataque cardíaco quando ele me disse que vai para um baile de Carnaval em Valença.

- Fala sério!

- Tô falando, Manu! Quase desisti de ir com vocês quando ele me contou. Achei que a viagem a Valença ia ser calminha, no hotel-fazenda o tempo inteiro... Nunca achei que eles fossem a baile nenhum.

- Nem eu! Pensei que ele fosse no mesmo esquema que a gente, para descansar, aproveitar o feriado quietinho, ficar com os cavalinhos, as vaquinhas... nada de folia - disse Suzaninha.

- Eu também. Ele também! Mas ele disse que não vai ter como escapar desse baile, os pais dele conhecem uma galera em Valença que já reservou mesa e tudo. Um saco!

- Mas você disse pra ele que não ia a baile nenhum em Porto das Rosas?

- Claro que disse, Manu!

- E ele? Não ficou arrasado ao saber que vai se divertir enquanto você fica em casa vendo o desfile das escolas de samba pela tevê procurando celulite nas madrinhas de bateria? - quis saber Suzaninha.

- Não sei se ele ficou arrasado... Mas a boa parte é que ele vai com os pais, então acho que não corro muito perigo de ganhar um par de chifres na testa...

- Vem cá, foi por causa desse baile que você criou esse pacto exagerado?

- Foi, Gabi. Se ele achar que vai cair em tentação, liga pra mim na mesma hora, pra lembrar o quanto eu sou importante na vida dele, maravilhosa, fofa, a melhor namorada do mundo.

- Então ele só vai te ligar na hora do baile? - quis saber Maclá.

- Claro que não, tia! Nos outros dias a gente vai se falar direto, toda hora.

- Ai, tô começando a ficar arrependida de ter chamado você. Achei que você ia ficar com a gente, mas vai ficar lá com a cabeça em Valença - foi sincera Suzaninha.

- Pô, Ritinha, a proposta não é essa. A proposta é celebrar nossa amizade, e não ficar pendurada no telefone com o namorado.

- Ah, gente! Não tô a fim de ser traída, não! Perdôo tudo: menos traição. E se trair, ai dele se não me falar.

- Você vai querer saber?

- Claro.

- Se ele falar você perdoa?

- Não. Termino tudo, Suzaninha. Não perdôo mesmo.

- Mas você não ama o Leandro? - Amo, Gabi, mas não quero ser chifruda.

- Se ele não contasse, você não iria saber e continuaria feliz com ele - opinou Gabi.

- Tá louca? - reagiu Ritinha.

- Eu não vou querer saber se um dia for traída - concluiu Gabi.

- Vai querer ser corna mansa? - perguntou Ritinha.

- Sei lá, acho que vou. O que os olhos não vêem, o coração não sente. Se eu amar muito o garoto, não vou deixar que um beijinho inocente acabe com a minha relação.

- Sério? - espantou-se Manu.

- Sério. Só não perdoaria se meu namorado me enganasse, ficasse direto com uma outra pessoa enquanto estivesse comigo...

Isso é mentira, é enganação, é péssimo. Mas tudo depende de conversa, do namorado...

- Você diz isso porque não tá namorando. Quando você namorar sério, vai ver como é ruim ter a insegurança de ser traída.

- Eu não sou nada insegura. Confio muito no meu taco. E acho que se estou com um garoto tenho que confiar nele e ele em mim. Além do mais, sou ótima pessoa, tenho certeza de que ninguém em sã consciência me trairia, seria uma coisa do acaso.

- Gabi, você tem certeza de que tem 16 anos? Eu só fui pensar assim depois dos 30 - disse Maclá, que costumava dizer que tinha "quarenta e uns" quando perguntavam sua idade.

- Nossa, Gabi! Eu jamais conseguiria ser assim, sou mega-ciumenta! - admitiu Manu.

- Como é que você sabe? Nunca namorou sério... Fica duas semanas com um menino e depois acaba... - disse Ritinha, sem intenção de ferir a amiga.

Mas feriu.

Manu baixou os olhos. Esse assunto a estava deixando bem tristinha ultimamente. Ela já estava com 17 anos e nunca tinha namorado seriamente ninguém. Só alguns rolos aqui e ali. E, não bastasse a vida amorosa inexistente, sua carreira de modelo deixava a desejar. Manu andava bem borocoxô. Viajar com as amigas, ela acreditava, lhe daria uma injeção de ânimo.

- Ô, Ritinha! Eu só fui namorar sério com 19 anos. A Manu é muito bonita, assusta os meninos - partiu em defesa da filha Maclá.

- Mãe, isso é o maior papo de mãe, tá? A Gabi é linda e vive acompanhada.

- Que é isso? Nunca namorei de verdade - disse Gabi.

- E o Doda? O Gabriel, o Beto, o Homero, o Giovani?

- Ah, fiquei com eles mais tempo do que o normal, só isso. Mas nunca fui apaixonada por nenhum deles. E não chamei nenhum deles de namorado.

- Mas eles te apresentavam como namorada.

- Eu sei, eles me namoravam, eu é que não namorava eles, Manu.

- Ah, e vamos combinar uma coisa? O que adianta namorar se o cara é um idiota como o Diogo? - pontuou Suzaninha. - Antes só do que mal acompanhada.

- Concordo com a Su. E namorar só porque todas as meninas namoram, ou só pra dizer que tem um namorado, é ridículo - opinou Gabi.

- Mas eu tô tão carente...

- Ô, Manu, foi mal... não queria te deixar chateada... - desculpou-se Ritinha.

- Mas deixou, Ritinha. Você era totalmente encalhada até outro dia, não vem posar de namoradeira, tá?

- Manhê! - bronqueou Manu.

- Ah, é isso, mesmo! Todo mundo desencalha um dia, até a minha filha vai desencalhar!

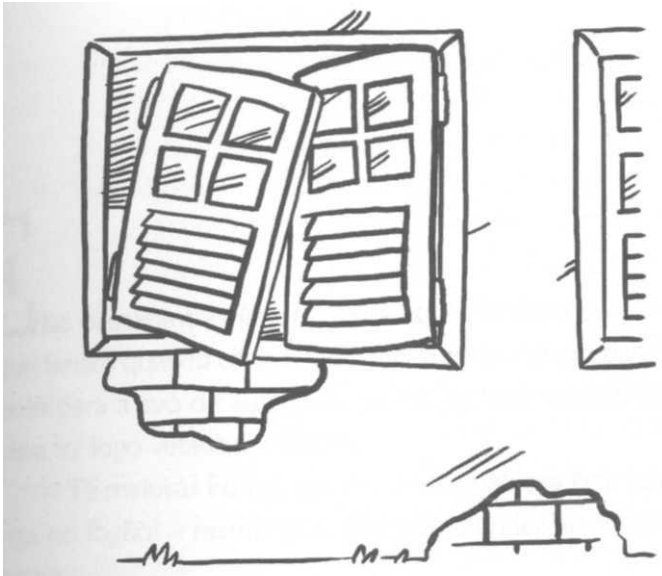
- Pára, mãe! Eu não sou encalhada!

- Encalhadinha, pronto. Melhorou? - fez graça Maclá.

- Dââ! - debochou Manu.

O assunto morreu, as quatro voltaram a sorrir e a implicar umas com as outras. Em pouco tempo estavam na rodoviária, ansiosíssimas, prontas para viver um feriado daqueles. Nada de folia, a única permitida era a festa do pijama, em que só elas entrariam e já tinham combinado uma guerra de travesseiros.

O iPod de Manu contabilizava várias listas com as músicas ideais para os cinco dias no sítio. Trilha sonora para a piscina, para a sauna, para as noites, para as tardes... Estavam prestes a viver uma história em que elas e sua amizade seriam as protagonistas. Ninguém mais. Piscina, sol, caminhadas, banhos de rio, lago, o que fosse. Estavam juntas, mais unidas do que nunca, e isso era a coisa mais importante naquele momento.



O sítio

Elas passaram a viagem inteira tagarelando e combinando o que fariam quando chegassem. Gabi sugeriu que preparassem um bolo para a avó de Suzaninha, para agradecer a hospitalidade. A idéia foi logo vetada por Ritinha.

- Tá maluca? Eu vou pra descansar, não pra ficar com a barriga no fogão! - resmungou, antes de atender ao sétimo telefonema.

- É ele de novo? - quis saber Gabi, irritada.

- É. É o mala de novo - respondeu Manu, impaciente e irritada.

- Shhh! - recriminou Ritinha.

Quando desligou, Manu ameaçou jogar seu celular pela janela caso ela continuasse falando de cinco em cinco minutos com Leandro.

- Desliga essa porcaria, Rita de Cássia! - insistiu a loirinha.

- Não consigo.

- Claro que consegue! - disse Gabi, - Desliga! Desliga! Desliga! - puxou corinho, imediatamente acompanhada por Manu e Suzaninha.

- Não consigo... - repetiu Ritinha.

- Beleza, eu consigo - fez Gabi, pegando o celular da mão da apaixonada e desligando-o, decidida. - Ai, agora vai ser bem melhor a viagem.

- Boa, Gabi! Só assim pra gente conseguir conversar sem interrupção.

- Gabi, devolve meu celular, não tem graça!

- Tem certeza de que você vai querer? Tô sentada em cima dele e acabei de soltar um daqueles puns trogloditas.

- Ecaaaa! Sua nojenta!

- Esquece esse telefone, Ritinha - bronqueou Manu.

- Eu achei que vocês gostassem do Leandro...

- Eu também achava, mas se ele desse mais um telefonema eu ia odiá-lo pro resto da vida - foi sincera Gabi.

- Eu não sei se eu gosto do Leandro... Ele é chato - implicou Suzaninha.

- É beeem chato - endossou Manu.

- Também, pra namorar a chata da Ritinha, tinha que ser um chato, né? - riu Gabi.

A tromba de Ritinha deu lugar a um sorriso e as quatro voltaram a conversar e quase não viram passar as seis horas de viagem. Quando deram por si, estavam em Belo Horizonte, de onde iriam para Porto das Rosas levadas por dona Hemengarda, avó de Suzaninha, que as esperava na rodoviária com um sorriso no rosto.

- Suzaninha, meu amor! Que saudade! E que amigas lindas! - exclamou assim que viu a neta. Em seu ouvido, durante um abraço superapertado, sussurrou: - Você é muito mais linda que todas elas juntas, mas a gente não precisa dizer isso pra elas.

Suzaninha riu e apresentou Gabi, Manu e Ritinha à avó.

- Você é a que está namorando um menino grudentinho? - quis saber dona Hemengarda.

Contrariada com o "grudentinho", Ritinha quis saber:

- Não é grudentinho, nada. Mas... como é que a senhora sabe?

- Você está com cara de apaixonada. Conheço essa carinha.

- A senhora acha? Ai, gente, que lindo! Dá pra ver na minha cara que estou apaixonada...

- Ainda bem que não dá pra ver sua chatice - alfinetou Gabi.

- Até que dá, mas minha avó não enxerga muito bem - entrou na brincadeira Suzaninha.

- Dâââ!!! - reagiu Ritinha.

Quando chegaram ao carro, um fusca de 1969, Suzaninha disse:

- Acho que as malas não vão caber aí, vó...

- Claro que vão, querida.

Quase não couberam. A bagagem foi espremida na mala do carro, embaixo dos bancos e no colo das meninas. Suuuuperconfortável. Quando, enfim, dona Hemengarda conseguiu ligar o carro, depois de seis tentativas e um empurrãozinho amigo de gente que estava por perto, Suzaninha perguntou:

- Tem ar?

- Ar-condicionado? Claro que não, querida! Mas tem ar-considerado - riu dona Hemengarda. - É só abrir a janela que fica fresquinho, fresquinho.

- Quanto tempo de viagem até Porto das Rosas? - quis saber Ritinha, o suor escorrendo na cabeça, nas pernas.

- São 483 quilômetros, umas cinco horinhas. Já, já a gente chega lá.

- Cinco horinhas? Cinco horinhas? Cinco horinhas é "já, já" desde quando? O "já, já" da dona Hemengarda é bem diferente do meu "já, já". Quando eu digo "já, já" é "já, já" - estrilou Ritinha.

- Shhh! - repreendeu Gabi. - Olha a falta de educação, a gente vai ficar cinco dias na casa dela.

Depois de três horas de viagem num fusca onde estavam mais espremidas que sardinha enlatada...

- Tô com fome, vó - chiou Suzaninha. - A gente não almoçou, só comeu bobagem na estrada.

- Ah, mas eu não posso parar, não, querida. Quer dizer, depende de você. Esse carro demora pra pegar, você viu. Às vezes não pega de jeito nenhum e aí vocês é que vão ter que me ajudar a empurrar, porque na estrada ninguém pára para ajudar, não.

Empurrar um fusquinha? Debaixo daquele sol de matar? Encostar suas mãos lindas naquele carro fervendo? Fazer força? Manu apavorou-se com a idéia e logo tratou de dizer:

- Não vamos parar, não, dona Hemengarda, eu tenho barrinha de cereal aqui, a Suzaninha come e engana a fome.

- Ah, ótimo! Mas não come muito, não. Quero que você mate sua fome no sítio. Fiz aquele bolo de banana que você adora. Já, já a gente está em casa comendo até encher a pança.

É, Ritinha estava certa... O "já, já" de dona Hemengarda era bem diferente do dela. E do de todos os outros habitantes do planeta. Quatro horas haviam se passado e a sensação é de que estavam naquele carro há séculos. Pudera! O fusquinha de dona Hemengarda não passava de quarenta por hora.

- Que é, seu paspalhão? Pára de buzinar e passa por cima! Estou com crianças no carro, não está vendo? - reclamou a senhorinha, irada, com o motorista do carro detrás.

- A gente não é mais criança, vó.

- É você! É a sua mãe! - gritou dona Hemengarda. -Bostinhaaaa!

- Vóóó!

- Não é você, querida, é o filho de uma égua que acabou de me cortar e quase bateu na gente.

- Pode acelerar, vozinha... Acho que a senhora está atrapalhando o trânsito indo assim, tão devagar.

- Ah, é? Tá devagar? Querem correr, querem? Diante do silêncio...

- Querem correr ou não querem?

- Que-quereeemos! - responderam elas em coro.

- Então apertem os cintos! Agora vocês vão ver do que esse carrinho é capaz! Seguuuura, peão!

Dona Hemengarda finalmente passou a quarta marcha e pisou no acelerador. Foi a cinqüenta por hora até Porto das Rosas, com o cano de descarga fazendo um barulho que Deus me livre.

Uma hora e cinqüenta minutos depois...

- A gente tá viajando há quanto tempo? Noventa horas? -perguntou Ritinha no ouvido de Manu.

- 120 - respondeu a loirinha, exausta.

- Minha bunda tá quadrada, preciso levantar, esticar as pernas... - reclamou Suzaninha.

- Já estamos chegando, filhota! Já, já estamos chegando.

Quase oito (oito!) horas haviam se passado desde que saíram de Belo Horizonte. O céu estava negro e lotado de estrelas quando dona Hemengarda enfim anunciou para a trupe, que àquela altura já estava cochilando no fusquinha:

- Olha o sítio aí, pirralhada!

Nunca foi tão bom ser acordada com um grito.

- U-hu!!! - empolgou-se Suzaninha!

As outras três bateram palmas, aliviadas com a chegada ao tão sonhado destino. Olharam para os lados, empolgadas, procurando a casa que conheceram pelas fotos. Mas só viram um muro descascado, branco desbotado, caindo aos pedaços.

Dona Hemengarda parou em frente ao portão e saiu do carro para abri-lo.

- Ué, não tem ninguém para abrir para a senhora?

- Que nada! - respondeu a senhorinha enquanto saía do carro.

- Cadê o Gildo? O Amâncio? O Dodô?

- Gildo foi embora, quis estudar pra ser alguém na vida. Foi fazer Veterinária, sempre gostou de bicho. Amâncio foi para Belo Horizonte tentar a sorte como flautista. Ele é péssimo com a flauta, mas eu não ia desanimar o coitado. Dodô casou com uma lambisgóia e pediu as contas.

- O Dodô? Mas ele não era casado?

- Era, com a Elzinha, mas não no papel.

- E ela?

- Foi com ele, acredita? Casamento moderno, a três. Vê se pode! Onde é que esse mundo vai parar?

- Tô boba, vó...

- Eu não fiquei boba, não, Fiquei foi pau da vida com a Elzinha! Ela faz o melhor pudim de leite do mundo, não podia me abandonar e me deixar sem meu pudim.

- Então agora a senhora está sem empregado?

- Estou só com o Edmilson. Ele cozinha, limpa a piscina, corta a grama, arruma a casa, cuida do jardim, faz a manutenção de tudo, me leva pra passear, joga baralho comigo...

Quando o portão se abriu, as quatro logo perceberam que Edmilson não arrumava a casa, não cortava a grama, não cuidava do jardim e muito menos limpava a piscina. A grama parecia um matagal, as flores estavam murchas e a piscina cheia de folhas.

Estacionaram em frente à casa principal, cuja pintura estava descascando, a exemplo do muro. A varanda - antes decorada com uma rede, duas poltronas e uma mesa de quatro lugares onde a avó servia quitutes e jogava cartas com as amigas - tinha apenas uma cadeira de balanço.

- Cadê os móveis, vó?

- Ah, caiu um temporal e destruiu tudo. Era água para todo lado. A cadeira de balanço eu consegui salvar. Ainda bem, gosto muito de fazer meu tricô olhando para o jardim ouvindo as cigarras e os bem-te-vis.

- A senhora fica aqui sozinha?

- Fico.

Suzaninha engoliu em seco ao pensar na cena de sua avó sozinha, pior!, solitária, tricotando. Cortou seu coração.

- Mas eu gosto de solidão, querida. Vovó já está acostumada, não precisa ficar preocupada - disse dona Hemengarda, segurando o queixo da neta e dando nela uma bitoca no nariz. - E então, meninas? Tem alguém com fome aí?

- Muita fome! - foi sincera Ritinha.

- Ai, que maravilha! Tem um bolo de banana, que é o preferido da Suzaninha, esperando por vocês. Querem comer aqui ou lá dentro?

- Melhor lá dentro, vó, senão os mosquitos vão devorar a gente aqui fora.

- Melhor, mesmo. Até porque não tem onde sentar aqui na varanda. Que cabeça a minha... - lamentou dona Hemengarda.

- Bolo? Não vai ter jantar? - sussurrou Ritinha para Manu.

- Pelo visto, não, Ritinha. Vamos encher a cara de bolo.

- Vamos lá dentro, a gente ajuda a senhora a servir - prontificou-se Gabi.

As três entraram e Suzaninha quedou-se um tempo de pé na varanda, olhando em volta. Aquele lugar não lembrava, nem de longe, o sítio onde passara os melhores momentos de sua infância... Estava abandonado, largado... E não era um sítio qualquer. Era a casa de sua avó. Ela morava ali, o lugar não poderia estar naquele estado... Uma tristeza bem doída invadiu o peito da menina, que teve de segurar o choro. A única coisa que a deixou feliz foi ver que a goiabeira onde subia para comer goiabas continuava lá, só não tinha mais no galho gordo o balanço onde se sentia a garota mais feliz do mundo, pois achava que tocaria o céu, de tão alto que ia nele. Suas lembranças foram cortadas com um chamado.

- Suzaninha! Você não vem, meu amor?

- Claro que vou. Estou morrendo de saudade do seu bolo de banana, vozinha.

Ao chegar à cozinha, Manu, Gabi e Ritinha estavam à espera da amiga com seus pedaços devidamente cortados.

- Que fofas! Estavam só me esperando para comer? - perguntou Suzaninha.

- Eu quis comer logo, mas a Manu e a Gabi falaram para te esperar. Sabe como é, né? Minoria perde.

Suzaninha riu do comentário sincero da gulosa Ritinha enquanto sua avó partia uma fatia generosa para ela.

- Nossa, vó, como tá bonito!

- Deve estar delicioso - elogiou Gabi. Com sua fatia no prato, Suzaninha disse:

- Viva as calorias! Bora comer, mulherada!

As quatro esfomeadas puseram seus garfos em ação e botaram na boca pedaços gigantes.

- E então? - quis saber dona Hemengarda, curiosa, olhinhos brilhando de felicidade por dar à neta e às amigas um bolo que fazia tão bem.

As meninas não conseguiram disfarçar. O doce estava... estava... assim... pa-vo-ro-so. Para usar uma palavra publicável.

Mastigando com dificuldade e bem devagar, para não ter de engolir tão cedo, Manu foi a primeira a dizer, com a boca cheia:

- Está muito bom, dona Hemengarda.

- Uma maravilha - entrou na mentira Gabi.

- A senhora me desculpe, mas está com gosto de unha comida - entregou Ritinha, cuspindo seu pedaço num guardanapo.

- Vó, acho que em vez de açúcar você botou... sal...

- Não brinca! Deixa eu provar! - disse a senhorinha. Cuspiu na mesma hora. - Meu Deus! Isso está um horror! Está com gosto de cotovelo! Meninas, que lapso o meu! Não acredito que troquei açúcar por sal. Mil desculpas, mil desculpas...

As quatro ficaram com peninha.

- Não fica assim, vó... Essas coisas acontecem.

- Mas não podiam acontecer. Não hoje! Fiz com tanto carinho...

- Mas não está tão ruim, dá para comer - tentou Gabi. - Né, gente? Vamos comer! - disse, botando mais um pedaço enorme na boca.

Nenhuma das três acompanhou a amiga.

- Ô, querida, muito obrigada, mas torta de banana salgada, para falar a língua de vocês, ninguém merece! Não sei o que aconteceu, o pote do açúcar é parecido com o do sal, eu não estou enxergando muito bem... fiz confusão. Que pena... Vou fazer outro agora mesmo.

Dona Hemengarda estava desolada. Foi à despensa e voltou mais desolada ainda...

- Acabou o açúcar... Foi aí que Manu teve uma idéia.

- Por que a gente não sai pra comprar açúcar para a senhora fazer outro bolo?

- Ótimo, Manu! Vamos, gente? - empolgou-se Suzaninha.

- Espera aí, eu vou pegar a chave do carro.

- Não precisa, vó, até o fusca ligar já deu tempo de a gente ir e voltar. Vou a pé mesmo com as meninas, é tão pertinho a padaria... - brincou Suzaninha.

- Eu acho que vou ficar aqui com a sua avó, fazendo companhia pra ela - prontificou-se a preguiçosa Ritinha, que não tinha gostado nada da idéia de caminhar.

- E você, Gabi?

- Su, eu acho que vou ter que ficar porque... porque... - Não teve tempo de completar. Saiu correndo com a mão na boca em direção ao banheiro. Seu estômago não estava preparado para duas fatias de torta de banana salgada.

- Ah, coitadinha... - lamentou dona Hemengarda.

- Fica assim, não. A Gabi vomita à toa - mentiu Manu, para levar um sorrisinho ao rosto enrugado de sua anfitriã.

- Você é linda por dentro e por fora, viu, Manu? - derreteu-se dona Hemengarda.

- Bom, vou com a Manu, então. Já volto. Precisa de mais alguma coisa, vó?

- Não, querida, só açúcar, mesmo. Banana tem à beça, as bananeiras estão apinhadas, o Edmilson pegou muitas ontem.

- Vou comprar macarrão instantâneo também, tá? Enquanto você faz o bolo a gente traça o macarrão e depois come o bolo de sobremesa.

- Claro! Que péssimo da minha parte! Fiquei tão feliz com o doce que nem me lembrei de fazer jantar para vocês. Minha cabeça não anda boa, mesmo...

As duas partiram. No meio do caminho, Suzaninha começou a chorar.

- Que foi, Su?

- A minha avó... Não acredito que ela está vivendo numa casa tão largada... Ela é tão linda, merecia uma velhice muito melhor... Uma vida muito melhor...

- Ô, Suzaninha, vem cá, vem...

As duas se abraçaram e Suzaninha caiu no choro no ombro de Manu.

- Chora, pode chorar com vontade. Melhor fazer isso aqui do que na frente dela. Ela ia ficar arrasada de ver você triste.

- Eu queria tanto fazer alguma coisa para ajudar a minha avozinha...

- Eu sei, Su...

- Mas como é que eu posso ajudar? O que eu posso fazer pra melhorar a situação dela? O quê? - disse, chorando mais ainda.

Manu enxugou as lágrimas da amiga, deu mais um pouco de seu ombro a ela e Suzaninha pareceu se acalmar.

- Estar aqui ao lado dela já é uma grande ajuda, pode ter certeza.

- Obrigada, Manu. Mas eu queria muito mais. A minha avó merece muito mais...

Voltaram a caminhar rumo à padaria, de mãos dadas, em silêncio. Até que Suzaninha resolveu desabafar mais um pouco:

- Eu estou morrendo de vergonha...

- Por quê, criatura?

- Porque prometi para vocês o Paraíso, mandei aquelas fotos lindas... E vocês chegam aqui e o sítio é a visão do inferno, - O, Su, não exagera, vai.

- Não dá para acreditar que em dois anos a casa onde eu passei as melhores férias da minha vida se transformou nesse lugar sem vida, sem alma... Eu vim aqui há dois anos e estava tudo tão diferente... Dá pra acreditar?

- Claro que dá. Eu imagino o que você está sentindo...

- Olha, Manu, se vocês quiserem voltar pra Resende amanhã, eu vou entender.

- E ficar sem guerra de travesseiro? Sem sol? Sem dias de papo pro ar com as melhores pessoas que conheço? Tá maluca?

Manu conseguiu arrancar um sorriso de Suzaninha. Andaram mais um pouco e chegaram à padaria. Quando pediam o quilo de açúcar no balcão, o inesperado aconteceu.

O encontro

Estacionou em frente ao estabelecimento uma caminhonete azul-marinho e dela saiu um garoto alto, uns 19, 20 anos no máximo, cabelo castanho desgrenhado, sensacional barba por fazer, nariz afilado, boquinha pequenininha, porém carnudinha, o charme em forma de gente. Imediatamente os olhos de Manu cruzaram com os dele e o encantamento à primeira vista pegou os dois de surpresa.

- Ô, menina! Meninaaaa! Ô, loirinha! Tá aqui o açúcar, ó! -avisou pela terceira vez o funcionário, com o quilo do produto nas mãos, esperando Manu pegá-lo.

- Ah, tá... Desculpa, estava distraída. Obrigada - agradeceu, meio zonza com a visão do Charmosíssimo, como ela o batizou mentalmente.

Suzaninha namorava, do lado oposto da padaria, as bombas de chocolate dispostas na vitrine do outro balcão. Com o saco de açúcar nas mãos, Manu aproximou-se da amiga para comentar sobre o Charmosíssimo, mas antes de abrir a boca prendeu a respiração para ouvir sua voz, que soou como música.

- Me vê 18 pães franceses, presunto sem gordura, queijo-minas, mortadela, pó de café, Coca Light e cerveja, por favor - pediu. Manu virou a cabeça e seus olhos cruzaram novamente com os dele. Que frio na barriga ela sentiu! - Oi, tudo bem?

- Tudo bem - respondeu, tímida. - Mora aqui ou veio só passar o Carnaval?

- Carnaval...

- Eu também. Mora perto?

- Perto.

- Onde?

- Onde... Onde o quê?

- Onde você mora?

- Moro em Resende, no Rio.

- Não é perto daqui.

- Não é perto daqui.

- Eu sou de BH. - BH...

Já deu pra perceber que no xadrez da conquista Manu era um pouco devagar, né? Estava tão abobada com a presença do Charmosíssimo que não conseguia começar uma frase sem repetir a última palavra dele.

- Vocês estão em alguma pousada?

- Pousada... É, pousada... - respondeu e levou um pisão de Suzaninha. Só então percebeu o furo e corrigiu: - Quer dizer, estamos no sítio da avó da minha amiga, que parece uma pousada.

- E o que estão planejando fazer nos dias de folia?

- Folia? Não vai ter folia, vamos ficar em casa.

- O quê? Vocês não vão pro baile do Jóquei? Nem pra Coronel Olavo?

- Pra onde?

- Pra Coronel Olavo! É lá o melhor Carnaval de rua de Minas!

- Sério?

- Sério! É na Coronel Olavo que a gente abastece, encontra a galera, samba... Depois vai todo mundo para o baile do Jóquei Clube, que é irado.

- Olha, nem tinha pensado em ir pra rua ou pra baile... Vim aproveitar o feriado para ficar com as minhas amigas...

- Que pecado deixar essa beleza toda dentro de casa no sábado de Carnaval! Não faz isso...

Manu se derreteu. E sentiu suas bochechas ferverem. Sabia que tinha ficado vermelha.

- Vai lá encontrar a gente amanhã! E leva as suas amigas. Meu nome é André, mas pode me chamar de Dedé. E o seu?

- Manuela, mas pode me chamar de Manu.

- Manu, adoro esse apelido.

- Eu também adoro o seu. Dedé. Duas sílabas tão fofinhas... Dé mais dé é igual a Dedé. É fofo, né? É infantil. Infantil no bom sentido, não tô te chamando de criança, longe de mim, não quero que você me entenda mal. Na verdade acho Dedé lindo. Não você, o apelido! Por favor, o apelido! Não que você não seja lindo... Quer dizer, feio você também não é, mas lindo, lindo também não... - enrolou-se a loirinha, novamente vermelha de vergonha, em um breve ataque verborrágico.

Parecia Ritinha quando conheceu Leandro na colônia de férias. A caçula do grupo não disse cré com lé, se enrolou com as palavras e pagou altos micos. Conquista, definitivamente, não era a praia delas.

- Você é linda, Manu. Sabia?

"Você também. Muito", ela gostaria de ter dito. Mas não disse. Apenas baixou os olhos, mais encantada do que nunca.

- E aí, Dedé? Vai demorar com esse rango? Tô com fome! -gritou da caminhonete um cara bem bonitinho, que estava com o Charmosíssimo.

- Tô indo! - gritou ele para o amigo. Voltando-se para Manu, perguntou, charme puro: - Posso pegar seu telefone?

- Telefone...

- É, para a gente combinar um lugar para se encontrar.

- Encontrar... Encontrar?! Ô-ou...

Manu ficou sem ação. Não foi para Porto das Rosas pensando em encontrar ninguém, nunca foi muito chegada em Carnaval e era uma negação sambando, parecia um pato bêbado. Além do mais, aquela era uma viagem para curtir suas amigas, ficar em casa, dormir cedo, aproveitar as manhãs, as cachoeiras, as grutas, andar de caiaque nos rios, mergulhar... Que indecisão, meu Deus! Dou ou não dou meu número?, ela se roía por dentro.

- O de cima é o celular, o de baixo é o telefone do sítio onde a gente está hospedada - intrometeu-se Suzaninha, viva ela!, entregando ao Charmosíssimo um guardanapo com os números.

- Maravilha, Vou ligar pra você, então. Beleza? - perguntou, olhando fundo nos olhos de Manu, sedução em forma de gente.

Manu ficou muda.

- Beleza! - respondeu Suzaninha.

- Manu? - insistiu Charmosíssimo.

- Be... beleza... - sorriu a loirinha, abobada.

- Até amanhã - disse ele, e se dirigiu ao carro, feliz da vida, com os braços pra cima cantando a deliciosa marchinha: - Viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira, viva o Zé Pereira, Viva o Carnaval!

Manu riu e ficou a suspirar.

- Caraca! Que bofe lindooo! - exclamou Suzaninha.

- Você viu?

- Impossível não ver aquele deus, né, Manu? - Acho que ele gostou de mim...

- Ele não gostou de você. Ele *pirou* com você!

- Taí uma coisa que eu jurei que não fosse acontecer. Conhecer alguém em Porto das Rosas estava fora dos meus planos.

- Ele deve fazer o tipo fofo, que quer conversar, conhecer, pegar na mão...

- Ai, será? Tá aí com um monte de amigos, no Carnaval, deve estar a fim de pegar qualquer coisa que use saia.

- Não achei, não. O olhinho dele brilhou por você.

- Jura? - perguntou Manu, olhinhos também brilhando.

- Caramba... Há tanto tempo que um cara maneiro não chega em mim... Mentira, Há tanto tempo que um cara não chega em mim.

- Até parece, Manu!

- É sério! Estava até achando que tinha embarangado.

- Que bobeira! Você é linda! Cadê sua auto-estima?

- Xiii... Não sei. Se você encontrá-la por aí, me avisa. Essa coisa de os meninos darem uma afastada de mim deixou minha auto-estima no pé. Desde que terminei com o João não fiquei com ninguém. Nin-guém! Há seis meses eu não beijo uma boca, você tem noção do que é isso?

- Então chegou a hora de tirar essa teia de aranha! Vamos pra casa encher a barriga de macarrão e torta com açúcar porque amanhã tem festa!

- Festa? Você não vai ficar chateada de mudar os nossos planos?

- Manu, nem tudo acontece como a gente planeja. Graças a Deus! O bacana da vida são as surpresas!

- Não sei... Será que ele vai querer ficar comigo?

- Dâ-a! Será? Deixa de ser ridícula!

- *E* as meninas, será que vão gostar da idéia de trocar um feriado pacato por dias de folia?

- A Ritinha eu não sei, mas você acha que a Gabi vai perder a oportunidade de se jogar no samba e de conhecer aqueles tchutchucos que estavam no carro? - divertiu-se.

As duas riram, decidiram comprar as bombas de chocolate que Suzaninha tanto namorou e voltaram para o sítio cantando em coro o que sabiam da letra de um conhecido samba:

- *Como será o amanhãããã? Responda quem puder. 0 que irá me acontecer? 0 meu destino será como Deus quiser!*

Mal chegaram em casa e Suzaninha logo apressou-se em dar a notícia:

- Mudança de planos,

- Ai, não tinha açúcar, nem macarrão instantâneo e a gente vai ficar sem comer até amanhã? - desesperou-se Ritinha,

- Não, Rita de Cássia! Mudança boa de planos!

- Vamos sair para jantar fora? Oooba! Anha, anha, anha, eu quero comer lasanha! Anha, anha, anha! Eu quero com... - disse Ritinha.

- Que musiquinha é essa, doida? - perguntou Suzaninha.

- A gente fazia musiquinhas assim quando era mais nova, tá?

- Mas isso tá no passado, Ritinha! - disse Gabi.

- E você errou feio. Não é nada de comer! - respondeu Manu.

- O que é? - perguntou Gabi, curiosíssima e empolgada com a tal mudança. Para ela, mudanças eram sempre bem-vindas.

- Hummm... O que é que é, hein? - questionou Ritinha, com a tromba já armada.

- *Vou beijar-te agora não me leve a mal, hoje* é *Carnaval!* - cantarolou Suzaninha.

- Não quero beijo de mulher, não, sai pra lá, maluca!

- Não é nada disso, Rita de Cássia! Pensa!

- Espera, essa é uma marchinha de Carnaval... - arriscou Gabi.

- E daí? - perguntou Ritinha.

- Marchinhas a galera canta nos blocos, nos bailes...

- Tá esquentando, tá esquentando... - ajudou Manu.

- Peraí! Vocês querem se jogar no Carnaval, é isso? -empolgou-se Gabi.

- Siiim! Amanhã, nós vamos conhecer o Carnaval de Porto das Rosas!

- Porto das Rosas-sas-sas-sas!!! - emendou Manu.

- Obaaaa! - Deu pulinhos Gabi.

- Oba? Fala sério! A gente não tinha combinado de ficar junta e aproveitar a nossa companhia?

- É, mas depois da ida à padaria a gente resolveu mudar de idéia... - respondeu Suzaninha, lançando para Manu um olhar cúmplice e sapeca ao mesmo tempo.

- Por quê? O que foi que aconteceu na padaria? Que mistério é esse, posso saber? - ficou curiosa Gabi.

Risinhos e mais risinhos de Manu e Suzaninha.

- Conta, gente! - pediu Ritinha. - Tá chato isso!

- É que... Tipo assim... Eu conheci uma pessoa... - derreteu-se Manu.

- Uma pessoa, não! O bofe mais lindo que já vi na vida, gente! - descreveu Suzaninha.

- Que tudo! Esses encontros inesperados são meus preferidos! Como foi? - disse Gabi.

- Ah, ele veio, puxou assunto e chamou a gente para ir amanhã para a Coronel Olavo, onde rola o Carnaval de rua daqui.

- De lá, ele e os amigos vão nos levar para o baile do Jóquei - completou Suzaninha.

- Vai rolar beijo na boca, é, Manuela? - provocou Gabi.

- Acho que vai, finalmente. - Ficou tímida Manu.

- Claaaaro que vai, lesa! O menino só faltou te dar um beijo ali na padaria mesmo. Isso é que eu chamo de começar bem o ano.

- Que máximoooo! - reagiu Gabi.

- Que mínimoooo! Na boa, gente, eu não gosto de Carnaval, não gosto de muvuca, não tô a fim de ficar espremida entre um monte de gente suada, ouvindo música alta, já passei da idade pra essas coisas - irritou-se Ritinha.

- Ah, esqueci que estamos com uma anciã. Quantos anos, mesmo, hein, Ritinha? 87? - ironizou Suzaninha.

- Eu não gosto de Carnaval.

- Só porque tá namorando não quer ir?

- Não é isso. Eu prometi pro Leandro que não iria a nenhum evento carnavalesco, Gabi!

- Despromete, ué! - sugeriu Suzaninha.

- Arrã - irritou-se Ritinha.

- Como eram os amigos do bofe? - quis saber Gabi.

- Gatos! Muuuuito gatos!

- Viva o Carnaval! - vibrou Gabi. - Ô lelê! Ô lalá! O carná chegou, beijo na boca vai rolar! - improvisou um samba enquanto dançava com os indicadores para cima balançando os longos cabelos castanhos.

- Ah, não, gente. Não era esse o combinado. Ô-ou... Ritinha não estava gostando *mesmo* da idéia de cair na folia.

- Mas agora é, Rita de Cássia. Deixa de ser chata! Não esta vendo que a Manu tá toda empolgada com o cara? Que garota mala! - bronqueou Gabi. - Quero saber detalhinhos, Manu.

- Vamos pra cozinha fazer o macarrão e continuar esse papo que tá tuuudo de bom! - disse Suzaninha.

- Tudo de péssimo - resmungou Ritinha.

- Caraca, Ritinha, nem apaixonada seu humor melhora, né? - espetou Manu.

As quatro foram para a cozinha e continuaram seu tricô sobre o Carnaval, que invadira suas vidas de repente.

- Oba, adoro me fantasiar. Vamos improvisar umas fantasias? - sugeriu Gabi.

- E se ninguém for fantasiado?

- Tô nem aí, Ritinha. Acho muito burra a pessoa que deixa de fazer uma coisa só porque os outros não fazem - cortou Gabi. -Além do mais, vamos combinar que Carnaval são os únicos quatro dias do ano em que podemos sair vestidas do que quisermos. E, melhor, ninguém ri! Sabe por quê? Porque é Carnavaaaal! Tudo é permitido! Pra mim, quem não aproveita isso é louco.

- E a gente pode dar asas à imaginação, viver personagens que sempre quisemos. Podemos ser fadas, princesas, rainhas, gatinhas, coelhinhas... - opinou Suzaninha.

- Acho fantasia uma coisa ridícula - emburrou-se de vez Ritinha. - Não estou nem um pouco a fim de me fantasiar.

É. Ela estava chata, chata, chata.

- Beleza, a gente vai fantasiada e você não - rebateu Manu. Ups! Clima pesado no ar. Tentando esconder o choro, Ritinha levantou-se.

- Perdi a fome. Vou para o quarto dormir. Boa-noite. - Deixa de bobeira, Ritinha! - atenuou Manu.

- Não precisa se fantasiar se não quiser, boba! - tentou Suzaninha.

- Fica aqui com a gente! - pediu Gabi. - Vai rejeitar comida? Tá doente, é?

- Não, tô na boa. Tô só com sono - respondeu Ritinha, com um fiapo de voz.

- Não quer saber detalhes do meu Dedé? - perguntou Manu.

- Amanhã cê me conta. Beijo, gente.

Silêncio total, Manu, Suzaninha e Gabi se entreolharam. Pensaram em mais argumentos para convencê-la a ficar com elas, mas desistiram. Seria em vão.

- Precisava a Ritinha fazer esse climão? - questionou Gabi.

- Ela sempre foi assim? - quis saber Suzaninha.

- Sempre, mas agora com o Leandro acho que piorou. Está mais emburrada do que nunca, acho que misturou saudade dele com a chatice natural dela.

- Estou me sentindo culpada por ter feito todo mundo mudar de planos. Acho melhor a gente esquecer o Carnaval e aproveitar o feriado como tínhamos combinado - disse Manu.

- Tá louca? A vida nem sempre é do jeito que a gente quer. É bom a Ritinha aprender logo isso - reagiu Suzaninha. - Nós três somos maioria, ela tem que entender que a maioria sempre ganha.

- Sabe por que ela não quer brincar o Carnaval? Porque ela é a única que está namorando, não tem nada pra fazer, nem para ver - palpitou Manu.

- Acontece que isso é muito egoísmo, ela é incapaz de pensar na gente, de pensar que você vai ficar com um cara depois de um tempão sem beijar na boca e de que, como a maioria das mulheres, nós gostamos de ver e ser vistas, de jogar charme, de dar aqueles olhares sedutores sem compromisso. É Carnaval, pô! - discursou Gabi.

- Você não está chateada comigo?

- Claro que não, Manu! A proposta da viagem continua, só que, em vez de ficarmos em casa à noite, vamos aproveitar a folia. Continuamos aproveitando nossa companhia e nossa amizade - foi fofa Gabi.

- Olha o macarrão saindo!

- Obaaaa! - comemorou Manu.

- Vem cá, cadê a minha avó, Gabi?

- Foi pra cama, Su. Ela estava cansada, dormindo em pé. Eu disse que a gente sabia fazer macarrão direitinho e ela acabou concordando em ir para o quarto. Deixou um beijo para vocês e prometeu que faz a torta amanhã.

As três encheram a barriga de macarrão instantâneo e riram, confabularam sobre sua primeira noite de Carnaval e, claro, falaram como Dedé era lindo, como Dedé era charmoso, como Dedé era isso, era aquilo... Ai, ai...

Depois foram ao depósito, que ficava num quarto anexo ao sitio, e de lá saíram com tudo o que podia virar fantasia: cortina velha, papelão, papel alumínio, revistas, sacos de lixo, sacos plásticos de supermercado, latas de tinta, arame etc.

- Eu vou de princesa - disse Manu.

- Eu vou de gatinha - decretou Suzaninha.

- Eu vou de iPod.

- De iPod?! - as duas perguntaram em coro para Gabi. - É. Adoro ouvir música. E é fácil de fazer. Papelão na frente, papelão atrás e um fone de ouvido. Aí é só desenhar numa folha branca os comandos e pronto. Sou um iPod ambulante. - - Que irado! - elogiou Suzaninha.

- Com essa cortina velha a gente pode fazer uma princesa linda pra Manu, que tem mesmo que estar linda amanhã - decidiu Gabi. - Sua avó tem máquina de costura?

- Claro! E adora costurar, aposto que vai querer ajudar a gente com as fantasias.

- Maravilha! A sua é a mais fácil, Su. É só ir de preto, pintar o nariz e os bigodinhos, fazer uma tiara com duas orelhas e achar uma coisa para fazer o rabo.

As três riram, felizes com a improvisação das fantasias, que não seria nada difícil. Aquela viagem começava a ficar gostosa como restinho de brigadeiro na panela. Elas estavam certas, seriam ótimos os cinco dias juntas. Mas tinha um problema.

- E a Ritinha? - perguntou Suzaninha.

- Eu vou fazer uma fantasia pra ela.

- Mas ela foi dormir chateada com a gente, Gabi. Não está com nenhuma vontade de pular Carnaval.

- A Ritinha é assim, amanhã ela melhora, você vai ver. Conheço a peça.

- Vai fazer fantasia de que pra ela?

- De tucano.

- De tucano?

- É, Manu. Tucano tem o bico enorme, e o da Ritinha é o maior que eu conheço - divertiu-se Gabi. - Nenhuma fantasia combina mais com ela do que essa.

As amigas riram, concordando com a idéia.

- Se só a gente estiver fantasiada...

- A gente vai aproveitar muito mais que todo mundo, Manu - esclareceu Gabi.

- Sério? Sem pensar em mico? - quis saber a loirinha.

- Que mané mico? Mico é coisa de gente fraca. Nós somos poderosas, maravilhosas! Quem não estiver fantasiado vai morrer de inveja da gente, isso sim!

- É, você tá certa! - concordou Manu.

Com o assunto mico esgotado, o material que usariam separado e as fantasias pensadas, elas sucumbiram ao sono. Foram para o quarto descansar, o dia tinha sido puxado, a viagem looonga e o dia seguinte seria divertido, mas trabalhoso. Antes de dormir, porém, Manu perguntou para sua amiga de infância:

- Gabi, você me dá uma aula de samba amanhã? Eu sou praticamente um boneco de Olinda sambando, desengonçada e sem jeito.

- Também quero essa aula!

- Claro, meninas. Eu sou um espetáculo sambando - disse, nada modesta. - Sou uma morena com alma de mulata. Só não tenho bunda de mulata. Aquelas bundas me irritam! São duras, lindas, lisas, sem celulite, nada balança.

- Bunda de mulata não é bunda, aquilo é uma maldade com a gente! - soltou Manu, fazendo as amigas rirem.

- Fiquem tranqüilas. Mesmo com minha bunda mole, eu vou ensinar tudo para vocês. O segredo é o quadril. Mas amanhã eu explico direito. Agora tá me dando um soniiinho...

Jogaram-se na cama e capotaram de cansadas. Nem perceberam que Ritinha ainda estava acordada, chorando com o travesseiro.

É Carnaval!

As primeiras a despertar foram Gabi e Suzaninha. Saíram pé ante pé do quarto para não acordar as amigas e desceram. Logo sentiram o cheirinho que vinha da cozinha.

- Bom-dia, vozinha. Que cheiro bom é esse?

- Bom-dia, querida. Ontem deixei vocês sem comida, mas hoje caprichei no café-da-manhã - orgulhou-se dona Hemengarda.

- O Edmílson foi cedo ao mercado e comprou tudo o que eu precisava: fiz bolo de milho e bolo de banana, com açúcar! Tem pão doce, pão de sal, manteiga, goiabada, queijinhos, presunto, suco de melancia, de laranja e de abacaxi, waffle, geléia, café com leite...

- Caramba! Parece até café-da-manhã de hotel! - elogiou Gabi.

- Ah, se prepara! A gente com certeza vai engordar aqui, minha avó adora fazer o povo comer, né, vó?

As duas sentaram-se à mesa e começaram a comilança. Estava tudo tão gostoso, mas tão gostoso, que não dava vontade de parar, mesmo com a barriga estufada, continuavam a botar guloseimas para dentro.

Contaram à dona Hemengarda os planos para a noite. - Por isso vocês pegaram aquelas coisas no depósito? Quando vi tudo na sala, pensei: "O que essas danadinhas estão aprontando?" - brincou a avó de Suzaninha.

- Você ajuda a gente a fazer as fantasias, vó?

- Claro! Imagina se não! Sou uma costureira de mão-cheia. Vou agora mesmo pegar minha máquina pra gente começar a pensar nas roupas.

Quando dona Hemengarda saiu, Manu desceu, com a cara amarrotada de sono.

- Bom-dia, meninas... - disse, dando um beijinho carinhoso em cada uma. - Nossa, que café-da-manhã é esse? E pra ficar sem comer o dia todo, né?

- A Ritinha não acordou?

-Ainda não. Ela sempre dormiu mais que a cama.

- Será que ela tá melhor?

- Com certeza, Su. Não precisa se preocupar - respondeu Manu, pegando um pão e um pedaço de queijo. - Enquanto estava de preguiça na cama, pensei em uma forma de ajudar sua avó.

- Jura?

- Por que a gente não bota a mão na massa e limpa a piscina, corta a grama, faz um balanço e pinta a casa e o muro, já que tem tinta à beça no depósito?

- Que idéia boa, Manu! E que fofa se preocupar com a minha avó!

- Você tava tão triste ontem, fiquei triste também e acho que essa é a melhor forma de ajudar,

- Não estou entendendo nada, não tenho idéia de por que a Su estava triste, mas ajudar é comigo mesmo! Tô dentro!

- Gente, eu amo vocês!!! Como vivi tanto tempo sem vocês. - indagou Suzaninha, antes de dar nas duas um abraço esmagado.

- Nossa, que felicidade, que abraço gostoso logo de manhã. Posso saber o motivo da alegria? Bom-dia, Manu!

- Bom-dia, dona Hemengarda! O motivo da nossa alegria é a senhora.

- Eu? Só porque eu vou ajudar nas fantasias de vocês? Imagina!

- Não é por isso, vó! A Manu deu uma ótima idéia, que a gente está louca para botar em prática!

- O que é?

- A gente vai dar uma geral aqui no sítio!

- Como assim?

- A gente vai pintar a casa com o que tem de tinta, aparar a grama, limpar a piscina...

- De jeito nenhum! Você e suas amigas vieram aqui para se divertir, não para trabalhar. Onde já se viu?

- Vó, é trabalho bom! Vai ser uma farra!

- Não, não e não!

- Vozinha... É um presente nosso para você.

- Mas não precisa... - insistiu dona Hemengarda.

- A gente não vai gastar dinheiro, vamos gastar apenas o nosso tempo e nossa energia como forma de agradecimento pela hospitalidade - explicou Manu.

- E pela fofura - acrescentou Gabi.

- E, como disse a Suzaninha, nós vamos amar fazer essa minirreforma! Vai ser divertido pintar o muro e falar bobagem o dia inteiro... - disse a loirinha.

Fala sério, que meninas fofas!!!

Enquanto as três sorriam com a idéia da boa ação, dona Hemengarda baixou a cabeça.

Comi as mãos no rosto, desabou em prantos: - Ô, minha filha, não precisa se preocupar com a vovó... Eu sei que a casa está meio largada, uma vergonha...

- Não é vergonha nenhuma, vó.

- É, sim, virei uma velha relaxada. Mas é que eu não tenho mais o pique de antes para cuidar do sítio...

- Então, isso a gente tem de sobra.

Dona Hemengarda não disse nada, apenas chorou e abriu os braços para as meninas. Ela urrava por um abraço, mesmo sem dar uma palavra.

As três se levantaram e, emocionadas, foram apertar dona Hemengarda, uma senhorinha tão meiga, tão linda, tão vó, que merecia todo o carinho do mundo.

Depois de se recompor do abraço e das lágrimas, dona Hemengarda avisou:

- Não sei se tem tinta para pintar tudo.

- Ué, a gente pinta com o que tiver. O que faltar a gente compra - sugeriu Suzaninha.

- Não vai faltar. Lá no depósito tem tinta de tudo que é cor. Se a senhora deixar a gente pode fazer um muro irado, todo colorido, tipo arco-íris, cheio de desenhos fofinhos. Deixa? - opinou Gabi.

- Claro que deixo! Meu Deus, nem vai parecer que mora uma velhota aqui! Vai parecer um albergue da juventude! Estou adorando essa idéia!

- Oba! Vai ser tudo de bom, gente! - exclamou Manu.

- Então, meninas, vamos acabar nosso café, botar uma roupa de faxina e mãos à obra! - comandou Gabi.

Uma hora se passou e as meninas subiram para o quarto, com a barriga cheia, loucas para trabalhar e deixar lindamente colorida a casa da avó mais fofa de Porto das Rosas.

Ritinha ainda dormia. Por isso, Suzaninha resolveu implicar:

- Ai, aaaaai! Ai, ai, ai, ai, ai!!! - gritou. - Sou eu, gente, a cama da Ritinha, tira essa menina daqui, por favor! Não agüento mais ela em cima de mim!!!

Manu e Gabi caíram na gargalhada e Ritinha acordou com cara de poucos amigos.

- Pô, Suzaninha! Eu tava dormindo!

- Por isso a sua cama estava reclamando!Tá na hora de acordar, Ritinha.

- Pra quê?

- Porque a gente vai trabalhar - explicou Gabi.

- Trabalhar? Tô fora. Eu vim aqui pra descansar e aproveitar meu feriado de papo pro ar.

- É, mas os planos mudaram.

- Ué, o Carnaval não é à noite?

- É, Ritinha, mas agora a gente vai dar um jeito na casa. Vamos pintar o muro, as paredes da varanda, construir um balanço, cortar a grama, limpar a piscina... E precisamos de você - disse Suzaninha.

- Fala sério! Além de me fazer brincar o Carnaval, que eu não gosto nem um pouco, agora vocês querem me obrigar a trabalhar no feriado? Só podem estar brincando!

- Nunca falamos tão sério! - rebateu Gabi.

- Vem cá, Suzaninha, por que a gente não foi pra Salvador, hein? Quando acabou a colônia de férias lembro de você ter dito alguma coisa de Salvador... Lá a gente ia ficar num hotel, não é? E ir para blocos conhecidos, com bandas conhecidas...

- É, mas a minha mãe resolveu fazer obra em casa e não sobrou grana pra viagem.

- Então porque seus pais estão sem grana você trouxe a gente pra essa roubada?

Silêncio e mal-estar. E ainda nem era meio-dia.

- Deixa de ser mal-educada, Rita de Cássia! Isso aqui não é uma roubada! - bronqueou Manu.

- Desculpa, gente, mas trabalhar, pra mim, é uma roubada. Especialmente num feriado. E isso não é falta de educação, é sinceridade.

Quando a caçula do grupo acordava com o pé esquerdo, aturá-la era uma tarefa dificílima.

- Tá bom, Ritinha, você pode ficar dormindo. Bem que as meninas tinham avisado que viajar com você não era fácil. Agora eu estou vendo por quê. Desculpa te trazer para uma... roubada. Esse lugar aqui é muito especial pra mim, eu só quis trazer vocês porque vocês são especiais. Uma pena que você não tenha gostado - discursou Suzaninha, antes de sair do quarto rumo ao banheiro, com as lágrimas brotando nos olhos.

- Passou dos limites, Rita de Cássia! - brigou Manu.

- Isso é coisa que se diga para uma pessoa que convidou a gente para um feriado na casa dela? Você magoou muito a Suzaninha, Ritinha! - completou Gabi.

- Ah, menina fresca! Não disse nada demais, só a verdade. Eu preferia quando éramos só nós três, era muito mais divertido. Quatro sempre dá problema, sempre dá briga.

- Não diz besteira! - repreendeu Gabi,

- Posso saber por que a gente tem que fazer tudo o que ela quer?

- *Eu* que dei a idéia de dar uma geral na casa, Rita de Cássia! Eu! Ela ontem chorou à beça quando fomos à padaria. A avó tá velhinha, não consegue mais dar conta de tudo, os empregados foram embora, ela não confia em qualquer um para botar aqui dentro pra trabalhar... Uma senhorinha que precisa de ajuda e mora na casa onde a Suzaninha passou os melhores dias da sua infância. Será que é demais ajudar essa senhora? É muito sacrifício?

Ritinha baixou a cabeça, envergonhada. Olhou as duas e resolveu:

- Tá bom, tá bom! Vou pedir desculpas para a Suzaninha. Ponto para Gabi e Manu! Elas sabiam que Ritinha não era má.

Era só uma menina muito sem noção que às vezes falava coisas que não devia.

Bateu à porta do banheiro.

- Suzaninha, posso entrar?

- Não, Ritinha, já estou acabando, usa o banheiro da minha vó.

Como Suzaninha não abriu a porta, ela começou a falar do lado de fora, mesmo.

- Não quero fazer nada, quero só pedir desculpas pra você. Olha, eu sou meio insuportável de manhã...

- Meio, não. Beeeem insuportável - sussurrou Gabi.

- Bem insuportável.

- Uma vaca - disse Manu ao seu ouvido.

- Uma vaca! - repetiu Ritinha. - Reclamo de tudo, resmungo o tempo inteiro, nada está bom nunca, meu humor só melhora depois do almoço.

- Quando melhora - corrigiu Gabi, baixinho.

- Quando melhora - admitiu Ritinha. - Eu tô muito arrependida do que disse. Mil desculpas. Essa casa é linda e eu vou adorar ajudar vocês a deixá-la mais bonita. Sua avó merece. Você merece.

- Boa, Ritinha! - comemoraram Gabi e Manu.

- Só espero que não tenha que fazer um trabalho muito pesado, prefiro ficar com as coisas mais leves.

- Caraca, Rita de Cássia! Você não presta, hein?! - estrilou Gabi.

- Estava indo tão bem! - sussurrou Manu. Suzaninha abriu a porta.

- Vocês não precisam falar baixo, a porta é fina e eu estava ouvindo tudo, suas bobas - disse para Manu e Gabi. - Ritinha, desculpa se seu feriado não está sendo como você sonhou, mas eu quero que você saiba que, mesmo com todo o seu mau humor, eu estou adorando ter você aqui. Esse sítio não tem luxo, não é grandão, a piscina tá suja... Mas é o sítio da minha avó, da minha infância. Quando a Manu deu a idéia de a gente botar a mão na massa, eu achei lindo! Não quero te obrigar a trabalhar, pode ficar torrando a bunda na piscina enquanto a gente trabalha, o que eu quero é que você fique feliz aqui.

Ritinha ficou péssima. E caiu no choro.

- Desculpa, Suzaninha, desculpa! Eu tô feliz aqui, juro! Até pro Carnaval eu vou com vocês! - disse ela, enchendo de beijos sua anfitriã.

- Você sabe qual é a fantasia que a gente vai preparar pra você? - intrometeu-se Gabi.

- Uma bem fofa, naturalmente. Coelhinha, ursinha panda, apresentadora infantil... - enumerou Ritinha.

- É de tucano - cortou a morena.

- Tucano?

- É o pássaro que tem o maior bico que eu conheço, igualzinho ao seu.

- Palhaça!!! - bronqueou Ritinha, sem disfarçar o riso. - Eu sei, eu estou sempre de bico, podem me zoar. Aceito a provocação. E mereço. Eu vou de tucano.

- Aêêê!!! - As três bateram palmas.

- Viu como eu sou fofa, Su? - Vi... - respondeu Suzaninha, meio cabreira.

- Não fica assim... Me desculpa, vai?

- Já desculpei, Ritinha, não sou de guardar rancor das pessoas. Mas não vou mentir, fiquei bem chateada.

- Eu sei. Prometo que vou me comportar melhor daqui pra frente, tá?

- Tá.

- Dá um abraço?

As duas se abraçaram. Abraço forte, cheio de vontade.

- Também quero! Também quero!!! - berraram Manu e Gabi, juntando-se às duas.

- Ei, ei, ei! Como é que vocês não me chamam para esse abraço coletivo? Adoro abraçar, meu abraço é ótimo! - disse dona Hemengarda, já juntando-se ao quarteto. - Olhem, minha máquina está perfeita, funcionando que é uma maravilha. Enquanto vocês mandam brasa na casa, eu mando brasa nas fantasias. Combinado?

- Combinado!!! - concordaram as quatro.

- Mas eu quero ajudar a senhora, dona Hemengarda. Eu adoro costurar.

- A Gabi quer ser estilista, vó - explicou Suzaninha.

- Então maravilha, Gabi. Pode vir aqui quando quiser para me ajudar. Vou dar uma olhada no meu armário para ver se não tenho mais coisas que sirvam para fazer as fantasias. Estou adorando esse Carnaval, meninas! - vibrou.

As quatro ficaram felizes por fazerem, com sua simples presença, uma mudança e tanto na vida daquela senhora tão solitária, mas ao mesmo tempo tão alegre, tão bem-humorada, tão de bem com a vida. Depois daquele Carnaval, a vida de dona Hemengarda não seria a mesma. Pelo menos, sua casa seria mais colorida. Com carta branca para fazerem o que quiserem com muro, paredes, piscina e jardim, as meninas se vestiram e se dividiram em grupos. Ritinha foi limpar a piscina enquanto Manu e Suzaninha foram pintar o muro. A Gabi coube dar cor ao assento do balanço e às paredes da varanda. Edmílson ficou encarregado do trabalho mais pesado, cortou a grama e arrumou pregos, parafusos e corda para botar o balanço de volta na goiabeira. Manu, com sua caixa de som portátil, botou o volume no máximo e pôs para tocar suas músicas preferidas.

- Com música tudo fica melhor! - justificou para as meninas. O dia correu bem, o trabalho fluiu melhor do que esperavam, o muro do sítio parecia um arco-íris, as paredes da varanda estavam com uma nova cara (Ritinha quase matou de susto as companheiras quando tomou a chocante iniciativa de pintar a varanda depois de encerrar seu serviço como limpadora de piscina), o jardim estava com cara de jardim, não de matagal abandonado, e o balanço estava pronto para ser balançado e levar ao céu quem se sentasse nele. Livre de folhas secas, insetos mortos e sujeirinhas, a piscina convidou as meninas para um mergulho que durou boa parte da tarde. Ritinha estava tão entretida com as amigas que nem se lembrara de falar com Leandro. Manu, por outro lado, não parava de checar se seu celular estava ligado. Esperava ansiosa o telefonema do Charmosíssimo.

Enquanto isso, dona Hemengarda "mandava brasa" nas fantasias, costurando, bordando, emendando e colando, tudo sob a supervisão de Gabi, que a cada ida à sala de costura dava na senhorinha uma bitoca esmagada na sua bochecha.

- Obrigada por tudo, dona Hemengarda. Pela casa, pelo café-da-manhã de cinema, pelas fantasias...

Dona Hemengarda riu um riso "deixa disso", encabulada, mas feliz, feliz com o carinho da menina.

Um celular tocou. Manu arregalou os olhos.

- É o meu! - gabou-se Ritinha. - Alô! Oi, meu amor! Tudo bem, e aí? Ah, também estou morrendo de saudade.

- Mentira, nem falou dele hoje! - provocou Gabi.

- Eu te amo.

- Ama nada! Vai pro baile mais tarde - foi a vez de Suzaninha implicar com a caçula do grupo.

- Não, não é nada, não! Elas estão na piscina brincando e falando bobagem, estão mandando beijo para você - disfarçou Ritinha ao telefone, arregalando os olhos para as amigas, implorando por silêncio. - É hoje o seu baile? Ah, tá. Divirta-se. E me liga, hein? Vou estar acordada pensando em você! Tá bem, amor. Vai lá aproveitar a companhia dos seus pais. Te amo. Tchau.

Minutos de silêncio.

- É isso mesmo? Você *não contou para*. o Leandro do baile de hoje à noite? - quis saber Manu.

- Você *mentiu* para o Leandro? - enfatizou Gabi.

- Não menti. Omiti.

- Pra mim dá no mesmo - implicou Manu. - Ai, Deus! Por que eu não contei?

- Por quê? Por que não contou, Rita de Cássia?

- Sei lá! Também tô querendo saber - admitiu Suzaninha.

- Ah, gente, é melhor, né? Assim ele não vai ficar com a pulga atrás da orelha - opinou Gabi.

- É, já pensou ele ficar lá preocupado comigo, com medo de eu ficar com alguém aqui? Só não falei por isso, porque não quis preocupar meu namorado. É, foi isso, sim. Boa, Gabi.

- Hum... Não sei se essa resposta me convenceu, não, mas vou aceitar - declarou Suzaninha.

A neta de dona Hemengarda botou em palavras exatamente o que passava na cabeça das outras meninas. Afinal, vamos combinar que a resposta da Ritinha não convence ninguém, né? Foi a pior resposta de todos os tempos.

- Vocês acham que eu ligo e conto?

- Claro que não, Rita de Cássia! Pra quê? - chiou Manu.

- Amanhã, quando você falar com ele, conta que surgiu convite para um baile na última hora e que a gente resolveu ir pra ver qual era - sugeriu Suzaninha.

- Diz que a gente insistiu para você ir, o que não é nenhuma mentira - acrescentou Gabi.

- É... é, né? Melhor... Melhor assim, né?

- É, Ritinha! Agora vem pra piscina, anda! - pediu Manu.

A caçula do trio voou para a piscina e jogou água para todos os lados com seu mergulho desastrado.

Nadaram, brincaram de briga de galo, tentaram adivinhar palavras ditas embaixo d'água, falaram bobagem... Gabi deu a prometida aula de samba, na piscina e fora dela. Sambaram, suaram e viram o sol querer ir embora, o céu ficar meio roxo, meio vermelho, meio laranja. Todas estavam encantadas com o entardecer no sítio. Menos Manu. Ela estava cabisbaixa. Por que seu telefone não tocara?

Triiiimmmm!!!, fez finalmente o toque estridente de seu celular.

Ela foi correndo atender, o coração na garganta. Deixou tocar três vezes, para não parecer ansiosa. -Alô.

- Manu?

- Dedé?

- E aí? Vou te ver hoje? - Vai, ué.

- Maravilha. Às onze no Bar do Zé.

- Às onze, no Bar do Zé. Mas onde é que é isso?

- É um bar bem conhecido na Coronel Olavo, esquina com Marechal Fávero. Na porta tem uma placa enorme com o nome Bar do Zé, não tem como você errar. Não vai furar, hein?

- Claro que não!

- Um beijo, loirinha linda. Té mais.

"Loirinha linda" é tudo na vida, né não? Manu sentiu seu coração derreter com o elogio. Ai, ai...

- *Té* mais - despediu-se. - Seu barbudinho gostosinho! -acrescentou, depois de desligar, obviamente.

Manu largou o telefone e foi correndo aos gritos para a piscina, onde deu uma cambalhota no ar antes de cair na água.

- O meu Dedé ligou! O meu Dedé ligou! O meu Dedé ligou! Caraca! Caraca! Caraca! Isso é que é empolgação com um telefonema!

- Você achou que ele não fosse ligar, lesa? - perguntou Suzaninha.

- E aí? - quis saber Gabi.

- Tudo certo. Às onze, no Bar do Zé.

- Oca, oca, oca, Manu vai beijar na boca! - cantarolou Ritinha.

- Anha, anha, anha, vai tirar a teia de aranha! - implicou Gabi.

- Asso, asso, asso, vai ficar no mó amasso! - completou Suzaninha.

- Eja, eja, eja, tô morrendo de inveja! - puxou Gabi, seguida imediatamente pelas amigas, que cantaram a musiquinha umas três vezes antes de afundar Manu na água. Mesmo após o "caldo" amigo, a loirinha não conseguia parar de sorrir. Sorriso bobo, completamente abestalhado, Ah, o que os meninos não fazem com um coração solitário?

Depois de um dia de trabalho de sol na piscina, à noite, na mesa do jantar, já de banho tomado, elas estavam exaustas. Mas sono, nem pensar. Dormir estava fora de cogitação.

- Ei, ei, ei! Não quero ver bocejos nessas boquinhas, não! Que é isso? Trabalhei o dia inteiro nessas roupas e é isso que eu ganho em troca? Não mesmo! Quero ver todas maquiadas e fantasiadas logo depois do jantar - decretou a senhorinha.

- Fica tranqüila, vó, a Manu não vai deixar ninguém dormir. Ela é a mais interessada em ir para a rua hoje à noite.

- Ah, é? Então tem homem nessa história, né, sua safadinha? Eu sabia!

- Vó! - exclamou Suzaninha, arregalando os olhos.

- O que é que tem? Vocês acham que eu não tive a idade de vocês? No meu tempo não era como hoje, demorava muito até a gente beijar na boca. Mas quando a gente beijava dava um frio na barriga, aí beijava mais, fazia um pouco de assanhamento... Assanhamento decente, mas assanhamento. Assanhamento é bom demais... Dá um calor, uma cosquinha...

- Pára, vó!

-Ah, pára o quê? Vocês nunca ficaram de assanhamento? Sou velha, mas não sou burra!

Assanhamento? Que palavra antiga!, as quatro pensaram e rolaram de rir. E que papo-sexo era aquele na mesa do jantar? Sem nem uma preparação? Isso não se faz. Papos-sexo muitas vezes deixam as pessoas envergonhadas, constrangidas. Mas a verdade é que o quarteto ficou bem interessado em prolongar a conversa. Dona Hemengarda também:

- Hoje em dia, vocês podem beijar quem quiserem. Na minha época não era assim, não. E se a gente namorasse sério, não podia acontecer nada, virgindade era muito importante naquele tempo. Hoje ainda é? Nem sei mais... Vocês são virgens?

- Vóóó!!! - ruborizou Suzaninha. - Meninas, não precisam responder, vamos mudar de assunt...

- Eu sou! - exclamou Manu, cortando Suzaninha e dando sinais de que estava louca, louca para falar sobre aquele assunto.

- Eu também - disse Gabi.

- Também - contou Ritinha.

Sem saída, a neta da anfitriã se rendeu e entrou na roda:

- Eu também - finalizou Suzaninha. - Ah, que lindas! Todas virgenzinhas! Mas por que querem, por que não acharam ninguém especial ainda ou por que pretendem casar virgens? Que não seja a última opção, que não seja a última opção!

- Não achei ninguém ainda - respondeu Manu.

- Nem eu - emendou Gabi.

- Eu até achei, mais dia, menos dia talvez role alguma coisa, mas ainda não me sinto preparada... - entregou Ritinha.

- Eu pensei que o Diogo era o cara, quase rolou, mas ainda bem que não aconteceu nada. Imagina, aquele idiota ser meu primeiro homem?

- Ah, meninas, quando tiver que ser, será. Não tem esse negócio de dia certo, de namorado certo. É a minha opinião, pelo menos. Para mim, o que vale na primeira vez é a garota estar confortável e segura, com a auto-estima lá em cima e, principalmente gostar do rapaz e se sentir querida por ele. Não precisa ser o homem da vida, só precisa ser uma pessoa bacana, com quem vocês se sintam bem à vontade, um garoto que tenha carinho por vocês e, principalmente, que seja seu amigo. O ideal é que, além de gostar dele como homem, vocês queiram ser amigas dele para sempre. Aí é uma maravilha.

- Caramba, dona Hemengarda, que legal tudo isso que a senhora tá dizendo! - suspirou Gabi.

- Nunca tinha pensado por esse ângulo da amizade - completou Suzaninha.

- Pois é. E para uma relação amorosa dar certo, é essencial que o casal seja amigo, que goste de conversar, de fazer companhia um para o outro. E essa pressão da primeira vez é horrorosa! Se com o primeiro não for bacana e não vingar o namoro, vocês vão acertar no segundo, no terceiro...

- Ai, dona Hemengarda, posso dar um beijo na senhora?

- Claro, Ritinha.

As outras beijoqueiras ciumentas levantaram-se e encheram de beijo aquela senhorinha surpreendente, que falava de sexo com uma naturalidade que nenhuma de suas mães jamais tivera. E, melhor, na mesa de jantar!

- Agora chega de beijo. Beijo de velha babona, eca! Que nojo! Quero que vocês beijem os brotos! Porto das Rosas fica cheio de brotinhos no Carnaval!

As meninas foram se arrumar.

Suzaninha ficou para dar um recado à avó:

- Sua casa tá ficando irada.

- E eu não sei? A varanda tá muuuuito irada! Iradíssima! - brincou.

- Vó, tem que botar o Edmílson pra trabalhar, ele é preguiçoso, faz o trabalho devagar, mas faz. A grama ficou ótima e o balanço tá prontinho.

- É que eu não sei mandar direito, o Dodô que cuidava de tudo...

- Eu também não sabia mandar, aprendi hoje. E vi que é fácil, fácil. Ele não está aqui de graça, vó, ele é pago para trabalhar para a senhora. Com ele botando a mão na massa decentemente, sua casa nunca mais vai parecer abandonada.

- Ô, minha querida...

- Pensa nisso?

- Vou pensar. Mas prometo que nunca mais você vai encontrar a casa da vovó nesse estado.

- Oba! - comemorou, mandando para a avó um beijinho e subindo as escadas correndo para juntar-se às meninas.

Gabi ajudou as amigas a se maquiarem e matou-as de rir quando vestiu sua fantasia de iPod, que estava perfeita.

Ritinha, apesar de resmungar, teve que botar o enorme bico de cartolina amarela que dona Hemengarda fizera para ela. A fantasia contava ainda com duas asas feitas de filó azul e amarelo que ela pregou às alças de uma camiseta azul.

- Ninguém merece! - resmungou, olhando-se no espelho. Manu ficou linda de princesa. Sua fantasia consistia em uma camiseta vermelha com paetês bordados e uma saia comprida feita de cortina. O mesmo tecido serviu para enrolar a trança de lado que Suzaninha fez na loira. Gabi caprichou na maquiagem da amiga e arrematou a produção com uma coroa de arame que ela mesma fizera.

- Não vou botar gloss, tá, Manu? Menino odeia beijar boca de gloss. Vai por mim, eles acham uma baba só! - riu Gabi.

Suzaninha estava a própria gatinha. Camiseta preta, sainha preta com um rabinho costurado, uma tiara com orelhas e focinho e bigodinhos de gato. Estavam prontas.

Dona Hemengarda incumbiu Edmílson de levá-las à cidade e trazê-las de volta.

- São quase dez horas, vamos marcar meia-noite para vocês voltarem, está bem?

- Meia-noite? Mas a gente não vai aproveitar nada! - chiou Suzaninha.

- Uma, então?

- Uma, vó? Muito cedo! É Carnaval!

- Então vamos combinar uma coisa: uma é a hora marcada, querida. Confio em você. Podem chegar às três, três e meia. Três e quarenta no máximo. É só não contar para a sua mãe.

- Beleza! - comemorou Suzaninha.

- E não me acordem quando chegar, senão não consigo dormir mais. Juízo!

Despediram-se de dona Hemengarda e partiram no fusquinha mais caquético de Porto das Rosas.

A Coronel Olavo ainda estava com pouca gente. Os bares abertos vendiam cerveja e petiscos e ambulantes tentavam faturar com churrasquinhos duvidosos e cerveja mais barata que nos estabelecimentos comerciais.

- Ninguém fantasiado. Fala sério! - reclamou Ritinha. - Que mico!

As pessoas realmente não estavam fantasiadas, mas algumas, uma minoria, é bem verdade, optaram por acessórios como antenas de abelhas e colares de havaiana.

- Nenhum mico é maior que o meu. A fantasia de vocês passa despercebida, a minha é a que mais chama a atenção.

- Tira, Gabi! - sugeriu Ritinha.

- E perder a chance de desfilar a minha criatividade por aqui? Tá louca? - riu a morena.

Seguras e convencidas por Gabi de que pareciam quatro minideusas, as meninas seguiram para um lugar onde pudessem sentar e esperar a meia hora que faltava para o encontro de Manu com o Charmosíssimo. Resolveram parar em um bar para beber alguma coisa.

- Por que não no Bar do Zé? - quis saber Manu.

- Porque ele que tem que esperar você, não o contrário, lesa! - explicou Gabi.

Em pouco tempo, a rua estava lotada. Gente de vários sotaques e vários tipos. Gente bonita, gente feia, gente jovem, gente mais velha... Gabi resolveu ir ao banheiro. Enquanto estava lá, uma voz no alto-falante anunciou o desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba de Porto das Rosas. Sim, Porto das Rosas tinha escola de samba. Estava mais para bloco de rua do que para escola de samba, mas tudo bem. Era um bloco metido à besta. U-hus empolgados e uma pequena queima de fogos chamaram a atenção das amigas, que não resistiram à curiosidade e correram para a calçada para pegar um lugar com uma boa visão do desfile.

- Moço, sabe a menina que tava aqui com a gente, cabelo comprido, castanho? Vestida de iPod?

- I o quê?

- Deixa pra lá. Sabe quem é, não sabe?

- Sei, sim.

- Diz pra ela que a gente tá bem aqui na frente esperando por ela, tá? - pediu Ritinha ao garçom.

Quando saiu do banheiro, Gabi não achou as amigas e percebeu a muvuca na rua. O garçom não a viu, portanto, não lhe deu o recado. Tentou ligar para os celulares das meninas, mas nada. Imagina se elas ouviriam o toque com tanto barulho em volta!

Resolveu sair para procurá-las. Baixinha, mesmo na ponta dos pés não conseguia vê-las no meio da pequena multidão que se amontoava para ver o desfile. Resolveu andar para procurá-las. Procura daqui, procura de lá, em pouco tempo Gabi estava distante do bar e, portanto, de Manu, Ritinha e Suzaninha.

Em vez de se aborrecer, que não era do seu feitio, Gabi resolveu buscar um espaço para ver o desfile. Na pior das hipóteses, encontraria o trio às onze, no Bar do Zé, a uma quadra dali, onde a princesa Manu encontraria seu príncipe.

Gabi sentiu um cheirinho gostoso de açúcar queimando. Bingo! Era algodão-doce, que adorava. Enquanto andava na direção da fila, ouviu piadinhas de todo tipo: "Deixa eu te tocar, iPod", disse um, "Ah, um iPod desses lá em casa!", suspirou outro.

Pedindo licença aqui, pedindo licença ali, ela finalmente entrou na fila para comprar a guloseima. Na sua frente, um grupo de amigos conversava animado.

- Gente, gente! Tem um iPod na fila. E ele tá fantasiado de menina, menina linda ainda por cima.

Gabi baixou os olhos e sorriu encabulada, com o ego inflado pelo elogio repentino.

- Meninas lindas não pegam fila, vamos deixar que ela entre na nossa frente - sugeriu o menino.

Os amigos resmungaram, mas cederam, diante de protestos do belo galanteador.

- Pô, cadê o cavalheirismo, cabeçada? – insistiu. Charmosa, ela aceitou. Também pudera, ô, menino bonito, sô!, pensou com sotaque mineiro.

- Vou aceitar. Afinal, vocês são quatro e eu uma só.

- Uma só? Não é possível que uma menina linda como você esteja sozinha no Carnaval.

- É que eu me perdi das minhas amigas, mas daqui a pouco esbarro com elas.

- E o namorado, cadê?

- Não tenho.

- Não tem? Não é possível! Como é que pode isso?

Esse aí queria messssmo beijar na boca! E Gabi, claro, entendeu o recado.

- Também não sei! Sei que tô solteirinha da silva.

Isso é uma menina despachada. Desembaraçada. Atirada. Zero envergonhada.

- Eu também, morena. Solteirinho da silva.

Gabi jogou a cabeça para o lado, sorrisinho no rosto, dengosa que só ela. Adorava ser chamada de morena. Sentia-se a própria Iracema, a virgem dos lábios de mel do romance de José de Alencar. Desde que lera o livro para a escola, achava que era a personificação contemporânea da índia. Logo ela, que de índia não tinha... assim... como dizer?... nada.

- Posso pagar seu algodão-doce? Quero adoçar a sua vida...

- Puxa, você estava indo tão bem... Não precisava da parte do adoçar, mas vou fingir que não ouvi para aliviar sua barra.

Ele ruborizou, concordou com Gabi e, sorrindo, pagou um para ela, outro para ele. Fizeram um brinde com seus dois algodões-doces e saíram da fila.

Para se fazer entender em meio ao baticum que estava rolando, chegou bem perto do ouvido da menina e disse, sem rodeios:

- Não vou te enrolar, morena. Podia puxar um assunto atrás do outro, mas não consigo. Estou louco de vontade de te dar um beijo.

Bom, ela gostava de beijar, ele era bonito, ela estava sozinha, ele gostara dela e, principalmente, era Carnaval.

Gabi não precisou pensar muito. - Tá - respondeu, sem piscar. E beijou.

E que beijo bom!

Beijo demorado, encaixado, molhado, nada babado.

Enquanto beijava, enrolada nos braços do menino bonito, Gabi nem suspeitava que os paralelepípedos de Porto das Rosas estavam prestes a voar pelos ares. Faltava muito pouco para um terremoto daqueles acontecer e virar de cabeça para baixo a pacata cidade mineira.

A ficada

Depois de um beijo que demorou longos minutos, Gabi e o menino bonito ficaram em silêncio, apenas se olhando, se namorando, fazendo cafuné, aproveitando o frio na barriga que dá um primeiro beijo... E beijaram de novo... E de novo... E de novo... Não trocaram mais palavras. Estavam entorpecidos um pelo outro.

No intervalo entre um beijo e outro, Gabi olhou no relógio!

- Preciso ir, bofe! Beijoooo! - E saiu às pressas rumo ao Bar do Zé.

- Espera aí! Volta! - gritou o menino bonito, correndo atrás dela. - Eu não sei nem seu nome!

Gabi nem ouviu, não podia deixar de conhecer o Dedé de Manu, tinha que estar ao lado da amiga numa hora daquelas.

- Vem cá, morena! - Agarrou seu braço. - Me leva com você - pediu, fofo.

- Beleza, mas se apressa! Preciso encontrar minhas amigas, não quero me perder de novo delas - respondeu Gabi, dando a ele sua mão e o rebocando entre a multidão carnavalesca.

Finalmente avistou a placa do Bar do Zé. Antes de chegar lá, porém, Gabi viu as amigas, que estavam a alguns passos na sua frente.

- Bu! - deu susto.

Rindo, Manu virou-se para dar-lhe um caprichado:

- Dâ-a!

- Caraca, cês sumiram, hein?

- Você sumiu! Onde é que você estava? - quis saber Suzaninha.

- Estava na barraca de algodão-doce. Com o... o... Menino, eu não sei seu nome! Caraca! Que furo! Foi mal...

Manu se meteu e disse, sem respirar:

- É André. Mas ele prefere ser chamado de Dedé. O nome de Manu agora era desapontamento.

- André? André Dedé? O seu André Dedé? - chocou-se Gabi.

- Meu, não. Seu, pelo visto.

- Que é isso, Manu?

- Trouxe o cara aqui pra quê? Para me magoar? Para me deixar péssima? Boa, Gabriela! Conseguiu!

André Dedé assistia a tudo mudo, calado. Estancado no meio do caminho.

- Que é isso, Manu? - surpreendeu-se Gabi. - Eu nem sabia o nome dele!

- Duvido!

- Como assim "duvida"? Tá louca!? A nossa amizade é mais importante que tudo para mim, eu jamais ficaria com um garot...

- Ah! Você *já* ficou com ele? Nossa, Gabi, você não perde tempo, mesmo, hein?

Ritinha resolveu intervir:

- Calma, Manu, ela tá dizendo que não sabia que ele era o Dedé.

- Não sabia, mesmo. A gente só se beijou... - resolveu abrir a boca Dedé.

Pra quê? Perdeu uma enorrrme chance de ficar calado!

- Ah, só se beijou? Comigo faz o maior charme, pergunta nome, liga... Com ela é só agarrar que ela beija. A Gabi é assim mesmo, beija qualquer um!

- Manu, você tá me magoando!

- Que bom! Você me magoou, eu te magôo, estamos quites.

- Gatinhas, não vão brigar por minha causa.

- Cala a boca! Não é por sua causa, idiota! - gritou a morena.

- Ei! - tentou reclamar o idiota, devidamente ignorado.

- Claro que é. Você não respeita nada, Gabriela! Saiu beijando o cara sem nem pensar que ele podia ser o meu cara!

- Calma, meninas, tem para todas! - anunciou Dedé, com um indisfarçável sorriso orgulhoso estampado no rosto.

- Ô, André Dedé, escuta aqui: se você disser mais uma gracinha sem graça eu vou enfiar esse algodão-doce inteirinho na sua goela - ameaçou Ritinha.

- Manu, então eu não podia beijar ninguém? Tinha que perguntar para todo garoto que chegasse em mim se ele era seu Dedé?

- Claro! - respondeu Manu. - Eu faria isso se fosse o contrário. Mas você... Não tem jeito, é fura-olho assumida!

- Fura-olho?! Eu não sou nada fura-olho! Namorado e ficante de amiga minha pra mim é mulher, você sabe!

- Ninguém furou o olho de ninguém, Manu, olha a boca! -acalmou os ânimos Suzaninha.

- Fura-olho! Fura-olho, sim! - insistiu Manu.

- O que é fura-olho? - quis saber Ritinha.

- Menina que finge ser fofa, mas quando a amiga vira as costas fica com o namorado dela.

- Caraca, Manu, que absurdo! - espantou-se Ritinha. - Ele não era seu namorado!

- Muito menos seu ficante! - completou Gabi.

- Não interessa. Era futuro ficante! Ela sabia que eu não ficava com ninguém há séculos, que estou carente, me sentindo a menina mais feia e sem graça do mundo. Sabia que eu tinha gostado dele. Custava ter perguntado o nome do garoto? Custava?

- Não deu tempo, loirinha - explicou Dedé...

- Aí, tá vendo? Nem conversaram! Eu nunca faria o que ela fez. Não é de se espantar. Ela sempre foi diferente de mim.

- Diferente como? - irritou-se Gabi. -Vamos embora, gente! - pediu Ritinha.

- Não, eu quero ouvir! Diferente como?

- Fácil!

- Quê?! - espantou-se Gabi.

- É isso mesmo, fácil! Você pega todo mundo. Resende inteira fala de você.

- Manu! - bronqueou Ritinha.

- Meninas, tá sem graça isso, vamos embora, tá todo mundo olhando - alertou Suzaninha.

- Tô nem aí se estão olhando. Ela conseguiu acabar com a minha noite, eu quero acabar com a dela.

- Não precisa mais se esforçar, você já acabou com a minha noite, Manuela.

- Não se faz de arrependida agora, não. Errou, assume.

- Eu não errei! Eu não sabia!!! - esgoelou-se Gabi.

- Manu, se alguém errou nessa história foi o André, não acha? - apaziguou Suzaninha.

- Claro, ele que não devia ter ficado com ela, já que tinha combinado de encontrar você.

- Mas eu ia ficar com a loirinha depois, gente. Calma aí!

- Cala a boca! - gritaram Suzaninha e Ritinha para o sem-graça do André Dedé.

- Tá vendo, Manu? O cara é um idiota! - bradou Suzaninha.

- A Gabi não teve culpa! É tão vítima quanto você da lábia dele - acrescentou Ritinha.

- É, minha lábia é boa, mesmo - gabou-se André Dedé, devidamente ignorado pelas meninas.

- Não defende a Gabriela, gente! Não defende! Garota assim não merece a nossa amizade.

-Assim como, Manuela? Desenvolve! - exigiu Gabi.

- Assim, fácil, que pega todo mundo. A gente sempre achou você meio... meio vulgar.

Ui! Agora o barraco tinha pegado fogo.

- Vulgar? Vulgar?! Você tá louca? O que foi que você bebeu, hein?

- Eu não bebo. Só estou dizendo a verdade. Quem fica com vários numa semana, quem beija tudo o que vê pela frente, pra mim é vulgar, mulher fácil, sem amor-próprio, precisa estar sempre pendurada no pescoço de algum garoto para se sentir bem. Me desculpe, mas é a verdade.

- Manu, pára de show! Você também já teve uma fase bem beijoqueira, tá? - partiu Ritinha em defesa da morena.

- Fase! Fase passa! A da Gabi não passa nunca!

- Manu, você passou dos limites. - Baixou o tom de voz Gabi, fazendo força para as lágrimas não caírem.

- Gente, vamos pra casa... Vocês estão de cabeça quente... -tentou mais uma vez Suzaninha.

- Pra casa? Não mesmo! Eu quero é aproveitar o Carnaval! Vamos para o baile do Jóquei! - Manu, eu acho melhor...

- Ritinha, se vocês não quiserem ir, tá na boa. Eu vou e depois pego um táxi pra casa.

- Sozinha?

- Sozinha não, Suzaninha! Lá eu tenho certeza de que vou arrumar uma companhia - respondeu, decidida. - Olha, Dedé, cuidado, daqui a pouco a Gabriela te larga e se enrosca com outro, hein? Ela é assim.

Gabi sentiu o sangue subir. Nunca fora tão magoada em toda a sua vida.

Com raiva, ferida e abalada com as palavras que Manu usara, ela reagiu. Já que Manu queria briga, ela brigaria:

- É, Dedé. Vamos deixar essa louca ir embora, quero ficar mais à vontade com você, com mais tempo pra beijar - disse, tascando no menino um beijo de cinema.

Manu arregalou os olhos. Ritinha e Suzaninha também. Estavam muito desconfortáveis com aquela situação. Aquele era para ser um feriado amigável! Como assim estava só começando e já tinha rolado uma enorme baixaria?

- Olha aí! Olha aí! É assim que a gente conhece as amigas! -disse Manu.

- Manu, você está completamente errada - repreendeu Suzaninha.

- Ah, é? Então vamos, Ritinha! Você é minha amiga de verdade, vamos comigo para o baile!

- A Suzaninha tá certa, Manu, você está viajando. A Gabi não teve culpa, ela não sabia que era o Dedé!

- Ai, que saco! Vocês são chatas. Vou sozinha, então. - Virou-se e saiu andando furiosa no meio da multidão.

Ritinha e Suzaninha resolveram ir atrás. Antes, Suzaninha cutucou Gabi, que ainda beijava André Dedé, embora sem nenhum sentimento.

- Sei que você é mais madura que ela, que sabe se cuidar melhor do que ela... por isso vou com a Manu. Só por isso! Não quero que ela faça nenhuma besteira. Afinal, eu que trouxe a Manu pra cá, se acontecer alguma coisa com ela a responsabilidade vai ser minha.

- Eu entendo... - respondeu Gabi, num fiapo de voz.

- Conta comigo, tá? E com a Ritinha também. A Manu vai esfriar a cabeça e ver a burrada que ela fez.

- Ela me magoou muito. Eu não tive culpa...

- Eu sei...

- E não sou vulgar! Vocês... vocês me acham vulgar?

- Claro que não! Nunca disse nem pensei um absurdo desses! Ela enlouqueceu. Olha, se você quiser ir para a casa, lembra onde está o Edmílson, né?

- Arrã... Mas e vocês?

- Eu volto de táxi com as meninas, não se preocupa.

Triste, cabisbaixa e magoada, Gabi fez que sim com a cabeça e deu um abraço apertado na amiga, que logo se apressou em seguir Manu e Ritinha.

- E aí, Gabi? Vamos pra um lugar mais calmo? - perguntou André Dedé, sedutor.

- Lugar mais calmo? Tipo igreja, cemitério... Essas coisas?

- Não! Tipo só eu e você.

- Eu entendi! - exasperou-se. - Estava só sendo irônica, André! Acorda, André!

- Ô, morena, não precisa ficar chateada. Eu não acho você vulgar. Nem fácil.

- Ah, nossa, muito obrigada, agora vou dormir tranqüila - debochou.

- Vem cá, vem com seu Dedé, deixa eu te acalmar.

- Meu Dedé? Fala sério! Sai daqui, garoto! Vaza!

- Ué, achei que a gente ia ficar mais tempo junto...

- Achou errado, só te beijei para irritar a Manu, não percebeu?

- Jura? Quer dizer que você me usou para atingir a Manu?

- Não acredito! Você *realmente faz* o tipo bonito e burro, eu não mereço! - irritou-se.

- Eu não sou cara pra ser usado, não! Que é que é isso! Eu tenho sentimento, viu?

Gabi nem ouviu o resto do discurso do agora magoadinho André Dedé. Virou-lhe as costas e foi marchando em direção ao fusquinha 69 de dona Hemengarda, rasgando o papelão que formava sua fantasia de iPod, enxugando as lágrimas e tentando lidar da melhor forma com os pensamentos e pontos de interrogação que invadiam sua cabeça.

Dedé. O cara era o Dedé! Como é que eu ia saber? Parece até coincidência ridícula de novela! O único menino que eu não podia beijar, eu beijei! Se pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente! Tudo bem, beijei sem perguntar o nome, errei... Mas é Carnaval, poxa! Todo mundo beija todo mundo! Isso não quer dizer que eu seja... fácil ou... ou... ou aquela palavra horrível que a Manu disse. Será que ela acha mesmo isso de mim? Será que elas todas acham isso de mim? Resende inteira acha isso de mim? Que gente preconceituosa! Odeio gente que julga! Ah, Gabriela, deixa de ser ridícula, todo mundo julga todo mundo, o tempo todo! Quem sou eu para falar em julgamentos errados? Já julguei muito mal a Suzaninha e me estrepei. Agora a Manu está fazendo isso comigo porque tá com raiva de mim, e aposto que tem a ver com o fato de eu ficar com mais meninos do que ela ultimamente. Mas eu não tenho culpa! Eu sou beijoqueira, fui a primeira a beijar da minha turma... Eu sou assim. E sou jovem, solteira, desimpedida... Não quero me culpar pelo meu jeito. Mas também não quero que as pessoas me achem vulgar. Ah! Quer saber? Que se danem as pessoas! Ninguém tem nada a ver com a minha vida, não vou mudar meu jeito de ser só para agradar às pessoas. Só mudo se eu quiser!

Dedé, Dedé... Tão bonitinho e tão estúpido... Ia ficar comigo, com a Manu e com muitas outras, com certeza. E a palhaça brigou comigo em vez de ver que ele é um palhação, ele não merecia que duas amigas brigassem por causa dele, eu não merecia ter ouvido o que eu ouvi por causa daquele idiota. Ai, que raiva que eu tô desse cara! E de toda essa

situação!!! Odeio sentir raiva, mas é o que eu estou sentindo agora! Nunca vi a Manu daquele jeito! A gente nunca brigou tão feio! E no meio da rua, que baixaria... Achei que eu conhecesse a Manu, mas me enganei. Estou tão decepcionada com ela... Tão triste... Quero minha mãe!

Dialogando com sua cabeça, aos prantos, Gabi chegou ao fusquinha, onde Edmílson dormia e babava no banco da frente. Bateu no vidro algumas vezes até acordá-lo. O caseiro levantou-se num susto.

- Nossa, achei que vocês fossem demorar mais tempo. Já acabou?

- Pra mim acabou, Edmílson. A Suzaninha pediu para você me levar para casa. Depois elas vão voltar de táxi.

- Ué, elas não vão pra casa agora? Ih, dona Hemengarda não vai gostar disso.

- Ela deve estar dormindo, Edmílson, nem vai ver a gente

- Mas a ordem era levar vocês quatro de volta. - Tá, eu vou tentar arrumar um táxi, então.

- Espera aí, Gabi, espera aí... É que eu não quero arrumar problema pra mim, não posso perder esse emprego...

- Beleza, Edmílson. Eu não quero ser motivo para você perder o emprego, já estou com muitos problemas, mais um eu dispenso.

- Onde é que estão as meninas?

- Foram para o baile do Jóquei.

- Por que a gente não vai até lá?

- Porque eu quero ir pra casa, Edmílson. Eu estou cansada, triste, chateada... Não está dando pra perceber que eu estou chorando e que tudo o que eu quero agora é um banho frio e um travesseiro?

Edmílson enfim notou que as coisas não estavam boas para Gabi. E decidiu:

- Entra aí. Não vou deixar uma menina da sua idade chorando sozinha. Tem muito bêbado na rua, eu levo você para o sítio. Quando a gente chegar lá, eu desligo o carro e empurro pra dentro, pra não acordar a dona Hemengarda.

- Brigada, Edmílson... - agradeceu, sem conter o choro. Gabi entrou no fusca, deitou-se no banco detrás, deixou as lágrimas descerem com força e desandou a chorar.

No táxi que pegaram rumo ao Jóquei Clube de Porto das Rosas, Ritinha foi a primeira a quebrar o silêncio:

- Você está totalmente errada, Manu. As coisas que você disse para a Gabi eu não diria nem para uma inimiga.

- Ah, Ritinha! Não disse nada demais, podia ter dito coisas muito piores. Só disse o que eu penso.

- Você não pensa nada daquilo, só falou porque estava com raiva - cortou Suzaninha.

- Pode ser, estava com raiva, mesmo. Ainda estou. Quando a gente quer ficar com um cara e fala pra amiga que vai ficar com esse cara, sua amiga não pode chegar antes e ficar com ele. Isso é fura-olho!

- Ela não conhecia o imbecil do André!!! - exclamou Ritinha. - Quantas vezes você precisa ouvir essa frase para se convencer de que ela não tem culpa de nada?

- Se fosse eu, tudo bem, você teria todos os motivos do mundo para deixar de falar comigo, porque *eu* estava com você na padaria. *Eu* conheci o André. Mas ela? Ela não tinha idéia de quem ele era! - bronqueou Suzaninha.

- A gente não pode discutir com a cabeça quente, Manu. Isso magoa - argumentou Ritinha.

- Olha quem fala! A rainha da reclamação e do mau humor! Não vem querer me dar conselho, não, Rita de Cássia! Não tô com paciência pra conselho - irritou-se a loirinha. - Se vocês quiserem ir pra casa ficar com a Gabi...

- Vontade não me falta, mas vou ficar com você porque acho que você precisa se acalmar - disse Suzaninha,

- Eu estou calmíssima. E louca pra beijar na boca!

- Ficou com dor-de-cotovelo porque a Gabi ficou com o cara e só por isso vai sair beijando feito doida? E depois diz que a Gabi que é vulgar... - alfinetou Ritinha.

- Que palavra horrível. Desnecessária, Manu. E ainda teve a cara-de-pau de dizer que a gente acha isso dela, o que é uma mentira! Muito feio você fazer isso! - completou Suzaninha, indignada.

- Vocês estão chatas.

- Chatas não é bem a palavra. Sinceras seria mais adequado - ironizou a caçula do grupo.

- Ai, gente! Tá bem! Tá bem! Eu errei! Admito, errei! Mas como é que vocês queriam que eu reagisse? Como vocês acham que foi ver a Gabi de mãos dadas com o Dedé? Não foi fácil, não! Minha auto-estima foi para o pé!

- Tá bom, Manu, eu entendo o seu lado. Não é a melhor situação do mundo ver o cara que a gente gosta com outra, ainda mais quando a outra é sua amiga. Mas você não precisava ter pegado tão pesado com ela - opinou Ritinha.

- Você pegou pesadíssimo. Disse coisas horríveis. Você tem que pedir desculpas pra Gabi. Vocês se adoram, são amigas há anos, não podem brigar por causa de um cara que você mal conhecia, Manu! - bronqueou Suzaninha. - Nenhum garoto pode botar em risco uma amizade. Ela agora deve estar derretendo de tanto chorar.

- E o André deve estar se achando o rei da cocada preta. O cara mais gato do mundo.

- Mas ele é o mais gato do mundo. O mais gato do mundo que se aproximou de *mim* e pediu o meu telefone. *Meu!* Ele era meu!

- Seu... seu... Tá boa, santa? - irritou-se Ritinha,

- Desculpa interromper, mas no Carnaval ninguém é de ninguém... - deu pitaco o motorista.

- Boa, moço! - concordou Suzaninha.

- Conheço a Gabi, ela tem mania de se fazer de durona, mas por dentro é sensível à beça. Deve estar triste de dar dó - disse Ritinha.

- Ela jamais diria para você as coisas que você disse para ela - completou Suzaninha.

- Pára, Su!

- Mas é verdade. Olha, se tivesse sido comigo, na boa, Manu, acho que eu nunca mais olharia na sua cara - arrematou Ritinha.

- Tô ficando mal, gente, pára com isso!

- É pra ficar mal, mesmo. Foi péssimo o que você fez, Manu - afirmou a caçula do grupo.

- Só faltou chamar a Gabi de cachorra - acrescentou Suzaninha.

- Eu me descontrolei, gente! Eu sou humana! Eu erro! Foi horrível ver que o único cara que tinha se interessado por mim em séculos preferiu a Gabi.

- Eu sei, mas não precisava nada daquilo. Eu não precisava ver aquela cena, ouvir aquelas palavras... Eu não queria estar na pele da Gabi. Tadinha... - lamentou a neta de dona Hemengarda.

- Dizer que Resende inteira fala dela pelas costas? Que mentira! Que agressão gratuita, Manu! - bronqueou Ritinha.

- Ela não merecia isso... Tá sempre tão feliz, sempre querendo botar a gente pra cima, sempre de bem com a vida... - desabafou Suzaninha.

- E te adora, Manuela. Te adora!

Manu, enfim, botou a mão na consciência:

- Tadinha! Eu magoei uma das pessoas que eu mais amo na vida.

- Pois é - concordou a caçula do grupo.

- E ela sempre foi tão legal comigo...

- Sempre - endossou Suzaninha.

- Amiga de todas as horas... Já me deu tanto o ombro para eu chorar.

- E eu não sei? - disse Ritinha.

- Eu fui péssima!

- Pés-si-ma! - repetiram em coro Suzaninha e Ritinha.

- O que vocês estão fazendo aqui comigo?

- Cuidando de você pra você não fazer nenhuma besteira.

- Outra besteira, né, Suzaninha? - corrigiu Ritinha.

- Ela não merecia ouvir o que eu disse por nada nesse mundo. Por que as palavras vieram com tanta força na minha boca? Por que eu machuquei tanto uma pessoa a quem eu só quero bem?

- Não sei também - respondeu Suzaninha.

- Por que a gente fala sem pensar? Por que às vezes piramos e agredimos quem amamos? Por que a gente erra? Eu achei que eu era legal, que era gente boa...

- Mas você é - incentivou a caçula do grupo.

- Então por que eu fui tão vaca com uma das minhas melhores amigas? - questionou Manu, chorando.

- Porque ninguém é gente boa o tempo inteiro. Isso só existe nas novelas. Só lá que as pessoas são boazinhas 24 horas ou más da manhã à noite. Na vida real, a gente erra, a gente acorda com o pé esquerdo, a gente diz o que não devia, a gente tem pensamentos esquisitos... - acalmou Suzaninha.

- Vamos para o sítio, gente. Eu preciso falar com a Gabi, olhar no olho dela, pedir desculpas.

- Desculpas sinceras?

- Claro, Ritinha! - Ah, bom!

- Gente, a culpa que eu tô sentindo não desejo nem para a pior pessoa do mundo. Chega a doer, de tão pesada - disse a loirinha, sem conter as lágrimas de arrependimento.

Suzaninha pediu ao motorista que as levasse para a casa de sua avó. Assim que chegaram, Manu subiu correndo a escada para conversar com a amiga de infância.

- Vamos com ela, Su?

- Melhor, não, Ritinha. É uma conversa entre as duas, séria, não acho que a gente tenha que se meter.

Manu entrou no quarto sem bater e logo viu que a amiga estava aos prantos, com um rolo de papel higiênico na mesinha-de-cabeceira para assoar o nariz vermelho.

Gabi olhou para Manu e não disse nada. Manu sentou-se na cama e, sem conseguir olhar nos olhos da amiga, começou a chorar.

- Desculpa, Gabi! - pediu. - Me desculpa! Eu não devia ter dito nada que eu disse.

- Não mesmo - respondeu Gabi, com um fiapo de voz. -Você me magoou muito, Manuela. Muito.

- Eu sei, eu sei! E por causa daquele idiota! Eu sou uma burra, uma burra!

- A gente deve pensar antes de falar, sabe? Você me agrediu mais com suas palavras do que se eu tivesse levado uma surra.

- Desculpa... Eu não quero perder sua amizade, desculpa...

- Pedir desculpa é fácil, Manu - desabafou Gabi, ressentida. - Eu vou te desculpar, eu gosto de você, mas preciso de tempo para mastigar as coisas que você disse.

- Tudo besteira, não precisa mastigar nada, esquece!

- Quem me dera conseguir esquecer. Esquecer que sou vulgar, que beijo qualquer um, que Resende inteira fala de mim pelas costas.

- Tudo mentira.

- Não é possível, com certeza tem um fundo de verdade... - Juro que não, Gabi! Falei por falar.

- Falou para magoar.

Manu não controlou o choro, que agora veio em forma de enxurrada de lágrimas.

- Foi, foi! Eu fiquei com raiva, eu quis te magoar, sim! Pronto, falei!

- Por quê? Por quê?

- Porque você ficou com o cara que eu queria ter ficado!

- Mas eu não sabia que ele era o seu cara! Se soubesse, é claro que não teria nem olhado para ele!

- Eu sei!

- Então!

- Então que eu fiquei com raiva por você ter beijado ele, por você ter ficado com ele, e eu não. Por você aparecer com ele de mãos dadas... Foi um choque pra mim ver você com ele, me pegou desprevenida, desarmada... Eu não estava esperando ver o Dedé de mãos dadas com outra garota. E, para piorar, a outra garota era você!

- Mas eu não tive culpa!

- Claro que não! Mas é que... ah, Gabi... De verdade? Eu fiquei com inveja de você - admitiu, constrangida.

- Inveja? Por quê? - indignou-se a morena.

- Porque você fica com quem você quer, sempre foi assim. Os garotos babam por você. E você não liga para o que possam dizer ou pensar de você, você é a menina mais feliz e mais bem resolvida que eu conheço. O oposto de mim.

- Mas você sempre ficou com quem você quis também.

- Isso é passado... De uns meses pra cá ninguém mais olha para mim, não sei o que aconteceu, não sei se são as espinhas, não sei se fiquei feia, não sei se passei a estudar mais e fiquei com fama de nerd, de CDF, não sei se parei de gostar de mim e afastei os garotos... Só sei que não fico com ninguém há seis meses! Por isso foi tão dolorido ver você de mãos dadas com o André. *O* único cara que se interessou por mim nos últimos tempos estava com você!

Segundos de aflitivo silêncio se seguiram.

- Manu, você não podia ter dito as coisas que disse pra mim. Você me julgou. Pior, julgou e *condenou,* criticou minha forma de ser, de agir. Você me conhece há tanto tempo... Doeu saber que você pensa tudo aquilo de mim e nunca me disse nada, viu?

- Eu sei... eu sei... - chorou Manu. - Eu te amo, só falei para agredir, já disse. Acredita em mim. Desculpa, por favor!

- Você disse que eu sou vulgar. Vulgar. Que palavra é essa? Vulgar, para mim, foi só uma palavra mais bonita que você arrumou para não me chamar de galinha.

- Ô, Gabi, o que eu preciso fazer para você esquecer? -Esvaiu-se em lágrimas a loirinha.

- Nada. E sabe por quê? Porque eu nunca vou esquecer. E pra te falar a verdade, acho que vai ser difícil não ficar com o pé atrás com você a partir de agora.

- Não fala isso, não fala isso! - chorou mais ainda Manu, com a culpa do tamanho da ponte Rio-Niterói pesando sobre os ombros.

- Você que cavou. A gente colhe o que a gente planta. Agora eu não sei se vou conseguir mais acreditar em você como antes...

Manu entrou em desespero. Gabi era uma de suas melhores amigas, amiga de infância, amiga-irmã. Chorava muito, soluçava, a maquiagem de princesa já tinha escorrido para um reino distante. Como ela queria voltar atrás e engolir as palavras que dissera...

- Quando você joga na minha cara um monte de coisas, eu tendo a acreditar que essas coisas são verdades entaladas na sua garganta que você só conseguiu botar pra fora porque estava com raiva. E isso não é nada bom. Você me botou no chão, Manu. E, você sabe, eu não merecia isso. A gente já passou por tantas coisas juntas, eu nunca imaginei que sua cabeça a meu respeito era tão cheia de preconceitos.

- Não é!

- Eu fico, sim, com quem eu quero! Sou jovem, solteira, gosto de beijar... podem falar o que quiser de mim, mas eu sou feliz, sou beijoqueira e não me acho vulgar por causa disso. Não tenho vontade de namorar, não quero me ligar a ninguém seriamente agora. Quando isso acontecer, eu quero estar muito apaixonada. Antes disso acontecer, o que é que tem eu ficar com vários? Eu não acho isso errado.

- Eu também não! Já disse, eu fiquei com inveja de você! Essa alegria e essa sua maneira leve de ver as coisas é que me dão inveja...

- É muito feio ter inveja, Manu! Horrível! Você tem tudo, é linda, feliz, mora numa casa ótima, seus pais têm grana, não tem por que ter inveja de mim, nem de ninguém.

- Mas eu tô me achando um cocô.

- Só por que não fica com ninguém há um tempo? Fala sério! Desde quando ficar com alguém prova que você é melhor ou pior do que outra pessoa? Ficar sozinha é bom pra todo mundo, você devia usar esse tempo para se conhecer melhor e aprender a gostar mais da sua própria companhia em vez de ficar reclamando.

- Não é só isso! A minha vida tá uma porcaria, não sei o que fazer no vestibular, não sei se um dia vou amar e ser amada, não converso nada com meus pais, a não ser futilidades... A minha vida está péssima. Péssima como um todo, não só no campo sentimental. Eu tô me sentindo péssima por ter ficado com inveja de você. Quer sentimento pior do que inveja?

Gabi ficou com pena.

- Dá para entender que o idiota do André levantou meu ego e quando te vi com ele meu ego foi para baixo do chão, onde ele estava quando cheguei aqui?

A morena dos cabelos ondulados estava magoada com a amiga, mas essa amiga, era claro, estava magoada com a vida.

Gabi fechou os olhos, baixou a cabeça, engoliu em seco. Finalmente entendera por completo o drama de Manu. Entendera que a loirinha era tão adolescente quanto ela, que deve ter sido um golpe duro vê-la com o cara que elevara sua auto-estima. Percebera que a amiga tinha um bando de interrogações na cabeça, muito mais que ela. Questões sobre vida, valores, amor, família, futuro... Do mesmo jeito que não gostara de ser julgada, não podia julgá-la, não podia dizer que aquilo era uma tempestade em copo d'água... Nenhuma palavra a ajudaria naquele momento. Só mesmo o que ela decidiu fazer:

- Me dá um abraço, vai - pediu.

Manu pulou nos braços de Gabi e deu nela um abraço esmagado, cheio de choro, soluço e remorso.

- Desculpa, Gabi! Desculpa! - era tudo o que conseguia dizer.

Gabi também chorava. Muito. Manu era como uma irmã para ela. Não queria que aquela amizade linda ficasse estremecida por causa de um idiota que queria pegar as duas e mais a torcida feminina do Flamengo. E do Vasco, do Fluminense e do Corinthians.

- Você vai me desculpar? - Já desculpei, sua anta!

- Obaaaaa!!! - gritaram Suzaninha e Ritinha, que invadiram o quarto assim que ouviram a resposta de Gabi.

- Vocês estavam ouvindo atrás da porta? - indignou-se Manu.

- Claro! - respondeu Ritinha tranqüilamente.

- Que absurdo!

- Ah, deixa de ser falsa, Manu, se fosse o contrário a gente teria feito o mesmo - riu Gabi.

- É verdade - concordou a loira.

- E então? Tudo resolvido? - quis saber Suzaninha.

- Tudo - disseram as duas abraçadinhas.

- Eu estava achando que eu era a vítima dessa discussão, mas a Manu é que tá mal, gente. Precisando de colo, precisando que a gente mostre pra ela o quanto ela é especial, linda por dentro e por fora...

- Claro, a gente está aqui para ajudar, mas isso não justifica a grosseria que ela fez com você - opinou Suzaninha.

- Claro que não. Mas ajuda a entender... - argumentou Gabi.

- Vai passar. Eu sei que vai. É uma fase - disse Manu. - Deve ser por isso que dizem que adolescência é chato. Ando transformando tudo em problema, choro à toa, estou mais quieta do que o normal... Por isso quis tanto viajar com vocês. Porque vocês são a minha família, a família que eu escolhi. E porque vocês me fazem sentir a melhor pessoa do mundo.

As três a olharam com carinho, espantadas com o relato sincero da loirinha.

- Tô precisando das minhas amigas. Muito... - fez dengo Manu.

- Oba, então vai ser uma noite pra levantar a auto-estima da Manuzita! - decidiu Suzaninha.

- Maravilha! Vamos para o baile, então? - perguntou Ritinha.

- Que baile? - indagou Suzaninha.

- Baile do Jóquei, ué!

- Você estava odiando esse negócio de Carnaval, o que foi que aconteceu? - intrigou-se Gabi,

- Ah, gostei do clima na rua, achei as pessoas felizes, fiquei com vontade de ir para o baile dançar..,

- Você deu alguma coisa para ela beber, Suzaninha? - perguntou Manu.

- Cê tá com febre, é isso? Tá delirando, tadinha! - ironizou Gabi.

- Ai, como vocês são chatas! Vocês preferem mesmo é me ver resmungando, né? Quando eu decido ficar feliz, vocês querem acabar com a minha alegria. Vai entender!

- Ritinha, eu acho que não tem mais clima pra baile... - foi sincera Gabi. - Não hoje.

- Ah, por quê? Vamos! A noite é uma criança! - insistiu Ritinha.

- Gente, acho que é sério, vamos levar a Ritinha pro hospital, ela não tá nada bem - brincou Manu.

- A Suzaninha também quer ir!

- Mas só se nós quatro formos. E vamos para ficar juntas, sem briga! - explicou Suzaninha.

Manu e Gabi se entreolharam.

- Eu topo! Vamos para comemorar nossa amizade! -empolgou-se Manu.

- Sério? Não sei... - quedou-se em dúvida Gabi.

- Vamos! A gente não vai sem você - pediu Suzaninha.

- Pô, gente, eu nem tô mais de fantasia, rasguei meu iPod - contou Gabi.

- Eu comprei anteninhas de abelha com paetês num camelô na Coronel Olavo. Você pode ir com elas - disse Suzaninha.

Gabi pensou, pensou... Olhou para Manu...

- Não posso ir com essa cara inchada de choro. Tô parecendo uma sapa, não uma abelha.

- Vai de sapa, então! - sugeriu Ritinha. - Sobrou tinta verde no depósito.

- Dâ-â! - fez Gabi.

- Só vou se você for - fez chantagem Manu.

- Hum... Não sei...

- Deixa de ser chata! Você é a mais animada de todas, se você não for a gente não se empolga, a noite fica sem graça sem suas palhaçadas - tentou Suzaninha.

- E nosso Carnaval vai ser estragado por culpa sua! Nosso Carnaval merece ser legal! A gente é legal à beça!

- Rita de Cássia! - bronqueou Manu.

- Conheço a peça, se eu não fizer um drama desses ela não vai. Né, Gabi?

- Ai, como você é mala, Ritinha! - chiou a morena dos cabelos compridos. - Tá bem! Tá bem! Eu vou pra esse baile! Cadê as antenas, Su?

As quatro foram para o banheiro retocar a maquiagem. Lá, tagarelaram e se arrumaram com rapidez impressionante. Até Gabi, que mandara a tristeza embora mesmo. Não era de guardar mágoas. Agora, ela e as amigas não queriam perder mais nem um minuto do Carnaval de Porto das Rosas. Munidas de alegria e confete, que Suzaninha também comprara num camelô, foram acordar o coitado do Edmílson para levá-las ao clube. O clima estava ótimo, a alegria reinando de novo entre as quatro, agora aquela viagem estava realmente começando.

O baile

Já passava de meia-noite quando o quarteto adentrou o salão do Jóquei Clube de Porto das Rosas. No palco, uma banda entremeava sambas-enredo conhecidos com marchinhas como *Cabeleira do Zezé, Linda morena, Allah-la-ô, Mamãe eu quero, Índio quer apito, Taí, Pierrô apaixonado, Mulata iê-iê-iê* e outras pérolas. Assim que entraram, a galera cantava a divertidíssima *Marcha da cueca,* cujo refrão diz: "*Eu mato! Eu mato! Quem roubou minha cueca pra fazer pano de prato!*" Impossível não sorrir com versos tão... poéticos, impossível não se jogar no meio do povo, impossível não botar o gogó pra cantar, os braços pra cima a balançar, impossível ficar parado. Em pouco tempo, as amigas estavam dançando, quicando, rodando, sacudindo os cabelos e cantando em altos brados. A alegria era tão grande que dava até para pegá-la, senti-la, botá-la na mão.

As folionas pularam que se acabaram, ô-lelê pra cá, ô-lalá pra lá, "ah-ah, uh-uh, o Carnaval é nosso!", tiraram o pé do chão, requebraram os quadris sem timidez, rebolaram até embaixo... E nesse molejo momesco esbarraram com meninos e meninas de vários estilos e com várias intenções. Havia os com colares havaianos, os vestidos de médico, as com asas de fada, as cachorras, os cachorros, os que só queriam olhar, os que só queriam importunar, os que queriam beijar, os que queriam beijar muuuuuito muitos...

Abraçadas com os braços enrolando suas cinturas, as quatro não se desgrudaram um só segundo e esquivaram-se juntas de garotos que se aproximavam com cantadas baratas e do atropelo de meninas cujo abuso de álcool se fazia notar.

- Ai, acho horrível menina beber desse jeito - opinou Ritinha.

- Acho horrível beber desse jeito. Menina ou menino. Velho ou jovem. Ou sabe beber ou não bebe - disse Suzaninha, com cara de nojo, ao ver que uma das meninas não conseguira chegar até o banheiro e vomitara ali mesmo, na varanda.

- Eca! - exclamou Manu. - Por isso que eu não bebo. Imagina pagar um mico desses?

- A minha mãe disse que é muito difícil adolescente saber beber. Por isso dão vexame desse jeito - contou Gabi.

- A gente não é mais adolescente, né, Gabi? - estrilou Suzaninha.

- Claro que é!

- Eu não me acho adolescente. Tenho quase 17 anos, já me sinto uma mulher! - afirmou Suzaninha.

- Eu também! - concordou Manu.

- Você acabou de dizer lá no sítio que era adolescente, Manu! - exclamou Gabi.

- É? Ah, eu desdigo, então.

- Claro! Adolescente é pirralho de 13, 14 anos.

- Você tem 15, Rita de Cássia, alou! - bronqueou Gabi. - Eu me sinto adolescente e quero me sentir assim por muito tempo. A gente vai ser adulta o resto da vida, quero aproveitar essa fase ao máximo!

As três se puseram a pensar e logo rebateram:

- É... Tá certa. Eu também quero ser adolescente mais tempo - concordou Ritinha.

- Eu também - disse Manu.

- Eu tambéééém! - vibrou Suzaninha.

- Ai, olha como adolescente é chato! ô, raça indecisa e sem opinião! - implicou a morena.

Depois da pausa para o conversê e para a água, as quatro voltaram para a pista. Lá, se esbaldaram tanto, mas tanto que...

- Ops! Peraí, gente! Perdi meu chinelo - disse Ritinha, já se abaixando para procurar.

- Impossível achar alguma coisa aqui, Ritinha, tá muito cheio, você pode até se machucar, alguém pode pisar em você - disse Gabi, levantando a amiga.

- Melhor ir ao departamento de achados e perdidos - sugeriu Suzaninha.

- Tem isso aqui?

- Deve ter. Vamos procurar.

Foi quando começou a tocar *0 que* é, *o que* é, do Gonzaguinha.

- Ah, não, gente! Vamos depois, essa é a minha música! -empolgou-se Gabi, emendando a plenos pulmões: - "Viveeeeer! E não ter a vergonha de ser feliiiiz!" - cantou.

- Também adoro, vamos depois dessa, samba descalça, Ritinha! - disse Manu, entrelaçando as mãos com as de Gabi.

- Tá louca!? Não vou conseguir sambar descalça, com meus pés limpíssimos, nesse chão imundíssimo.

- Beleza, eu entendo. Vou com ela, vocês esperam aqui, tá? - perguntou Suzaninha.

- Tá! Tá! - respondeu Manu, afobada, para logo depois se pôr a cantar com as vísceras: - "Eu seeeei que a vida devia ser bem melhor e seráááá"! - entusiasmou-se, ignorando as amigas, que partiram rindo da empolgação das outras duas, que cantavam com vontade, olhos fechados, braços para cima, numa espécie de transe carnavalesco que parecia ter tomado conta de todo o baile. Viva Gonzaguinha!

O chinelo de Ritinha não estava na seção de achados e perdidos.

- Pô, Ritinha, que idéia vir para o baile de chinelo! - estrilou Suzaninha.

- Você não queria que eu viesse de tênis, né? Tucano não usa tênis!

- Nem chinelo, doida! Tucano anda descalço!

- Então, o chinelo era a melhor opção - justificou Ritinha, indo com Suzaninha ao encontro de Gabi e Manu.

- E aí? Nada?

- Nada, Manu! - respondeu Ritinha. - Perdi o chinelo e a paciência de ficar aqui. Como é que eu vou me divertir com um pé descalço?

Nesse momento, Suzaninha avistou um menino vestido de bombeiro.

- Nossa! Por um bombeiro desse eu me queimo toda! -exclamou, para riso das meninas.

- Cuidado, Su! Você já perguntou para a Manu se ela já tinha visto o bombeiro? - espetou Gabi. - Porque, você sabe, né, se ela tiver olhado para o cara ninguém pode olhar, muito menos conversar, não é isso?

- Gabriela! - bronqueou Ritinha.

- Ué, a Manu é assim, não é Manu? - espetou mais uma vez Gabi.

- Você não me perdoou, né?

- Perdoei, mas não é porque eu te perdoei que eu não posso te zoar, né?

- Tá bom, Gabi, pode me zoar à vontade hoje.

- Hoje? Hoje e mais 364 dias, né? Tô com crédito pra te zoar! - brincou a morena.

- Eu entendo, você está magoada ainda comigo e eu não te culpo. Pode provocar que eu não vou ligar - foi sincera Manu.

- Tá, mas e aí? Se você tiver olhado para o bombeiro, a Su pode dar mole para ele ou você vai ficar chateada se eles conversarem? - perguntou Ritinha.

- Rita de Cássia, a Gabi tá alterada, o que é suuupercompreensível. Vai fundo, Su, o bombeiro não faz o meu tipo - disse Manu.

- Ah, que fofa! O bofe não faz o tipo dela, então qualquer uma de nós pode dar uns pegas nele! - ironizou Gabi.

- Vocês vão começar de novo? Tô sem paciência para imaturidade - irritou-se Ritinha. - Estou aqui preocupada com o meu chinelo que sumiu! Eu quero meu chinelo! Meu chinelinho cúti-cúti! Não sou ninguém sem meu chineloooo! Vou chorar! - berrou Ritinha.

- Ah, desculpa. Chorar por causa de um chinelo, isso, sim, é maturidade - debochou Gabi, causando riso em Manu e Suzaninha.

O clima não estava mais tão maravilhoso, mas elas conseguiram aproveitar mesmo assim. Gabi pediu desculpas a Manu e não demorou a perceber que um garoto vestido de havaiano estava com os olhos grudados nela.

- E aí, Manu? Posso ficar com ele? - implicou mais uma vez. -Desculpa, não resisti - justificou-se, antes de dar um beijo carinhoso na bochecha da loirinha e ir conversar com o tal "havaiano".

Em pouco tempo, estavam aos beijos no meio do salão.

- A Gabi não tem jeito, ela sempre fica antes de todo mundo. Nem aproveita a nossa companhia - resmungou Manu.

- Vai começar? - rebateu Ritinha.

- Não vão brigar de novo, pelamordeDeus! Vamos aproveitar o baile - pediu Suzaninha.

- Não posso aproveitar! Estou sem um chinelo.

Nesse momento, como naqueles momentos mágicos de filmes românticos, em que tudo em volta congela e só existem os protagonistas, aproximou-se da caçula das amigas um menino com uma fantasia improvisada de príncipe. Uma graça de menino. Olhos verdes, rosto lisinho, nariz afilado, maxilar forte, furinho no queixo.

Ajoelhou-se aos pés de Ritinha e, sem rodeios, revelou:

- Achei minha Cinderela - disse, enquanto levantava a perna de Ritinha para botar em seu pé o chinelo perdido. - Procurei tanto tempo por você e agora, enfim, te encontrei - completou, com pinta de príncipe de filmes de príncipe.

Seria mentira afirmar que Ritinha não balançou com um príncipe tão bonito e galanteador.

- Você tá levando sua fantasia muito a sério, hein? - reagiu.

- Que fantasia? Eu sou um príncipe de verdade, tu não reconheces um membro da realeza, ó, princesa?

Ela riu.

- Princesa? Eu sou uma ave, seu doido!

- Ave? Mas é claro, agora que vi as asas, ave encantada. Que ave rara és tu?

- Eu sou um tucano, pô! Não reconhece um tucano? Seu reino deve ser bem distante do Brasil, né?

- Meu reino é muito, muito distante daqui. Viajei milhas e milhas só para conhecer essa festa profana chamada Carnaval e encontrar minha princesa, que foi transformada em tucano pela bruxa má.

- Ih... Olha o cara... Que viagem! Dá pra ver que você gosta muito de histórias de princesas...

- Eu gosto é de você - retrucou, sério.

- Ah, tá - fez Ritinha, sem graça. - E do baile? Tá gostando? -perguntou, para logo depois culpar-se. "Eu estou puxando papo com um desconhecido! Ritinha, sua louca! Pára com isso! Dá logo um corte nesse cara! Você tem namorado", recriminou-se.

- Agora estou gostando muito mais - disse ele, olhando fundo nos olhos de Ritinha.

- Por quê? - perguntou, fazendo charme, como se não soubesse a resposta.

"Rita de Cássia! Rita de Cássia, sua doida! Pára com isso! O que é que você tá fazendo? Não tinha nada que perguntar por quê! Por sua causa, idiota! Você sabe disso! Pensa no Leandro! Pensa no Leandro!"

- Porque agora eu finalmente achei minha princesa.

Ponto para o príncipe! Esse negócio de princesa sempre mexeu com Ritinha. Seu sonho era ter um castelo cheio de flores, que ela batizaria de Castelo das Flores, e um cavalo branco que se chamaria Cavalo Branco. É, a imaginação de Ritinha não era lá muito fértil, isso para não mencionar sua falta de criatividade para nomes.

Sem nada a dizer, ela apenas sorriu - mostrando muito mais dentes do que deveria.

- Você me daria o prazer desta contradança? - perguntou o Príncipe, romântico.

Ela nem pensou duas vezes. Apenas estendeu o braço e foi para a pista com ele, sob os atentos e arregalados olhos de Suzaninha e Manu.

- Que é, gente!? Vou só dançar! Agora eu tô com os dois chinelos! - explicou.

As duas nada disseram para ela. Mas não deixaram de comentar entre si:

- Tô boba! - disse Suzaninha.

- E eu? Isso não é contra o regulamento do Pappoc? - perguntou Manu.

- Totalmente! Se isso acontecesse com o Leandro, ele teria que ligar para ela na mesma hora para entender a grandeza e a importância do amor deles. Acho que ela teria que fazer o mesmo. Ai, droga, olha a gente julgando!

- Ai, Suzaninha, não estamos julgando, estamos só comentando...

Príncipe e tucano/princesa chegaram à pista bem na hora em que a banda começou a tocar aquelas marchinhas acalma-folião, bem mais lentas. Foi uma sucessão de canções lindas e inesquecíveis: *Bandeira branca, Máscara negra, Pastorinhas* e *Carinhoso,* aquela do Meu coração/ não sei por quê/, bate feliz quando te vê, que os dois cantaram com os olhos grudados um no outro, dançando como os casais de antigamente. Algo estranho no ar, Ritinha queria se desvencilhar do príncipe, mas não queria, queria dançar com ele a noite inteira, mas não queria, queria beijá-lo, mas... não podia.

O set de músicas lentinhas acabou e recomeçou a pulação desenfreada e nada romântica. Afinal, *Pirata da perna-de-pau* e tudo, menos romântica.

- Valeu - disse ela, afastando-se de seu príncipe.

- Valeu? Não quer mais dançar?

- Não, tô na boa - disse.

- Não tá certo isso... O que foi que aconteceu? Pisei no seu *pé?*

Droga! O príncipe tinha bom humor, um quesito importante para conquistar a mau-humorada Ritinha.

- Não! Você dança muito bem! - respondeu. - É que não posso dançar com você.

- Por quê?

- Porque não é certo.

- Por quê?

- Porque eu tenho namorado - finalmente revelou, olhando para baixo, cheia de vergonha.

Depois de um breve segundo de silêncio, príncipe rebateu, na lata.

- Eu não sou ciumento. Príncipe safadinho!

Ele não se importava se ela era ou não comprometida. Ele queria apenas ficar mais um pouco com ela... Ritinha entrou em parafuso.

- Não posso, não insiste...

- Espera aí! Eu vou deixar você ir, mas antes me tira uma dúvida: se você não tivesse namorado, eu teria alguma chance?

Príncipe insistente!, pensou ela. Mas não podia pensar muito, tinha que responder àquela pergunta. Olhou para ele e disse sinceramente.

- Claro que teria.

"Burra! Idiota! Não precisava do 'claro'! Que coisa mais oferecida! Ai, se o Leandro soubesse disso!", culpou-se mais que nunca.

Suzaninha e Manu se aproximaram.

- Seu celular acabou de tocar. Era o Leandro - sussurrou Manu ao seu ouvido.

Os olhos de Ritinha quase pularam para fora de seu rosto.

- O que você disse?

- Nada, não atendi.

- Ufa! - respirou aliviada.

- Ele não sabe que a gente tá aqui, lembra? Você só vai contar pra ele amanhã. Se contar, né?

- Ai, Manu, você tá me julgando!

- Não, tô, não.

- Tá, sim! Tá me achando de última!

- Ritinha, eu não faria isso se estivesse namorando. Mas eu sou assim! - desabafou Manu.

- Algum problema, princesa? - quis saber o príncipe.

- Nenhum. Olha, foi bom te conhecer, mas eu tenho que ir. Tchau - despediu-se, dando um beijo na bochecha do garoto. Ele bem que virou o rosto para tentar um selinho, mas Ritinha percebeu e o selinho não aconteceu. Apenas uma bitoca carinhosa.

Saiu em disparada rumo ao banheiro, seguida de perto por Suzaninha e Manu.

- Gente! Eu não acredito! Eu quase fiquei com o garoto! Como assim? O que foi que aconteceu comigo? - reclamou, chorando.

- Ritinha! Essas coisas acontecem! - aliviou Manu.

- O bom é você ter se tocado a tempo! Mas não se recrimina tanto, vai! Você é de carne e osso, ele era lindo, relaxa! - acalmou a amiga Suzaninha.

- Mas não podia, eu não podia ter feito isso, gente! É errado! Estou me sentindo a pior pessoa do mundo! - exclamou Ritinha. - Imagina se o Leandro faz isso comigo lá em Valença? Eu *morro!*

- Por isso que é melhor você não contar nada disso pra ele.

- Não conto de jeito nenhum! Não sou louca! Amo muito meu namorado para perdê-lo assim, por causa de um príncipe no Carnaval.

- Mas ele balançou você - atiçou Manu. -Você viu a cara dele? As mãos dele? As mãos mais lindas que já vi em toda a minha vida! - disse Ritinha.

- Jura que você reparou *nas mãos* dele? - intrigou-se Suzaninha.

- A Ritinha ama mãos masculinas - explicou Manu.

- Sério? - estranhou Suzaninha.

- A Ritinha é doida, você ainda não percebeu, Su? - brincou Manu.

- Gente, tô péssima!

- Não fica! Qualquer um está sujeito a isso. Você não fez nada demais.

- Fiz, sim! Fui fraca, fui dançar com o cara! Me deixei levar por ma conversa besta de príncipe fajuto. Teria que ter ligado para o Leandro assim que ele chegou perto de mim! Eu que fiz o Pappoc e não cumpri.

- Deixa essa Pappoc pra lá! Vamos dançar!

- É esse Pappoc, Suzaninha! E não dá pra dançar, tô me sentindo esquisita... Errada... Culpada.

- Esquece essa culpa, não rolou nada. O seu amor pelo Leandro falou mais alto, você percebeu que seu amor por ele é imenso, olha que bacana! - ajudou Suzaninha.

- É, né? Eu amo muito o meu Lelê! Muuuito! - gritou Ritinha.

- Maravilha! Você ama o Leandro, o Leandro te ama! Agora vamos dançar, *purfa?* Essa música é tudo! - pediu Manu.

As duas puxaram Ritinha do banheiro para o salão, cada uma segurando num braço. Animadas, cantaram "Eu fui às touradas em Madri Pararatibum-bum-bum!" e, juntas, voltaram a dançar abraçadas.

A harmonia foi quebrada por um grupo de lutadores, os chamados pitboys, que se aproximaram das três sem nenhuma delicadeza. Puxando o cabelo de Manu, o mais carrancudo do trio disse às meninas:

- Vocês são muito, mas muito gostosas. Não são daqui não, né?

- Você jura que precisava puxar meu cabelo para dizer isso? Não sabe que garota ODEIA ter o cabelo puxado numa balada? -irritou-se a loirinha.

- Iiih, aí! Achei uma bravinha! - ironizou para os amigos. - São as minhas preferidas.

- Com licença, vocês estão atrapalhando a gente - pediu Suzaninha.

- Quer que a gente vá embora?

- Claro. A gente tá dançando.

- Olha aqui, ô, metidinha, todas essas vadias que estão aqui nesse baile queriam ficar com a gente, mas a gente quer ficar com vocês. Como é que tu diz na minha cara que quer dançar? Tá louca? - perguntou um outro forte, com orelha em formato de couve-flor e uma tatuagem enorme no braço que segurava o de Suzaninha com mais força que o necessário.

- Vem cá, vocês não entendem nada de mulher, né? A gente odeia quem chega junto usando a força. E lutadores, na boa, não fazem o nosso tipo - reagiu Ritinha.

- Ih, ficou brava a baixinha, olha só! Vocês não entenderam o que eu disse? A gente tá a fim de pegar vocês!

- A gente não tá! Vocês é que não entenderam! Quando um não quer, dois não se pegam! - respondeu Ritinha, puxada, pelas asas de filó, pelo mais alto deles.

- Deixa de frescura, garota! A gente só quer um beijo! - disse, atacando Ritinha, que deu um chute naquele lugar bem frágil da anatomia masculina.

- Garota maluca! - reagiu ele, empurrando Ritinha com força.

Que trogloditas!, pensou a caçula do grupo.

Assustadas, as três se desvencilharam, foram para o meio do salão e voltaram a aproveitar a paz. Paz que durou pouco.

Elas tinham despertado a ira dos lutadores. Agora parecia que os trogloditas estavam com mais vontade ainda de ficar com elas.

- Vocês de novo? - perguntou Ritinha.

- Olha, chegamos na delicadeza, na paz, na tranqüilidade, mas daqui a pouco, se vocês continuarem assim, *vamo* ter que partir pra *ingnorância!*

- *Ingnorância?* Fala sério! Ignorante é você, animal! - rebateu Suzaninha.

-Vem cá, vocês se acham muito superiores, né? - perguntou o carrancudo que puxou o cabelo de Manu.

- Não, a gente só não tá a fim de ficar com vocês - respondeu a loirinha.

- Por quê? Só um beijinho - disse o carrancudo, agarrando Manu.

- Não!

- Por quê?

- Porque eu não quero!

- Tá louca?

- Não! Você que tá! Me solta! - gritou, tentando se esquivar dos braços enormes e daquela boca asquerosa que tentava tocar a sua.

- Quanto mais você resiste, com mais vontade eu fico, sabia?

- Doente!

- Larga ela! - interveio Ritinha.

- Eu vou chamar o segurança - alertou Suzaninha. -Vai, vai lá chamar o segurança, vai - disse ele em tom debochado.

Ninguém em volta percebeu que a cena estava acontecendo. Entre confetes e serpentinas, o clima pesou e ninguém viu, para desânimo das meninas.

- Anda, loira, só um beijo, pô! Qual é?

- Não quero!

- Que é? Tem namorado?

- Não.

- Então é encalhada e ainda tá me tratando mal?

- Larga ela! Ela já disse que não quer! - tentou mais uma vez Ritinha, segurada pelo mais alto do trio.

- Qual o problema de um beijo? Só um beijinho quebrete!

- Quebrete? - fez Manu.

- Quebrete, de quebra-galho. Só um, vai, loirinha! Me quebra esse galho, eu tô com a boca seca.

Dito isso, ele encostou a boca na de Manu, que não teve outra alternativa a não ser...

- Ai! Pô! Tu me mordeu, garota? - indignou-se o carrancudo, com os beiços inchados e a raiva no olhar. - Tu não sabe com quem tá se metendo!

- Ai, que meda! - debochou Manu.

- Pode ficar com medo, mesmo. Você e essas suas amigas metidinhas me pagam.

- Nossa, assim, falando grosso, você consegue até enganar que é homem, sabia? - ironizou Ritinha.

- Vambora, Dudu! Vambora! Três vadias encalhadas não merecem nosso esforço - decidiu o mais alto.

- Tem razão, Janjão. Olha aí, as três são caídas, corpo ridículo, nem devem malhar... Vadias! Vadias! - gritou, afastando-se delas e sumindo na multidão.

Enquanto isso, Suzaninha conversava com o segurança.

- São três garotos, um baixinho carrancudo, um...

- Já sei quem são, mas não vou poder fazer nada.

- Por que não? Eles estão chateando a gente há um tempão!

- O baixinho carrancudo é o Eduardo, filho do prefeito, e os outros são os amiguinhos dele. Se eu fizer alguma coisa posso até perder meu emprego.

- Você tá falando sério?

- Seriíssimo.

- Mas eles estão incomodando a mim e as minhas amigas.

- Lamento, moça. Você não é a primeira que vem fazer queixa deles. E não vai ser a última...

- Mesmo assim você não pode fazer nada?

- Nada.

Desapontada, Suzaninha voltou para onde estavam as amigas, que agora sambavam felizes, livres de atropelos dos pitboys trogloditas. Mas foi só a neta de dona Hemengarda se juntar ao grupo novamente que os garotos se reaproximaram para acabar com a alegria das folionas.

Garotos sem noção. Tão sem noção que cada vez grudavam mais nas meninas, passaram um bom tempo perseguindo-as. Como crianças insistentes, mimadas e desobedientes, tropeçavam e caíam de propósito em cima delas, empurravam-nas, puxavam seus cabelos, beliscavam suas cinturas e suas pernas, diziam ofensas.

Baixaria clássica.

- Gente, vamos achar a Gabi para ir embora? Não vou agüentar esses caras por mais tempo.

- Cadê o segurança, Su? Vai lá falar com ele de novo! - pediu Manu.

Não. Ele não vai poder fazer nada.

- Como não? - reagiu Ritinha.

- O palhaço é filho do prefeito, acredita?

- Não! - exclamou Ritinha.

Saíram à cata de Gabi e logo a encontraram encostada num muro com o bonitinho que conhecera no começo do baile.

- A gente tá indo, Gabi.

- Beleza, vou também. Tchau, Armando. - Já? - perguntou ele.

-Já.

- Me dá seu telefone?

- Pra quê, menino? Não precisa pedir meu telefone, não, eu sei que você não vai ligar. É Carnaval, não precisa ter esse tipo de cena.

- Sério? Pô, aí, você é irada! - elogiou, antes de sair em busca de mais uma menina disposta a beijos carnavalescos.

- Que caras são essas? - indagou Gabi.

- Ah, uns idiotas estão atazanando a gente e não dá mais para ficar aqui. Eles fizeram de tudo para acabar com a nossa paciência - esclareceu Ritinha.

- O ideal seria ficarmos mais um pouco, mas eles passaram dos limites. Puxaram as asas da Ritinha, levantaram a saia da Su e quase arrancaram meu cabelo. São da pior qualidade - contou Manu.

- Até me empurraram! - desabafou Ritinha.

- Que absurdo! Vocês não reclamaram com o pessoal do clube?

- Ai, Gabi, reclamei, mas não adiantou nada. No carro eu te conto tudo.

Chegaram em casa, tiraram roupas e maquiagem, tomaram uma rápida chuveirada e deitaram-se. A insistência dos pitboys deixara as meninas desgastadas, arrasadas, com uma sensação ruim, com a energia no pé. Estavam impressionadas ao descobrir que, nos dias de hoje, ainda existem garotos que querem ganhar uma garota pela força. Empurrões, apertos e puxões de cabelo enojam e enjoam qualquer menina com um pingo de dignidade.

- Eles não devem conhecer aquele ditado: "Em mulher não se bate nem com uma flor" - comentou Ritinha.

- Vamos esquecer esses garotos - opinou Suzaninha.

- Violência acaba com a gente, né? - disse Manu. - Tô péssima! Me senti como um brinquedo caro que o mimadinho queria porque queria. Ainda bem que não fiquei com ele. Filho do prefeito... O prefeito é péssimo pai, vamos combinar, né?

- Violência é uó! Contra mulheres, então! Nossa, não gosto nem de pensar no que esses caras podiam ter feito com vocês. Vocês deviam ter me chamado!

- Você estava beijando, Gabi! - disse Ritinha.

- Mas ele nem beijava tão bem. Largaria o garoto fácil, fácil para defender minhas amigas. Ia dar um socão nesses pitboys.

- Ah, ia ajudar muito... Eles iam derrubar você com um sopro - riu Manu.

- Meninas, vamos dormir. Tô morta. E, ó, bola pra cima, hein? Apesar de tudo, a noite foi bem legal.

- Isso mesmo, Su! Não vamos deixar que esses caras idiotas acabem com nosso Carnaval. Amanhã é um novo dia e eles vão estar no passado, A gente tem é que pensar que foi muito bom não ter cedido à pressão deles - desabafou Ritinha.

- Eles não devem estar acostumados a levar um "não" na cara. E levaram três - comentou Manu.

- Boa-noite, meninas. Amanhã tem mais. Quem acordar primeiro acorda a outra? - sugeriu Su.

- Show de bola! Podem me acordar, prometo que não fico de mau humor. Estou louca para conhecer a cachoeira que tem perto daqui - empolgou-se Ritinha.

- É linda. Não podemos esquecer as máquinas fotográficas.

- Claro que não, Suzaninha! Oba! Amanhã o domingo promete! - comemorou Gabi, antes de apagar no travesseiro.

No dia seguinte, as quatro amigas acordaram com os berros de Edmílson.

- Dona Hemengarda! Dona Hemengarda! Vem ver o que fizeram!

As meninas pularam da cama e foram correndo ver o que tinha acontecido.

- Não acredito nisso! - lamentou dona Hemengarda. - Que vandalismo! Que violência! Que maldade, meu Deus do céu!

As meninas ficaram arrasadas. O muro que tinha dado o maior trabalho para pintar no dia anterior, o muro que dera nova cara ao sítio da avó mais fofa de Porto das Rosas, estava agora todo pichado, coberto por palavrões e quase

palavrões que exalavam ódio e rancor. Entre outras coisas impublicáveis, os vândalos escreveram mensagens raivosas, como:

AQUI SÓ TEM VADIA, VADIA IN CALHADA!!!! TODAS BARANGAS! BARANGAS QUE SI ACHAM, MAIS NÃO SERVEM NEM PRA QUEBRETE!

- Quebrete? O que é quebrete? - quis saber Gabi.

- Quebra-galho - respondeu Manu, antes de dar um suspiro e revelar: - Foi o filho do prefeito que fez isso - afirmou.

- Como é que você sabe?

- Porque ele disse pra mim ontem que só queria um beijo quebrete, Suzaninha.

- Que ridículo! -Também acho.

- E "encalhada" e "se" com "i"? E "mas" com "i"?! Que é isso? Além de vândalo, ele é burro? - quis saber Gabi.

- Pra você ter uma idéia, um amigo dele disse que ia partir pra "ingnorância" - respondeu Suzaninha.

- Ui! - reagiu Gabi.

- Entendi tudo. O mimadinho, filhinho de papai, ficou pau da vida porque nenhuma de nós quis ficar com ele e os amiguinhos, e seguiu a gente até aqui para se vingar. Que covarde! - exaltou-se a neta de dona Hemengarda. - E agora?

- Agora a gente tem que denunciar esse cara, Ritinha! - respondeu Manu.

- Como? Nada vai acontecer com ele. Ele é filho do prefeito! O segurança do baile não fez nada, a polícia não vai fazer nada. Vão fingir que nem é com eles - desabafou Suzaninha.

- E, pior, a gente não tem prova contra o cara! - concluiu Ritinha.

- Quer prova maior do que quebrete? - irritou-se Gabi. Minuto de silêncio. Não havia outra conclusão, a não ser a tomada por uma desolada Manu.

- Vai ser a nossa palavra contra a dele - resignou-se.

- Se foi o Eduardo, desistam, meninas. Ele é o maior arruaceiro de Porto das Rosas e ninguém nunca faz nada. O garoto é intocável, se acha acima do bem e do mal - disse dona Hemengarda.

- Mas não podia ser assim! - indignou-se Gabi.

- Mas é. Ele rouba goiaba do sítio das pessoas, rouba galinha, trata mal todo mundo, faz pega com os amigos nas ruas mais pacatas, fica bêbado e faz um monte de besteira, sai gritando pelas ruas quebrando garrafas para assustar e acordar as pessoas... Esse menino não é do bem, não. Aqui já está todo mundo acostumado.

- Mas o prefeito tinha que dar o exemplo...

- O prefeito não sabe que tem um filho peste, Manu. Ele deve enganar bem dentro de casa. Quantos jovens são diferentes na frente dos pais e têm outra personalidade na rua, com os amigos? Ele deve ser um desses - suspirou dona Hemengarda.

- A gente tem que fazer alguma coisa, esse cara precisa pagar! Ele não pode sair por aí fazendo o que bem entende só porque acha que tem imunidade por ser filho do prefeito - comentou Suzaninha.

- A gente precisa provar que foi ele que fez isso. Vamos desmascarar esse idiota - sugeriu Gabi.

- Bota idiota nisso. Para ele, mulher é um objeto, um robô que tem que fazer tudo o que ele quer - reclamou Suzaninha. -Pichar o muro da minha avó, que não tem nada a ver com essa história... Que cara sem noção... Ai, vó, desculpa... - pediu, triste de dar dó.

- Imagina, minha filha. Fico com pena de vocês, que trabalharam o dia inteiro nesse muro para agora vê-lo assim, desse jeito.

- Eu quero me vingar dele e de todas as ofensas que ele fez a mim e a vocês.

- Eu também, Manu. Mas como? - perguntou Ritinha.

A loirinha ficou sem resposta. As quatro estavam sem resposta, estarrecidas com o acontecido, em estado de choque, com um enorme sentimento de impotência invadindo o peito. Até que Gabi teve uma idéia:

- Manu, eu sei de uma pessoa que pode ajudar a gente nessa história.

- Você não está pensando na...

- Na Babete? Claro que estou!

- Show! A Babete é ótima resolvedora de problemas! -comemorou Ritinha.

- Quem é Babete? - quis saber Suzaninha.

- A minha prima, você a conheceu na gincana da Vida d'Ouro, lembra?

- Aquela doidinha?

- Essa mesmo, Su! - riu Ritinha.

- Ela é doida mas tem ótimas idéias, tenho certeza de que vai ajudar a gente a desmascarar esse vândalo mauricinho - completou Gabi.

Enquanto Edmílson e dona Hemengarda miravam, desolados, o enorme muro tomado por pichação e ódio, as quatro correram para dentro da casa. Era preciso pedir ajuda. Era preciso acionar o quanto antes Babete Labareda, a maluquete mais querida de Manu, Gabi, Ritinha e, futuramente, de Suzaninha.

A Babete

Manu primeiro tentou a casa de Babete. Chamou e ninguém atendeu. Tentou mais uma vez, nada. Ligou para o celular e ouviu: "Esse número é inexistente." A loirinha não tinha outra saída a não ser telefonar para a mãe para pegar o novo número da prima.

- O que é que você quer com a Babete, minha filha? Sua prima tem um parafuso a menos, até parece que não sabe!

- Não fala assim, mãe! A gente precisa muito da ajuda dela.

- Esquece a Babete, mamãe te ajuda. Mamãe é centrada, focada, tem uma cabeça maravilhosa, idéias sensacionais, é ótima para dar conselhos, para resolver problemas, para... Não me diz que você se apaixonou por um mineirinho safado e sem-vergonha e não está com coragem de me dizer! Ai, meu Deus! Vou ficar sem a minha filhinha, minha filhinha que eu amo tanto vai me abandonar para morar numa cabaninha nos cafundós de Minas!!! O que eu fiz para merecer isso!? - surtou Maclá.

- Manhê! Que cabaninha? Pirou? Você é a mesma pessoa que começou o discurso dizendo que era centrada? Nossa, percebe-se como você é centrada! - ironizou Manu.

- Não debocha, Manuela! Que problema é esse? É com garoto?

- É.

- Tá apaixonada?

- Não, mãe.

- Ótimo. Tá grávida?

- Claro que não, mãe!

- Alguma das meninas está grávida? Bom, melhor elas do que você!

- Mãe, não é nada disso! Deixa de dizer besteira! Você tem o novo celular da Babete?

- Pra quê?

- Eu preciso falar com ela!

- Sobre o quê? Se é sobre garoto eu quero saber. - Ai, mãe, pára com isso...

- Levou outro pé na bunda de algum imbecil que não viu sua beleza interior?

Manu pensou, pensou... E resolveu dizer:

- Isso! Levei um pé na bunda ontem e estou arrasada! - mentiu descaradamente. - A Babete é a melhor pessoa para me dar conselhos.

- Ela é louca!

- Ela não é louca! Ela é sincera!

- Eu também sou. Deixa eu ver... Como é que eu posso te ajudar... Já sei! Fica com outro na frente dele!

- Tá bom, mãe! Agradeço a sua ajuda, mas continuo querendo falar com a Babete.

- Por quê?

- Porque ela é mais nova que você. Segundos de silêncio.

- Você está me chamando de velha, Manuela? Velha é a sua mãe! Quer dizer, a sua avó! Mãe do seu pai, que fique claro!

- Não é isso, mãe, é que você é de outra geração, não entende tanto a nossa cabeça quanto a Babete, que tinha a minha idade outro dia. Entendeu?

- Hum...

- Mãe, libera logo o telefone dela!

- Espera aí que vou pegar na agenda. Ih, o que eu tenho é o mesmo que você. Vou ligar pra Maria Hermínia e já te ligo de volta.

Que dificuldade para conseguir um número de telefone!

- Conseguiu? - quis saber Gabi.

- Nada! Vai ligar para a mãe da Babete para pegar o número novo.

- Se sua mãe não tinha o número da Babete, por que a conversa demorou esse tempo todo?

- Porque ela resolveu me encher o saco, fazer mil perguntas... Deu uma de mãe amiga, mãe que gosta de ajudar nos problemas da filha, sabe?

- Hummm... Sei! Odeio quando minha mãe ataca de mãe amiga. Ela fica chata, faz um monte de perguntas nada a ver... Mãe é muito sem noção às vezes - reclamou Suzaninha.

- A minha é muito maneira. Amo a minha mãe, ela é minha melhor amiga - disse Gabi.

- Sorte sua. Ninguém merece mãe que pega no pé e se mostra interessada na vida da gente - resmungou Ritinha. - A minha ainda fica revoltada quando eu respondo com uma palavra só.

- Ah, é! Uma palavra só é ofensa, é sinal de que a gente não quer se abrir, não quer mais conversar com elas... Como foi a festa? Legal, eu digo. E ela: Legal? Só legal? Não pode ser! Que mais além de legal? Aí eu respondo: "Legal. Só legal." Pronto! Basta isso para ela ficar ofendidíssima! - contou a neta de dona Hemengarda.

As três rolaram de rir e concordaram, unânimes, que respostas de uma palavra só deviam ser consideradas faltas gravíssimas Por todas as mães do mundo.

- E quando elas inventam de conversar seriamente? Mãe adora conversar, se meter em tudo... - disse Manu.

- Ah, vocês estão sendo muito cruéis! Elas são mães, elas se preocupam com a gente! - defendeu Gabi.

- Mas tem horas em que elas precisam se tocar de que passaram dos limites - manifestou-se Ritinha.

- A minha mãe, depois que eu continuo respondendo com uma palavra só, termina sempre dizendo: "O que é que está acontecendo? Conta para a mamãe, abre seu coraçãozinho, querida... Mamãe é sua amiga e só quer seu bem" - ilustrou Suzaninha.

As amigas riram mais ainda. A menina era boa contadora de história e ótima imitadora de mães.

O telefone tocou. Manu correu para atender. - Oi, mãe! Arrumou? Fala. Beleza, brigada!

- Você levou agasalho, Manuela?

- Trouxe, mãe.

- Meia, toalha...

- Claro. Mãe, eu fiz a mala com você.

- Cotonete, papel higiênico, lençol, travesseiro...

- Cotonete? Claro que não. Papel higiênico? Também não. Lençol a Suzaninha disse que não precisava.

- Minha filha, mas que absurdo! Onde já se viu viajar sem seu próprio papel higiênico? Sem saber que tipo de papel vai encontrar pela frente! Imagina se fosse um daqueles ásperos, que machucam o bumbum. Bumbum de Manu é muito xenxível. Bumbum de Manu se machuca à toa... Bumbum de Manu Semp...

- Não pira, mãe! Deixa minha bunda em paz, mãe! Um beijo, mãe!

- Ah, não, vamos conversar! O que vocês têm feito aí?

- Mãe, agora não dá! Eu tenho um problema pra resolver!

- Nossa! Como você é chata, Manuela! Cheia de mistério... Se você se abrisse comigo, aposto que esse problema já estaria solucionado.

-Tá bom, mãezinha. Tchau, mãezinha.

- Ah! Vê se não fica de tagarelice com sua prima. Ela agora está trabalhando, não é bom falar muito tempo ao telefone no trabalho.

- O quê?! - espantou-se a loirinha. - Babete trabalhando? Num domingo de Carnaval? Tem certeza?

- Sim, senhora. E é trabalho num escritório, não no circo engolindo fogo, nem num retiro de ioga no meio do mato bebendo luz e clorofila e se alimentando de flor.

- Tá bem, vou tentar falar rápido com ela. Tchau, mãe. Beijo! Finalmente desligou e boquiaberta ficou.

- Caraca!

- O que foi? Você tá branca! - exclamou Gabi. Manu sentou-se, respirou fundo...

-A Babete está trabalhando. Num escritório!!!

- Mentira! - duvidou Ritinha.

- Qual é a maluquice dessa vez? Porque maluquice é com ela mesmo, né? Não esqueço as fotos do desfile em Milão... - riu Gabi.

-A Babete é modelo? Não sabia que ela desfilava...

- Ela não desfilou. Ela invadiu o desfile - explicou Manu.

- Pelada! - acrescentou Ritinha.

- Como assim? - espantou-se Suzaninha.

- Na época ela trabalhava como voluntária do PETA, um órgão que tá sempre protestando contra o uso de peles de animais no mundo da moda. Eles brigam com todo mundo; quem produz roupas e acessórios sacrificando os bichos, e também quem usa - detalhou Manu.

- Então ela achou mais que justo aparecer pelada com cartazes de protesto e cara de indignação. Primeira página de váários jornais do mundo - completou Gabi.

- Que louca! - reagiu Suzaninha.

- Bota louca nisso! Louca maravilhosa! - comentou a morena.

- Gente, dessa vez não é maluquice. É um escritório! A Babete *nunca* trabalhou em escritório. E contra acordar cedo, é contra chefes, é contra rotina, é contra ter horários, é contra papel, caneta e computador! Ela gosta de "mentalizar, de transcender, de fazer telepatia".

- Bom, melhor ligar logo pra ela pra matar nossa curiosidade - opinou Ritinha.

Manu ligou. Depois de três toques:

- Não vou, já disse, não insiste! - disse a voz cheia de gás que atendeu do outro lado. - Não vou conversar com a planta de ninguém! Não posso! Isso é um absurdo! Onde já se viu pedir um negócio desses? Cada pessoa conversa com suas próprias plantas! Se ela está murcha o dono é que tem que conversar com ela, abraçá-la e tentar descobrir o que aconteceu, não uma estranha! Eu nem conheço a planta dele! Planta não se abre com qualquer um, não! Só com o dono!

Chocada com a prima, que parecia a Babete de sempre, mesmo trabalhando num escritório, Manu tentou se recuperar do susto de ouvir o discurso botânico e encontrar palavras para cumprimentar a maluquete.

- O-oi... Babete.

- Manu? E você?

- Isso.

- Ai, graças aos meus sempre fofinhos duendinhos aquele mala parou de me alugar. Ele ligou oito vezes hoje para pedir para eu falar com a planta desse bendito vizinho, que não consegue conversar com a coitada, que tá murcha, murcha. É um abuso pedir isso, não é?

- É... Acho que é...

Manu resolveu concordar. Nessas horas era melhor não contrariar. Sabia que a prima vivia num universo paralelo e esquisito que ela nunca conseguira entender direito.

- E aí? Quais são as novis?

- Preciso da sua ajuda, Babete!

- Tamos aí! Só não posso ficar muito tempo no telefone. Estou numa missão importantíssima.

- Missão?! Sua mãe falou pra minha que você estava trabalhando num escritório.

- E estou, mesmo. Numa missão inédita, espetacular, única, que pretende revolucionar completamente o modo de viver das girafas.

Essa era a Babete!

- Como é que é?

- Uns cientistas que fazem pesquisas para a ONG em que eu trabalho descobriram que as girafas choram! E que suas lágrimas têm um poder curativo incrível. Bota aquilo em cima de uma ferida, pronto!, a ferida tá curada! É mais poderoso que mertiolate, é melhor que mercurocromo. Imagina a felicidade das mães girafas, que com uma aplicação apenas poderão melhorar a dor de contusões, picadas e arranhões em seus filhotinhos? Não é o máximo?

Como responder a isso? Como? Como?

- É... É o máximo... Mas... tanta empolgação com essas lágrimas é sinal de que elas vão curar os ferimentos dos seres humanos também, né?

- Que nada! Não funciona em gente. Só nas girafas. É um negócio de girafa para girafa. É uma coisa só delas. É uma beleza a natureza.

- Nossa, uma beleza a natureza... Ô... - disse Manu, observada pelas caras de espanto das amigas, que não estavam entendendo nada. - Mas você não podia tirar folga no domingo de Carnaval?

- Se a natureza não tira folga, quem trabalha com ela não pode tirar também, né, Manu?

- Ã... arrã...

- Então me diz, Manuzete! Em que eu posso ajudar?

Manu contou a história toda dos pitboys pichadores que não sabiam levar um não na cara e se vingaram na casa de uma inocente.

- O que a gente faz? - quis saber Manu.

- Vai à casa do prefeito de madrugada e picha o muro dele, ué!

- Tá doida? Vou fazer a mesma coisa que o filho dele fez e que nós odiamos? Perdeu a noção?

- Ai, Manu! Não briga, vai! - reclamou Babete. - Tá bom, você tem razão. Que coisa horrível eu sugeri, foi no impulso, apaga, apaga.

- Já apaguei. Mas e então? O que você sugere?

- Deixa eu ver, deixa eu ver... Por que você não se vinga deles?

- É isso que eu quero fazer, lesa! Só não sei *como* fazer!

- Ah, tááá! Entendi, entendi. Vingança, queremos vingança... Hum... Hum...

Enquanto Babete pensava, Manu desanimava. Fazendo que não com a cabeça, dava às amigas o recado de que a prima não estava num bom dia.

- Já sei! Que tal vocês irem ao baile de novo e pagar uns fortões para darem umas bolachas neles na saída? Não, não é uma boa idéia, né? Violência gera violência... Violência é péssimo.

- Violência é uó! Péssima idéia! Péssima idéia!

- Pára tudo! Já sei! Por que vocês não vão ao baile no último dia de Carnaval, baixam as bermudas deles e os deixam de bunda de fora no meio do salão?

- Babete!

- Também não, né?

- Claro que não! - respondeu Manu.

- Deixa eu pensar mais... Hum... Hum... Por que vocês não vão à casa do prefeito para conversar, olhando no olho dele? Assim ele vai entender o filho que tem.

- Ah, claro, deve ser suuuuperfácil entrar na casa do prefeito - debochou Manu.

- Falar com a polícia não adianta...

- Não. Não temos provas.

- Mas denunciar com provas...

- Já disse, a gente não tem como provar...

- Vocês estavam todas juntas na hora do assédio dos caras?

- Só a Gabi não estava com a gente. Ficou com um garoto logo no começo do baile e estava lá pra dentro do clube.

- Maravilha!

- O que é maravilha, Babete? - perguntou Manu, já sem Paciência.

- A Gabi é uma maravilha!

- Ai, menos, por favor! Depois você elogia a Gabi, agora pensa numa solução, por favor!

- Garota, presta atenção! A Gabi é a peça-chave para a solução desse problema.

- A Gabi?!

- O que tem eu? - indagou a morena curiosa.

Babete explicou seu plano tintim por tintim. E era simplesmente... PER-FEI-TO!

Não tinha como dar errado. Gabi, Babete bem dissera, era a pessoa certa para a missão de vingar as folionas e toda a ala feminina daquele baile. Desinibida, sedutora, boa conversa...

Manu ouviu tudo calada, concordando com cada palavra dita pela prima.

Desligou o telefone, olhou para as amigas e, séria, comunicou:

- A gente já ganhou essa.

- Jura? - empolgou-se Suzaninha.

- Só precisamos ir a uma loja de eletrônicos para poder executar o plano. Tem alguma aqui perto?

As meninas acharam a pergunta uma sandice.

- Loja de eletrônicos? A Babete pirou de vez, é Carnaval, tudo vai estar fechado! - resmungou Ritinha.

- Também acho! Mas pra que a gente precisa de uma loja dessas? - quis saber Suzaninha.

Quando Manu explicou, todas entenderam. E adoraram. É, a prima maluquete de Manu tinha acertado na mosca, não podia dar errado.

O plano

À noite, partiram para a Coronel Olavo, a rua do bochicho, onde a galera se reunia com os amigos antes de ir para o baile do Jóquei. Mais linda do que nunca, com rímel que aumentava os cílios deixando seu olhar ainda mais sedutor e um gloss que evidenciava sua boca grossa, Gabi estava pronta para sua missão. Vestida com uma minissaia de tirar o fôlego e uma camiseta justinha vermelha que realçava sua morenice brejeira, ela andava com as amigas pela Coronel Olavo com os olhos atentos, procurando de bar em bar suas vítimas.

- Droga! Eles ainda não chegaram! - desiludiu-se Manu.

- Calma, ainda faltam muitos bares - disse Gabi.

- Mas a gente já foi nos mais badalados... Será que eles viajaram?

- Calma, Suzaninha. Eles estão aqui, tenho certeza. Vocês olharam direito? Será que passamos por eles e vocês não reconheceram os caras?

- Reconheço aqueles trogloditas até no meio de um blecaute - admitiu Manu.

- Então vamos procurar mais. Eles podem não ter chegado ainda - cogitou Suzaninha.

- Não sei por que a gente veio pra cá. A gente conheceu os caras no baile, por que eles estariam aqui? Quem disse que eles estariam aqui? - resmungou Ritinha.

- Meu sexto sentido disse, Rita de Cássia. Todo mundo nessa cidade vem pra cá no Carnaval! - respondeu Manu.

- Sexto sentido, sexto sentido... Além de aturar os duendes da Gabi, agora vou ter que aturar o sexto sentido da Manu. É mole, Suzaninha? Haja paciência!

- Ritinha! - estrilou a neta de dona Hemengarda.

Procura daqui, procura dali, nada de encontrar Eduardo, o filho do prefeito, e seus amiguinhos nada educados.

- Calma, gente, não vamos desistir - incentivou Suzaninha.

- De jeito nenhum! Vamos conferir de novo se o plano está todo na cabeça? - sugeriu Manu.

- Está todo na cabeça! Que saco, a gente já ensaiou mil vezes! - reclamou Ritinha.

- Ela tem razão. Sei direitinho o que fazer, pode ficar tranqüila, Manu. Se ensaiar mais posso ficar nervosa e acabar errando na hora.

- Mas... - tentou, mais uma vez, Manu.

- Olha lá! - cortou Suzaninha. - São eles entrando naquele bar! São eles! - comemorou.

- Maravilha! - empolgou-se Ritinha. - Agora esses palhaços vão ver o poder do sexo feminino.

- Vai lá, Gabi! E arrebenta! O Eduardo é o mais baixo, com cara de mau. A gente vai ficar no carro te esperando - incentivou Manu.

- Beleza! Ai... Que medo! - brincou a morena dos cabelos compridos. - Me desejem boa sorte! - pediu, com um indisfarçável frio na barriga.

- Boa sorte, Gabi! - disseram as três em coro. Apreensiva porém confiante, a morena se empinou, jogou os cabelos para trás, respirou fundo, trouxe à tona toda a sua autoconfiança e caminhou rumo ao Elétrico, o tal bar, determinada a fazer justiça, Quase lá, estacou. Não, não tinha desistido de sua missão. Apenas lembrara-se de um detalhe muito importante: ligar o gravadorzinho que levava na bolsa.

Ao pisar no estabelecimento sentiu calafrios ao ver o garoto que, por se achar imune a castigos e punições, tratou suas melhores amigas com hostilidade e, vândalo, pichou o muro da casa de uma senhora que nada tinha a ver com o

"não" que levara de Manu, Ritinha e Suzaninha. Cabia a ela mudar o rumo da história e fazer o delinqüente pagar pelo que fez.

Sabendo ser dona de um charme irresistível, Gabi acreditava que conseguiria dobrar o palhaço, mas, claro, estava com medo. Quando percebeu, estava suando frio, mas secou o rosto com o guardanapo de uma mesa vazia e se aproximou do grupo de trogloditas que falava alto e bebia rapidíssimo copos transbordantes de cerveja.

- Você sabe onde fica o banheiro? - perguntou a morena a Eduardo.

- Oi, riqueza. Fica ali no fundo à direita. Quer que eu te leve até lá?

Ela riu, sedutora.

- Óóó, que fofo! Não precisa, mas eu agradeço mesmo assim - disse, e andou até o banheiro.

Ligou para as amigas:

- Ele gostou de mim! - sussurrou ao celular para Manu.

- Maravilha, Gabi! Agora vai lá e arrebenta! - incentivou a amiga.

Gabi deu uma subida na saia antes de voltar ao bar. Ao se aproximar da mesa...

- Quase não achei, sabia? Se você tivesse ido comigo talvez eu tivesse encontrado o banheiro mais rápido...

- Ô, morena, não fala assim, que eu derreto... E aí? Tá sozinha?

- Tô esperando umas amigas, elas devem estar atrasadas, a gente vai para o baile do Jóquei mais tarde.

- Olha, que coincidência. Nós também vamos - revelou Eduardo. - Então senta aí e espera aqui com a gente.

Gabi sentou-se e, para não deixar o papo morrer, logo puxou conversa:

- Espero que vocês não vão de carro, estão bebendo, melhor não dirigir, né?

- Que nada. A gente vai de motorista - um amigo se meteu na conversa. - Não conta pra ninguém, não, mas o Eduardo aqui é filho do prefeito. Ele pode tudo nessa cidade, até andar de carro oficial sem ser político.

Eduardo riu, metido, e não demorou muito para os três caírem na gargalhada. Mesmo enojada, Gabi, que já tinha feito curso de teatro, riu também, fingindo achar aquilo muito engraçado.

- Olha só... filho do prefeito? Deve ser bom ser filho de prefeito de cidade pequena, né? - perguntou, cheia de malícia.

- Bom? É irado! - exclamou um amigo.

- É a melhor coisa do mundo! Posso fazer tudo o que eu quiser - completou, orgulhoso.

- Tudo?!

- Tudo - disse Eduardo, convencido, peito empinado.

- Não acredito, sentei na mesa certa. Vocês não querem pedir mais uma cerveja? Tá tão bom o papo...

Gabi não era boba. Sabia que o álcool deixa as pessoas mais leves, mais falantes... Ainda mais eles, que estavam fazendo a ridícula brincadeira de virar todo o conteúdo do copo de uma golada só. Eduardo mandou vir mais cerveja.

- E aí? - recomeçou o papo. - Me conta exatamente tudo o que você faz.

- Tudo, morena? Ah, tudo é muita coisa, muuuita coisa - gabou-se. - Mas deixa eu pensar numa coisa boa para te contar. Já sei! Sabe carro? Carro? Aquela coisa com quatro rodas que faz vrrruuummmm? Claro que sei, idiota! Que pergunta é essa?, cogitou responder. Mas optou por uma resposta fofa. Fofa ao estilo de Eduardo, que fique bem entendido.

- Sei, claro. Adoro carros. O seu com certeza é importado...

- Meu, não. Do meu *véio*.

- Ué, é seu também.

- É, tá certa... - concordou.

- Mas e então? O que é que tem o seu carro? O que você já fez com ele?

- Já disputei altos pegas. Sabe pega? Você acha que eu sou burra?, quis retrucar.

- Eu aaaamo pega. Você faz pega? - fingiu interesse. - Xiii... direto! Adoro velocidade, adoro desafiar o perigo...

- Pára! Assim eu me apaixono... - disse ela, baixando os olhos e já feliz com uma revelação e tanto. - Deve ser muito bom Poder fazer tudo o que a gente tem vontade e não ser punido, né? Posso imaginar, as pessoas devem morrer de medo de fazer algo contra o filho do prefeito...

- As pessoas se *borram* de medo do meu pai - encheu a boca dizer.

- O que mais de... ilegal você faz? - indagou, sedutora até a raiz dos cabelos, com ênfase no "ilegal", como se admirasse a tal ilegalidade.

- Faço qualquer coisa! - encheu a boca para responder.

- Qualquer coisa?

- Qualquer coisa. Qualquer zoeira, qualquer parada. Tudo é permitido para mim nessa cidade, sacou? - orgulhou-se Eduardo.

- Sério? Quer dizer que nada aconteceria se você puxasse uma briga aqui nesse bar e quebrasse tudo?

- Nada, nada, nada! E, se bobear, eu ainda diria à polícia que fui a vítima da história.

- Ah, tá - fez que não acreditou. - Até parece que os policiais iam acreditar em você. Se o dono do bar te acusasse, como é que você ia escapar?

- Riqueza, a polícia não tem coragem de fazer nada comigo. Ninguém, eu disse nin-guém em Porto das Rosas faz nada contra mim. Nada! - riu Eduardo.

Gabi gargalhou. Era boa de gargalhadas falsas.

- Já que falou em briga, você... você costuma brigar?

- Fala sério! Sou faixa roxa de jiu-jítsu. Puxo briga direto. Em show, em festa, na faculdade... Não dou mole pra mané, não! Caio na briga, mesmo.

- Adoro quem não foge de briga. Acho valente. Não suporto caras covardes - disse, alisando o braço do filho do prefeito. -Nossa, que bíceps forte é esse? É um músculo ou é uma pedra?

- A gente faz o que pode, riqueza... - empolou-se Eduardo, enrijecendo o braço para exibir mais ainda os músculos cultivados com horas diárias de academia.

- Caramba! A gente entrou num papo tão bom que nem me apresentei. Meu nome é Gabriela.

- Eu sou o Eduardo. Dudu pra você... Esse aqui é o Beto e esse o Janjão.

- Tudo bem? - cumprimentou. - Vem cá, qual é a do baile do Jóquei, hein? Deve rolar a maior pegação, né?

- Pegação geral! Você e suas amigas podem ir com a gente, se quiserem...

- Ah, vou chegar ao baile com o garoto que toda menina quer ficar? Fala sério! Conheço mulher muito bem, as gurias devem pular em cima de você. Também... Lindo, fofo e filho do prefeito...

- Modéstia à parte, eu faço sucesso com a mulherada, sim...

- É, mas ontem foi ridículo - entregou Beto.

- Sério? Por quê? - empolgou-se Gabi.

- Porque umas garotas resolveram fazer jogo duro com a gente... - contou Janjão.

- Como assim? Elas estavam acompanhadas?

- Que nada! Resolveram fazer jogo duro, mesmo. Sabe vadia que de vez em quando gosta de fingir que não é vadia? - explicou Eduardo.

O sangue de Gabi ferveu. As vadias eram as suas amigas! Que animal! Que machista! Que palhaço!, pensou com muita, muita raiva.

- Sei... claro que sei. Não suporto esse tipo.

- E eu? Pô, garotas cheias de marra, não tenho paciência! -chiou o filho do prefeito.

- Aposto que nem bonitas elas eram...

- Pra falar a verdade até que eram bonitinhas. Mas não eram isso tudo, sabe?

- Sei, claro... Mas você... quer dizer... vocês... não fizeram nada? Levaram um fora e ficou por isso mesmo? Não é possível...

Isso não combina com você. Você não é homem de levar "não" pra casa...

Eduardo parecia um pavão. Nem acreditava que uma menina bonita daquelas estava se derretendo por ele. E, melhor!, na frente de seus amigos! Era melhor do que ganhar na loteria.

- Não sou, mesmo, Gabi. Não gosto de deixar nada barato. Impressionante, riqueza... Em pouco tempo tu já me conhece melhor do que muita gente...

- Basta olhar no fundo dos seus olhos para saber quem você é... Mas conta... o que você fez com as otárias?

- Ah, a gente perturbou as três até não poder mais! Enchemos o saco, puxamos pelo cabelo, pela roupa, dissemos um monte de baixaria no ouvido delas... Não vou falar agora porque você é uma princesa que não merece ouvir baixaria nenhuma, só elogio...

- Que lindo! Além de tudo é um cavalheiro. Você existe mesmo? Ele é de verdade, gente? - quis saber Gabi dos amigos de Eduardo.

- Ele é assim mesmo. Nosso Dudu é O cara! - respondeu Janjão.

- Tô vendo! - concordou Gabi. - Mas e as garotas? Vocês só ficaram atazanando as gurias? Essas meninas mereciam muito mais! Se eu fosse homem, não ia deixar em paz uma mulher que fizesse jogo duro comigo.

- E quem disse que a gente deixou as garotas em paz?

- Dudu, melhor não... - alertou Beto.

- Olha a boca, Du... - avisou Janjão.

- Que foi, gente? - fez-se de sonsa Gabi.

- Eles estão com medo de você bater com a língua nos dentes - explicou o filho do prefeito.

- Imagina! Eu entendo a preocupação, mas podem confiar em mim. Eu já me considero amiga de vocês. Eu sou sua amiga, não sou, Dudu? - perguntou, dengosa.

- Se *tu* quiser, *tu* vai ser muito mais que amiga - respondeu, passando levemente a mão em sua perna.

Ela quase teve ânsia de vômito.

- Na boa, Gabi, é que a gente acabou de te conhecer - soltou Janjão.

- E mulher é fogo, vocês fofocam mesmo - completou Beto.

- Caramba, gente! Vocês podem contar o que quiser, eu vou embora na quarta-feira de Cinzas e antes de ir com certeza já vou ter esquecido! Além disso, eu não conheço ninguém nessa cidade... Com quem eu vou fofocar? Pra quem eu vou falar o que vocês me contarem?

Eduardo e os amigos ouviram com atenção as palavras de Gabi. Janjão e Beto continuavam cabreiros, mas Eduardo estava encantado. O encantamento é primo da paixão. E garotos encantados por garotas são capazes das maiores burrices. Viva o encantamento!

- Ela é das nossas! Não tem problema contar - decidiu Eduardo.

- Ai, tô curiosa!

- A gente seguiu as três até o sítio onde elas passaram a noite. - Pausou para respirar...

- Hum... Já estou gostando... Que mais? Já sei! Deram uma surra nelas!

- Que nada! Nem sou contra bater em mulher, não, acho que muitas merecem, mas a gente fez muito melhor! - entregou Eduardo, já com olhos de bêbado.

- Conta! Conta! - fingiu-se de intrigada Gabi.

- A gente pichou o muro inteiro da casa onde as vadias estão.

- Pára! Que irado! - exclamou Gabi, indisfarçavelmente feliz por ver que sua missão estava cumprida. Com louvor, diga-se de passagem.

- Irado? Foi sensacional! Mas quer saber o melhor dessa história, riqueza?

- Claro!

- O muro estava cheirando a tinta, deviam ter pintado há pouco tempo - contou.

Gabi riu, se escangalhou de rir. Era um misto de vitória e alegria por ter desmascarado o vilãozinho.

- Lavei a alma! - comemorou Eduardo.

- Lavamos, né? Aquelas cachorras mereciam uma punição - corrigiu Janjão.

- Fico imaginando a cara delas quando viram o muro. Dava tudo para ser uma mosquinha só para ver a reação daquela loira metida - disse Beto.

- E da baixinha e da magrela do cabelo liso também. Todas nojentas, todas com o rei na barriga. Não suporto gente arrogante. Pô, vai fazer jogo duro no Carnaval? Então por que vai pro baile? Baile de Carnaval é pra beijar na boca! E outras coisinhas... Né, não? Né, não? - fez Eduardo para os amigos.

Os outros dois riam muito, como se tivessem ganhado uma bolada em dinheiro, ou um prêmio importante, ou um dia com a garota mais linda do mundo. Mas o que os fazia rir era a maldade. A mais pura maldade. E vingança. Eles picharam o muro por vingança. Mas ela estava lá por esse mesmo motivo.

- Ai, meninos, essa foi ótima! Mandaram muito bem! -comentou Gabi.

- Eu não sei quem vai pintar aquilo, mas que vai ter trabalho, ah, isso vai! Pintar muro embaixo desse sol de rachar não é mole, não - disse Janjão.

- Eu não queria estar na pele de quem for pintar o muro - completou Eduardo.

Gabi achou que era hora de sair de cena. Seu show tinha acabado. Melhor não se arriscar mais.

- Que horas são?

- Faltam vinte pra meia-noite - respondeu Eduardo.

- Nossa! A conversa está tão boa que nem vi o tempo passar. Estou preocupada, minhas amigas não ligaram até agora. Vou ver se aconteceu alguma coisa - avisou, sacando o celular do bolsinho externo da bolsa.

Ligou para Manu e foi logo dizendo:

- Oi, Jubinha! Cadê vocês? Ã? Ah, fala sério que vocês já foram pro baile! A gente não ficou de se encontrar no bar? Tô, tô aqui há um tempão. Não, não tô chateada com vocês, tá ótimo aqui... Tá, tá bem... Eu encontro vocês lá, tô indo. Beijo!

Do outro lado, Manu ficou muda, feliz pelo sinal de que a amiga tinha botado o plano em prática.

Como Gabi fingia bem! Uma atriz e tanto.

- Vou ter que ir, gente, Elas estão quase chegando ao Jóquei e querem me esperar dentro do táxi, para que eu dê uma maquiada nelas antes de entrar no baile.

- Espera aí, mais meia horinha a gente vai e te leva - sugeriu Eduardo.

- Não dá, senão elas vão pagar uma grana de táxi.

- Diz para elas saírem do táxi e te esperarem na porta - opinou Beto.

- Não, conheço as meninas, elas não vão querer ficar na porta sozinhas, em pé, Vão achar perigoso... Melhor a gente se encontrar no baile, Dudu.

- Não quer que eu te leve?

- De jeito nenhum. Vou de táxi mesmo. Fica, toma mais umas com seus amigos, daqui a pouco a gente se vê.

- Olha lá, hein? Vou ficar aqui só mais um pouquinho e depois vou pra lá. Preciso te ver de novo, riqueza... Me dá seu telefone - pediu, já pegando seu celular, para registrar o número da... riqueza.

- Não, não, não - fez, dengosa. - Me dá você o seu.

- Sério?

- Sério. Eu adoro tomar a iniciativa, não sou dessas garotas que se fazem de donzelas. Quando eu tô a fim, eu tô a fim. Pode esperar que vou te ligar.

Eduardo anotou seu telefone num guardanapo e deu a Gabi. Aproveitou e anotou o dos amigos também.

- Pronto. Pra você não me perder de vista. Liga mesmo, tá? Não vai fugir de mim...

- Você acha que eu sou doida de deixar você zanzando sozinho pelo salão? Hoje você é meu, Dudu... Meu!

Os amigos estavam chocados. Bonita, desinibida, decidida, dada... Aquilo parecia um sonho.

- Tô esperando, hein, Gabi? - disse, sorrindo, inflado.

- Pode esperar... - sussurrou em seu ouvido a morena. - Até daqui a pouco.

Gabi despediu-se do trio de trogloditas e saiu do bar sem esconder o sorrisão. Andou na direção do carro onde estavam as meninas, entrou e foi logo avisando:

- Foi tão, tão, tão, tão, tão, mas tãããão legal! Vocês estão me devendo uma, hein?

As três começaram a pular no banco detrás do fusquinha 69 de dona Hemengarda como se fossem pipocas.

- Ele, ele, ele, Gabi salvou a nossa pele! - cantarolou Ritinha.

- Oco, oco, oco, e deixou o cara louco! - inventou Manu.

- A-ba-ca-xi! Nós amamos a Gabi! - tentou Suzaninha.

As três se entreolharam. Gabi foi a primeira a se manifestar:

- Não, Su. Pééésimo, Su! - brincou a "atriz" do grupo.

- A gente vai ter que te dar uma aula de como fazer corinhos - implicou Ritinha.

- Abacaxi? De onde você tirou isso, mulé? - perguntou Manu, rindo de orelha a orelha.

As quatro riram como há muito tempo não riram. Riso de vitória, de dever cumprido, de alma lavada.

- Vamos dar três vivas para a Suzaninha! Foi o gravador dela que ajudou a gente! E nem precisamos sair feito loucas no feriado procurando uma loja de eletrônicos aberta! - sugeriu Ritinha.

- Viva! Viva! Viva! - fizeram ela, Gabi e Manu.

- Inha, inha, inha, viva o gravadorzinho da Suzaninha! - cantou a caçula do grupo.

- Não, Rita de Cássia! Menos, Rita de Cássia! Acabaram os corinhos, Rita de Cássia! "Gravadorzinho da Suzaninha" é ridículo, Rita de Cássia! - perturbou Gabi.

- Adorei descobrir que tenho uma amiga que escreve, e grava, poesia. Nunca vi o que você escreve, mas vi e peguei no gravador que registra os versos que você cria - disse Manu.

- Eu quero ler suas poesias, Su! - pediu Ritinha.

- Não sei... quem sabe um dia? Não tenho coragem de mostrar para ninguém. Nem para a minha família... É uma coisa muito minha...

- Eu entendo. Também teria vergonha de mostrar uma coisa tão minha pra todo mundo - comentou Gabi.

- -Eu adorei a idéia do gravador! - exclamou Manu.

- Eu também! Gravar os versos que vêm na sua cabeça num momento de inspiração... Ótima essa idéia! - exclamou Gabi.

- Cheguei a ela depois de esquecer muitas idéias legais por não ter papel e caneta à mão. A inspiração muitas vezes bate quando não tenho nem papel, nem computador por perto, quando estou no carro com a minha mãe, ou no supermercado, ou no elevador, ou numa festa... Por isso aprendi: melhor gravar a idéia e assim que puder passar pro computador.

- Que irado, Su! Quero muito ler suas poesias, mas só quando você se sentir à vontade pra isso, não vou insistir, prometo. O dia em que você quiser mostrar, vou adorar! - disse Manu.

- Eu também! - completaram Gabi e Ritinha.

Por causa do gravador de Suzaninha, estava tudo arrematado. Só faltava uma coisa: ir à redação do jornal da oposição, como sugerira mais cedo dona Hemengarda. Lá, contariam tudo, entregariam a fita ao editor-chefe e leriam na terça-feira a matéria sobre o filho do prefeito confessando a pichação e outros delitos. Aí, sim, a vingança estaria completa.

O desfecho

As quatro acordaram cedo, ansiosas para botar o resto do plano em ação. Dona Hemengarda estava pronta desde as cinco e meia da manhã, fazia questão de levá-las ao jornal para falar com o editor-chefe. Podiam desconfiar da seriedade de um grupo de meninas, mas nunca de uma senhorinha como ela, com coque bem-feito, vestidinho azul-marinho acima de qualquer suspeita e uma bolsinha que tinha desde seus vinte e poucos anos.

O café-da-manhã estava divino, como no dia anterior. Broas, bolos, pães de todo tipo, biscoitos, queijos, sucos, café com leite, uma fartura. Encheram a pança e logo depois se aboletaram, com gravadorzinho e a fita com a confissão de Eduardo gravada, no fusquinha 69 da avó mais linda de Minas Gerais. Ela sabia direitinho onde ficava a redação da *Gazeta do Porto,* o jornal que fazia oposição ao prefeito. Quando jovem, namorara um repórter do jornal e vira-e-mexe passeava pela redação. E adorava participar, sugerir matérias, denunciar delitos... Sabia que, em tempos de democracia, a justiça anda mais rápido quando o povo bota a boca no trombone ou quando a imprensa resolve desentortar o que está torto.

- Será que vai ter gente trabalhando lá hoje, vó?

- Claro que vai, querida. Menos gente do que nos dias normais, mas sempre tem gente em redação, jornal não pode parar nunca - respondeu dona Hemengarda.

Ao chegarem ao prédio de três andares que abrigava a redação, a avó de Suzaninha tomou a frente do grupo, decidida a desmascarar aquele delinqüente que atendia pelo nome de Eduardo.

- Viemos falar com o Marco Magalhães, o editor-chefe - disse a senhora à secretária que as recebeu.

- É sobre o quê?

- É uma denúncia.

- Denúncia não é com o Marco, é com o...

- Minha filha, é muito importante, nós temos que falar com o Marco, não com um estagiário.

- É sobre o quê?

- Sobre o Eduardo, o filho do prefeito. A secretária ligou para o chefe.

- Marco, tem uma senhora aqui querendo fazer uma denúncia sobre o Eduardo, o fil... Já falei, mas ela insiste em falar com você... Eu sei... Tá bem, arrã, tá certo, eu digo.

- O que foi? - indagou dona Hemengarda.

- Ele pediu para a senhora fazer a denúncia ao Otacílio, mas ele não está de plantão, só volta a trabalhar na quarta-feira. A senhora deixa seu nome e telefone que eu peço para ele entrar em contato.

- Quarta-feira? Quarta-feira? Não pode! A matéria tem que sair no jornal de terça! E eu não quero falar com nenhum estagiário, quero falar com o Marco Magalhães! É muito importante!

- Ele não pode atender a senhora agora...

- Por que não? Viemos cedo justamente porque quase nada acontece pela manhã num jornal. Anda mais hoje, segunda-feira de Carnaval. Essa redação deve estar um marasmo! Sou velha mas não sou burra! Cadê o Marco? - foi enérgica dona Hemengarda.

- Está... está... numa reunião e...

- Balela! Ele não quer é me receber! Cadê o espírito jornalístico do seu chefe?

- Minha senhora, entenda, ele recebe muitas queixas do Eduardo por dia, mas nenhuma rende matéria...

- Por que não? Não vai me dizer que vocês estão com medo de publicar algo relacionado ao Eduardo temendo que o prefeito feche o jornal! Estamos no século XXI! Vivemos numa democracia, a ditadura acabou faz tempo, graças a Deus! - reagiu a avó de Suzaninha.

- Não é isso, é que nenhuma das denúncias que recebemos tinha prova...

- Pois diga a ele que nós temos.

- Ótimo. A senhora mesmo pode dizer isso ao Otacílio na quarta, quando ele volta da folga. Tenha certeza de que se ele se interessar e achar que o assunto rende uma matéria, o Marco vai ligar para a senhora.

- Minha filha, você não está entendendo, as meninas precisam que essa matéria saia ainda no feriado! Elas precisam estar aqui na cidade para ler, entende?

- Entendo, claro, mas é que...

Dona Hemengarda acorcundou-se apoiando uma das mãos na mesa da secretária e com a outra no peito.

- O que foi? A senhora não está passando bem?

- Não, minha filha! Sou uma velha e meu coração resolveu doer justo agora!

As meninas ficaram brancas. Suzaninha desesperou-se.

- Calma, vó! Senta aqui, senta! - disse, puxando uma cadeira.

- Obrigada, querida. E você? O que você está fazendo aí parada me olhando? Pega um copo d'água pra mim, por favor, moça! Não, melhor! Vai ao posto médico aqui da esquina procurar socorro - pediu a senhora à secretária...

- Mas eu... eu não posso deixar a recepção sem ninguém, preciso botar uma pessoa no meu lugar.

- Minha filha, pode não dar tempo... As meninas ficam aqui tomando conta da recepção e de mim...

-Mas...

- Enquanto você pensa, eu posso morrer! Você quer que eu morra por sua causa?

- Não, de jeito nenhum! Está bem, já volto! Fique calma, fique calma! - respondeu a secretária, nervosa, antes de partir à cata de ajuda.

- Vó! - chorou Suzaninha. - Fala comigo! Fala comigo! Não vai acontecer nada! Não vai ac...

- Claro que não vai acontecer nada, Suzaninha! Eu não tenho nada, querida. Foi só para enrolar a mulher!

- Vó! Isso não se faz!!! - estrilou Suzaninha.

- Eu sei, mentir é horrível, mas agora tá feito. Foi uma mentira para o bem, depois eu peço desculpas. Mas agora a gente precisa desmascarar esse idiota. Imagina, na quarta-feira de Cinzas vocês vão embora! Seria uma injustiça vocês terem esse trabalho todo e não ver a repercussão dele. Depois que sair no jornal, vocês vão ser conhecidas como as meninas corajosas que desmascararam o Eduardo. Vocês merecem isso!

- Ô, dona Hemengarda... Muito obrigada... - suspirou Manu, emocionada.

- Agora não é hora de choro! Subam logo antes que a mulher chegue.

A redação é no segundo andar. O Marco Magalhães fica numa sala de vidro, separado do resto da redação, não tem como vocês errarem.

As quatro obedeceram prontamente e voaram pelas escadas. Assim que chegaram ao segundo andar avistaram o que os jornalistas costumam chamar de "aquário", que é uma sala envidraçada que separa colunistas importantes e editores dos repórteres. Era o começo do dia, muitos jornalistas ainda não tinham chegado à redação, outros nem iriam, porque ganharam folga no Carnaval, portanto ninguém notou a presença de quatro adolescentes. Marco estava ao telefone quando as quatro invadiram sua sala.

- Não vamos demorar nada, por favor, não se preocupe ou chame a segurança. Só queremos que o senhor escute uma coisa - avisou Suzaninha, apertando o "play" do seu gravadorzinho:

- *Faço qualquer coisa!*

- *Qualquer coisa?*

- *Qualquer coisa. Qualquer zoeira, qualquer parada. Tudo é permitido para mim nessa cidade, sacou?*

- *Sério? Quer dizer que nada aconteceria se você puxasse uma briga aqui nesse bar e quebrasse tudo?*

- *Nada, nada, nada! E, se bobear, eu ainda diria à polícia que fui a vítima da história.*

- *Ah, tá. Até parece que os policiais iam acreditar em você.* Se o *dono do bar te acusasse, como é que você ia escapar?*

- *Riqueza, a polícia não tem coragem de fazer nada comigo. Ninguém, eu disse nin-guém em Porto das Rosas faz nada contra mim. Nada!*

- *Já que falou em briga, você... você costuma brigar?*

- *Fala sério! Sou faixa roxa de jiu-jítsu. Puxo briga direto. Em show, em festa, na faculdade... Não dou mole pra mané, não! Meto a porrada, mesmo.*

Marco desligou o telefone na hora.

- É o Eduardo? O filho do prefeito? - perguntou, estupefato.

- Ele mesmo. E é só o começo da fita. Tá bom ou o senhor quer ouvir o resto?

- Quero, claro! O que mais ele diz?

- Ele confessa que pichou o muro do sítio da minha avó e ainda admite que faz pegas. Isso que eu me lembre.

O editor estava abobado.

- Quando essa fita foi gravada?

- Ontem, no Elétrico - respondeu Gabi.

- Sentem-se, sentem-se. Querem água, café?

- Não, obrigada. Queremos apenas fazer justiça - falou bonito Suzaninha.

- Desculpem por não ter atendido vocês, é que é tanta gente que quer denunciar esse menino, mas sem provas eu não posso fazer nada. Isso que vocês têm é uma prova e tanto - interessou-se.

- Posso apertar o *play* para o senhor ouvir tudo?

- Por favor!

Enquanto Marco Magalhães escutava atenciosamente cada palavra dita pelo filho do prefeito, dois seguranças entraram na sala.

- Que é isso? - perguntou, irritado.

- Recebemos ordem para vir tirar essas meninas daqui, seu Marco - disse um brucutu.

- Que nada! Não vão tirar ninguém daqui! Essas meninas corajosas e determinadas acabaram de trazer a principal manchete do jornal de amanhã. E ainda acabaram com o marasmo da redação. Elas são nossas heroínas!

As quatro entreolharam-se, orgulhosas. Heroínas! Isso é que é elogio, hein?

- Eu não disse que tinha que ser com ele? - disse dona Hemengarda para a secretária, que tinha subido com os seguranças.

- Marco, me desculpe, essa senhora teve o descaramento de mentir sobre seu estado de saúde...

- Ah, deixa de ser fresca, você também mentiu pra mim dizendo que ele estava em reunião... - reagiu a avó mais engajada de Porto das Rosas.

- A senhora não podi...

- Madeleine, está tudo certo! Essa senhora é uma brava guerreira, que usou de todas as suas armas para conseguir o que queria - defendeu Marco.

- Mas ela...

- Ela é determinada! Ainda bem que ela te enganou, Ia ter um treco se elas fossem para o concorrente e dessem a matéria pra eles. Eu me culparia para sempre por não ter recebido vocês. Minha senhora, meus parabéns. Atitude invejável. Sua, da sua neta e das amigas dela.

- Obrigada, mas vamos deixar de blablablá. Vocês vão peitar contar no jornal tudo o que tem aí nessa fita? - instigou a avó de Suzaninha.

- Por que não? Há muito tempo quero dar uma matéria que faça aquele mauricinho cair do cavalo - respondeu Marco. -Vamos lavar a alma da senhora, das meninas e dessa cidade inteira. Esse cara vai ter que pagar por tudo de ruim que ele fez.

Imediatamente pegou o telefone e começou a dar ordens:

- Monica, liga para o delegado Jacinto e marca uma hora pra conversar com ele na delegacia. Diz para o Gustavo telefonar para o dono do Elétrico, o bar em que o Eduardo estava ontem, e pede ao Carlitos para tentar falar com o prefeito, arrancar umas aspas dele - disse, determinado, olhos brilhando. - Meninas, vocês estão prontas para dar entrevista e contar tudo o que sabem? Isso vai ser uma megaexposição, vocês têm noção disso, né?

- Esquenta, não, seu editor... A gente está acostumada a sair na mídia... - riu Ritinha, piscando o olho para as amigas.

- Vamos contar tudo o que o Eduardo fez no baile e como a gente conseguiu desmascará-lo - completou Manu.

- Maravilha! Edição histórica vamos ter amanhã, meu povo! - vibrou Marco Magalhães.

A apuração começou naquela hora e só acabou no fim da tarde. Vários repórteres foram mobilizados. Muitas pessoas, lesadas por Eduardo nos últimos anos, foram entrevistadas. Romildo Raposo, o prefeito, fez o possível e o impossível para que a matéria não saísse, usou de todos os seus conhecimentos na imprensa local, evocou sua trajetória política e a repercussão que uma matéria dessas teria em sua carreira, passou mais de hora na sala de Marco Magalhães tentando convencê-lo de não publicar a matéria, que ela abalaria seriamente sua credibilidade e poderia atrapalhar futuras eleições... Chegou a dizer que gostaria mesmo de impedir que as máquinas rodassem, mas...

- Democracia é isso, doutor Romildo. Não posso fazer nada. O papel da imprensa é denunciar, alertar a sociedade. E, o senhor sabe, o Eduardo não anda se comportando bem ultimamente, e ele, mais do que o jornal, pode botar em risco sua carreira, já que o senhor não se manifesta em relação ao seu filho, finge que não vê.

O prefeito baixou os olhos... E a ira deu lugar a um sentimento de derrota.

- Você está certo, Marco. Esse menino... eu não sei onde errei com ele. É cheio de vontades, de caprichos, filho único, sempre teve tudo o que quis... Eu não queria acreditar nas coisas que me contavam. Ele em casa é tão diferente... é o meu Dudu, muito diferente desse arruaceiro que dizem que ele vira quando está na rua com os amigos - desabafou.

- Pois é, prefeito. Até pegas de carros ele promove, e isso é crime, o senhor sabe.

- Sei, sei, claro. Mas sobre isso ninguém tem provas, né? -indagou, visivelmente assustado com a possibilidade.

- Olha, o seu filho contou na mesma fita sua paixão por velocidade...

- Não pode ser!

- Mas sabemos por fontes seguras que ele tenta se proteger, que dirige com uma meia que cobre o rosto nessas ocasiões.

- Valha-me Deus! Igual a um bandido! Como é que eu criei esse monstro e nem percebi? Que desgosto... - lamentou doutor Romildo.

O editor, pai de um garoto de nove anos e de uma menina de sete, compreendeu e solidarizou-se com a angústia do prefeito. E tentou amenizar a situação.

- Melhor a matéria sair logo, antes que aconteça algo pior.

- Você tem razão, Marco, você tem razão... Ele precisa ser punido. Ele tem que dar o exemplo, não pode se achar acima do bem e do mal só porque é meu filho. Que vergonha, meu Deus!

O prefeito pôs as duas mãos sobre o rosto para tentar esconder algumas tímidas lágrimas que escorreram. Lágrimas de pai, não de político cuja carreira corria perigo, não de prefeito apreensivo com a rejeição dos eleitores.

- Posso dar um conselho? Eu, se fosse o senhor, daria uma declaração que a sociedade aprove, a declaração que seus eleitores estão esperando há muito tempo.

- Mesmo que eu agrade ao povo, vou transformar o meu filho em vilão.

- Desculpe, prefeito, mas o Eduardo já é o vilão de Porto das Rosas.

- Como é que o Dudu vai lidar com a rejeição das pessoas? Com as piadas, com a humilhação?

- Ele precisa ser punido! O senhor não concorda?

- Claro que sim, Só não sei *como* puni-lo... Ele é meu filho, Marco. Com todos os defeitos do mundo, o Eduardo é meu filho... Mas, você está certíssimo, como homem público, como prefeito, eu devo uma explicação ao povo, eu preciso dar a declaração que as pessoas querem ouvir de mim.

- Assim que se fala, doutor Romildo! E, olha, pode ter certeza de que essa matéria vai acabar ajudando o senhor a se reeleger, como o senhor tanto almeja.

- Tem razão. Você é bom nisso, hein, rapaz? Vim aqui para tentar te fazer mudar de idéia e foi você quem me deu uma aula de cidadania. Está certíssimo, a imprensa precisa mostrar e as pessoas precisam saber que eu condeno as atitudes do Eduardo.

O prefeito pensou, pensou, respirou fundo para tomar fôlego, deu um gole grande no copo d'água, que pousava intocado na sua frente, e começou:

- Pode botar na matéria que eu lamento muitíssimo o ocorrido, como prefeito e como pai - disse, enquanto Marco escrevia cada palavra em seu bloco de anotações. - Estou surpreso e decepcionado com a conduta do Eduardo, já que não foi essa a criação que ele teve. Pichação é, além de poluição visual, um desrespeito ao patrimônio alheio, um vandalismo gratuito. Garanto que pensarei numa punição justa. Por isso e por tudo que ele fez de errado. Não é porque é meu filho que não vai pagar. Pelo contrário, vai pagar, e caro. Como filho e como cidadão.

- Boa, prefeito! - exclamou a faxineira da redação, que passava por perto com uma vassoura e esticou o ouvido para escutar a entrevista.

Ao sair do jornal, doutor Romildo estava mais leve, embora ainda arrasado com a constatação de que seu filho era praticamente um marginal, malvisto por todos. Ele precisava arquitetar muito bem a punição de Eduardo. Seria duro penalizar o próprio filho, mas era necessário.

Em casa, antes de deitar-se, foi para o computador e, na Internet, encontrou vários artigos sobre pichação. Um deles chamou a sua atenção:

"Juridicamente pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano é crime ambiental nos termos do art. 65, da Lei 9.605/98, com pena de detenção de três meses a um ano e multa. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada por seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena passa a ser de seis meses a um ano e multa."

Preferiu não falar com o filho, achou melhor que ele soubesse pelos jornais que seu futuro já estava traçado. Não foi difícil chegar à conclusão de que três meses de detenção seria pouca pena para tantos delitos cometidos por Eduardo. Ele precisaria de muito mais para aprender que errou, e errou feio, repetidas vezes. Por isso, o prefeito pensou numa coisa que não estava prevista em nenhuma lei. Ele precisava ser desmoralizado. Em praça pública, isso, sim, seria muito mais duro para ele, que sempre fora vaidoso, do que dias na cadeia.

Na terça-feira, a *Gazeta do Porto* trazia a manchete que todos na cidade queriam ler há tempos:

FILHO DE PREFEITO ASSUME CRIME

Em fita gravada por adolescente, Eduardo Raposo admite ter promovido pegas e pichado sítio de idosa.

Na matéria que se estendia por duas páginas inteiras, depoimentos, o histórico da vida de arruaceiro do jovem, que tinha apenas 21 anos, e destaque para uma foto especial: as quatro meninas que, decididas a se vingar da pichação e dos maus-tratos sofridos no baile de Carnaval, resolveram denunciá-lo.

O que o jornal não contou foi a pena que Eduardo teria. Seu pai lhe deu um servicinho especial: pintar o muro de dona Hemengarda. Para isso, foi à principal tevê local para chamar o povo para assistir à desmoralização. A repórter, ele disse:

- Preciso dar o exemplo. E usar meu filho para mostrar que aqui se faz, aqui se paga é a melhor maneira de ensinar aos jovens que delinqüência nunca leva a um final feliz.

Quando Eduardo chegou ao local, levado pelo prefeito, bem que tentou esconder a vergonha sob a cara amarrada de sempre. Ao ver a pequena multidão de curiosos, fotógrafos e cinegrafistas, que se aglomeravam em volta do sítio, a vergonha aumentou e ele bem que tentou mudar a cabeça do pai:

- Pô, pai, não faz isso! Todas as emissoras estão aqui. Isso é muita humilhação.
- É isso que você precisa para aprender. Quantas pessoas você humilhou?
- Eu já aprendi! Nunca mais faço isso na vida, nunca mais vou fazer nada achando que não serei punido. Poxa, pai, você não me ama, não?
- Justamente porque eu te amo que eu estou fazendo isso. Estou tentando te transformar num homem digno, num homem melhor. Um dia você vai entender minha atitude.
- Nunca vou entender. Nunca! - resmungou Eduardo, saindo do carro e sendo imediatamente vaiado pelas pessoas que o aguardavam,

Um repórter veio logo perguntar:

- Como é que você está se sentindo com essa punição, Eduardo?

- Ah, fala sério! Como é que você acha que eu estou me sentindo? Tô péssimo! Péssimo! Isso é injustiça!

- Injustiça é tudo o que você aprontou nessa cidade! Isso aí é pouco para você! - gritou um homem exaltado.

Ritinha, Manu, Gabi e Suzaninha estavam sorridentes. Deram várias entrevistas, até para o Jornal Nacional, que achara curiosa a pena aplicada pelo prefeito da pequena cidade a seu filho e resolvera divulgar o acontecido para o Brasil inteiro. Apesar do sucesso e do reconhecimento pelo feito, as meninas ainda não estavam 100% satisfeitas. Faltava alguma coisa para a vingança ficar completa. Resolveram botar as garras de fora e se vingar de todas as grosserias que ouviram dos trogloditas no baile de Carnaval.

- Oi... Dudu! - saudou Gabi, cínica.

- Sua f...

- Olha a boca, Duduzinho delinqüentezinho! Não vai falar nome feio na frente de todas essas pessoas, né? - debochou Manu. - Seu filme já tá queimado o suficiente, não precisa se esforçar para queimar mais.

- Olha, Duduzinho-que-não-entende-nada-de-mulher, aqui estão os galões de tinta que seu pai comprou. Seus amigos também já estão ali, prontinhos para botar a mão na massa. Quer dizer, no pincel - ironizou Suzaninha.

- Como fomos nós que pintamos o muro, queremos que fique i-dên-ti-co ao que a gente tinha feito. Então, pra isso acontecer, vamos ficar aqui monitorando o trabalho. Vocês só saem daqui quando a gente deixar, ok? - avisou Ritinha.

- Boa, baixinha! - gritou uma senhora de cabelo azul com um poodle no colo.

- Vamos começar, então? Espero que o muro esteja pronto antes da minha novela - debochou dona Hemengarda. - Vamos lá dentro tomar um café, prefeito? Acabei de passar, tá fresquinho.

- Vamos, claro. Mas antes me deixe dar um recado ao meu filho. Obedeça a essas meninas. Elas que mandam hoje. Não quero saber de reclamação, Eduardo. Faça a coisa certa pelo menos uma vez na vida. Entendido?

- Arrã - respondeu baixinho Eduardo, pau da vida.

- O quê? Não escutei. Entendido?

- Entendido - disse, mais alto, com a vergonha estampada no rosto.

O garoto baixou os olhos e, com a cara amarrada, pôs-se a trabalhar com os amigos sob o olhar inclemente do povo, das câmeras de tevê e das lentes dos fotógrafos.

- Ei, ei, ei! Que caras são essas? Cadê o sorriso, Duduzinho-mimadinho-emburradinho? A gente quer que vocês se divirtam trabalhando, como a gente se divertiu - espetou Ritinha.

- Sorriso? Ô, garota, escuta aqui...

- Não quero escutar nada de você, a não ser o barulho do pincel passeando pelo muro. Vamos lá? Sorrisão! Todo mundo sorrindo!

- Vocês não querem aparecer feios na televisão, né? - brincou Suzaninha.

Duas horas e meia depois, sob o sol escaldante de meio-dia...

- Gente, não tô gostando muito do resultado, vocês estão? -implicou Manu.

- Não, tá muito sem vida. Dá pra botar outra cor aqui nessa parte? - sugeriu Gabi.

- Não, não dá. Não tá vendo que a gente tá derretendo? -resmungou Eduardo. - Não dá pra ficar perfeito, não.

- Ah, não diga isso, Duduzinho-que-se-achava-invencível-mas-que-se-ferrou-bonito! Tem que ficar perfeito. Não é um pedido, é uma imposição. Deixa eu te explicar, fofinho: esse muro tem que ficar do jeito que a gente quer. E a gente quer que você pinte essa parte toda de novo - reagiu Manu.

- Não mesmo!

- Ah, não? Vou ter que ir lá dentro chamar o prefeito para ele te dizer de novo que você tem que obedecer à gente? - peitou Manu.

Eduardo baixou a cabeça, limpou o suor da testa e resmungou algum xingamento impublicável antes de seguir as ordens das meninas mais corajosas que já tinham passado o Carnaval em Porto das Rosas.

Eram seis da tarde e o serviço ainda não tinha terminado. Às sete, depois que consideraram pronta a base do muro, as meninas pediram a eles que desenhassem corações de várias cores, arco-íris, estrelinhas, sorrisinhos... Eles nem discutiram. Mesmo exaustos e irritados, obedeceram. Trabalhar sem sol na moleira era bem melhor. O problema eram as piadinhas que eles ouviam da multidão que não arredou o pé de lá até ver o muro finalizado.

- Aíí! Você é bom de desenhar coração, hein, Eduardo? -implicou uma adolescente.

- Deve ter uma agenda lotada de coraçõezinhos. Ó, que fofo! - completou a que estava ao lado.

Os flashes espocavam de tudo quanto é lado. As pessoas fizeram questão de registrar aquele momento com suas máquinas e celulares.

- Vocês vão ficar lindos retocando desenhinhos fofinhos a mando das meninas. Essa, se bobear, vai para a primeira página do meu jornal - implicou uma fotógrafa.

Estava claro que os jornais do dia seguinte (e do seguinte, e do seguinte) manteriam Eduardo nas manchetes e deixariam Gabi, Manu, Ritinha e Suzaninha ainda mais famosas. Sim! O quarteto de Resende estava até dando autógrafo! Metiiidas!

- Nossa, tô me sentindo uma ex-BBB! Parece que acabei de sair do confinamento! - exclamou Ritinha.

- Ai, que cafona! Tô me sentindo a Madonna! - brincou Gabi.

- Espera aí, esse momento precisa ficar para a posteridade. Meninos, querem dar um recadinho aqui para a minha câmera? -debochou Suzaninha, com uma câmera de vídeo na mão. - Vou botar o vídeo de vocês pintando o muro no You Tube, para todo mundo ver o trabalhão que vocês tiveram.

- Fala sério! Vai passar em tudo que é televisão, não tá bom, não? - reclamou Eduardo.

- Dudu-cara-de-tatu, pensa um pouquinho, neném... Muita gente trabalha até tarde, muita gente não vê televisão ou lê jornal. No You Tube as pessoas vão poder ver vocês sempre que quiserem, a hora que quiserem. Vamos dar chance para quem não assistir às matérias, né? - riu Suzaninha.

- Você tinha que nos agradecer, vai ficar pra sempre na Internet. Famoso! Vamos eternizar você, seu Duduzinho-mal-educadinho! - complementou Gabi.

- A gente é tãão boazinha! Tãão fofa! - exclamou Ritinha.

- Ô, garota! - reagiu Eduardo, pronto para rosnar alguma grosseria.

- Cala a boca, Dudu! - bronqueou Beto, o amigo pichador.

- Quer levar mais bronca dessas garotas? Fica quieto e faz o que elas mandam.

- Isso mesmo! Pelo menos seus amigos são inteligentes,.. Já você... - espetou Gabi.

À meia-noite as meninas se deram por satisfeitas. Sob aplausos da multidão que ainda estava lá, entraram no sítio, orgulhosas, de cabeça erguida.

- Vocês viraram celebridades em Porto das Rosas - disse dona Hemengarda.

- Eu sei, não agüentava mais tirar foto com todo mundo. Ser famosa cansa - brincou Ritinha.

- Agora eles vão daqui direto para a delegacia? - quis saber Gabi.

- Vão. Mas o prefeito disse que eles não devem ficar três meses atrás das grades, como sugere o código penal. Talvez não fiquem lá nem uma semana.

- Como assim? - indignou-se Gabi.

- Ah, sabem como é esse negócio de justiça, né? Tudo ameniza a pena: se é réu primário, se paga multa... - irritou-se Manu.

- Se é filho do prefeito... - emendou Suzaninha.

- Querida, o doutor Romildo me disse uma coisa e eu concordei com ele. Não importa se esses rapazes vão ou não para a cadeia, o que aconteceu hoje foi a maior punição.

- É, a senhora tem razão. Ele, que é todo metido a pegador, não vai conseguir ficar mais com ninguém depois dessa humilhação. Aposto que nenhuma garota vai querer ficar com o Eduardo - disse Ritinha.

- Sem contar os amigos, que vão sumir com certeza. O maior castigo dele vai ser ficar sozinho até o povo esquecer - opinou Manu.

- E olha que em cidade pequena a memória do povo não esquece tão cedo... - comentou dona Hemengarda.

- Que bom! - comemorou Gabi.

Missão cumprida. O quarteto de Resende conseguira calar a boca do mimado Eduardo. Só tinha um problema: a punição do filho do prefeito marcava também o fim da viagem. Aquela viagem que ficaria para sempre no coração das meninas.

- Puxa, que pena... Amanhã já é quarta-feira de Cinzas e a gente vai ter que ir embora, vó...

- Foi a melhor viagem que eu já fiz - afirmou Ritinha. - Vou sair daqui com a certeza de que se a gente batalha por uma coisa, essa coisa acontece.

- Mesmo que pareça impossível - argumentou Manu.

- Vamos ficar com muita saudade daqui e da senhora, dona Hemengarda... - choramingou Gabi. - Foi o melhor feriado, o melhor Carnaval, o melhor café-da-manhã, a melhor avó, o melhor sítio...

- Foi o feriado mais agitado de toda a minha vida. E olha que já vivi muito, hein? - riu a avó mais querida de Minas. - Até no jornal eu apareci.

- Obrigada por tudo, vó.

- Que nada! Obrigada vocês por me tirarem da rotina! E desculpa pelo trabalho que dei a vocês.

- Não foi trabalho, foi diversão - corrigiu Suzaninha.

- Quer diversão maior do que ver os três patetas obedecendo às nossas ordens? - complementou Gabi.

- Vocês devem estar com a alma lavada. A cidade inteira está - disse a avó, mexendo nas longas madeixas de Gabi. - Olha, quando vocês voltarem, o sítio vai continuar lindo, do jeitinho que vocês deixaram. Ninguém vai ter que pintar nadinha.

As quatro abraçaram a dona do sítio com o muro mais famoso de Porto das Rosas.

- Vamos sentir saudades - disse Suzaninha.

- Eu também. Muita. Não tenho nem palavras para descrever o quanto vocês me fizeram feliz.

- Agora é a senhora que tem que ir visitar a gente. A minha casa é grande, meus pais vão adorar recebê-la.

- Manu, você é um docinho, mesmo. Agora vamos dormir, amanhã tenho que levar vocês para a rodoviária, e temos muito chão até lá.

Bota chão nisso! Ainda mais a quarenta por hora, pensou Ritinha. Mas, claro, não disse nada. Estava triste por deixar aquele feriado para trás, aquele feriado em que aprendera que é possível viver sem Leandro grudado 24 horas e que suas amigas eram realmente as melhores amigas que alguém poderia ter...

No quarto, as quatro bateram na cama e logo dormiram. O dia começara cedo e elas estavam absolutamente exaustas. Ser carrasca de pichador cansa!

Acordaram ainda com o céu escuro para conseguirem chegar na hora certa à rodoviária, em Belo Horizonte. Entraram no fusquinha 69 de dona Hemengarda e partiram rumo à capital mineira com aperto no coração, com a certeza de que voltariam àquele lugar muitas e muitas vezes. Sempre juntas. Celebrando aquela amizade especial.

Depois de despedirem-se de dona Hemengarda, entraram no ônibus, que já estava lotado de passageiros. Pela janela, deram mais um aceno para a avó de Suzaninha e logo puseram-se a tagarelar.

Em vinte minutos de viagem, Manu levantou-se para ir ao banheiro. Na fila, um garoto bem bonitinho, de seus 18 anos, a olhou de cima a baixo e disse, na lata:

- Se você for bonita por dentro como é por fora, eu te dou casa, comida e roupa lavada.

Manu ficou encantada com a cantada mais que batida.

- Obrigada. Tá indo pra Resende? - perguntou, para logo depois se recriminar: "Lógico, sua anta! O ônibus vai para Resende, para onde mais ele iria?"

- Vou...

- Desculpa, eu quis perguntar se seu avô é de Resende.

- Meu avô?!

- Não! Desculpa, é porque tô com a avó da minha amiga na cabeça. Queria saber se você é de Resende.

- Queria, não quer mais? - Ã?

Não adianta, Manu continuava péééssima na arte da conquista.

- Brincadeira. Eu sou de Resende sim. E você?

- Arrã.

- Arrã o quê?

- Sou de lá também - disse, sem esconder o sorriso,

- Como é que uma deusa dessas mora no mesmo lugar que eu e nós nunca nos cruzamos?

A porta do banheiro se abriu.

- Vou entrar, mas não foge, não. Quero pegar seu telefone.

- Tô aqui, não vou fugir - fez charme.

Foi só a porta fechar que Manu ouviu das amigas:

- Vai namorar no ônibus, é, Manu? - gritou Gabi.

- Ar, ar, ar, Manu vai desencalhar! - cantou Ritinha.

- Shhhh! - pediu Manu, encabulada com o ônibus inteiro olhando para ela.

- Oca, oca, oca, Manu vai beijar na boca! - insistiu Gabi.

- Ô, ô, ô, mesmo se ele fizer cocô? - cantarolou Suzaninha, matando Manu de vergonha.

O ônibus caiu na gargalhada.

- Boa, Su! - aprovou Gabi.

- Demorou, mas você aprendeu a fazer corinho - elogiou Ritinha.

- Pára, gente! E se ele estiver ouvindo? - perguntou a loirinha, entre os dentes.

Logo o bonitinho saiu do banheiro. Olhou para ela, olhou para o ônibus, que olhava para ele, e soltou, bem alto:

- Foi só número um, galera! Relaxa! Sem saída, Manu riu.

Nas seis horas de viagem, trocaram telefone, mas não ficaram. Agora Manu queria conhecer muito bem a pessoa antes de se encantar por ela. O beijo só saiu uma semana depois, quando Pedro (esse era o nome dele) levou lindas flores à casa da loirinha e pediu para namorar com ela. Depois do sim, o beijo apaixonado selou a relação que começava.

Entre risos, beijos e fofocas, a viagem passou tão rápida que elas nem sentiram. Quando chegaram à rodoviária de Resende, logo viram a mãe de Manu ao lado de Leandro, que carregava um enorme buquê de flores. O coração de Ritinha ficou apertadinho. Que saudade ela sentia do namorado!

Na caminhonete de Maclá, couberam todos, mesmo que apertadinhos.

- Vocês estavam ótimas na televisão! Tô adorando essa idéia de ter uma filha famosa, que a cada viagem aparece na mídia -brincou Maclá. - Mas vocês podiam ter passado um pó compacto para brilhar menos no vídeo. Estavam suadas, com a pele com aspecto de suja, de nojentinha.

- Nossa, mãe! Que fofa! Muito obrigada! - ironizou Manu.

- Mas estavam lindas mesmo assim. E fizeram justiça, fizeram bonito. Fiquei orgulhosa. Seus pais foram lá pra casa para vermos a reportagem juntos. Pena que foi tão rapidinho.

- Você viu a gente, Lelê? - derramou-se Ritinha. -Vi. Você estava linda.

Leandro pôs sua mão sobre a da namorada. Não tirava os olhos dela. A caçula do grupo estava pronta para ouvir mil declarações de amor, frases apaixonadas, poemas, olhares encantados...

- Eu quase fiquei com uma garota no Carnaval, Ritinha - desabafou Leandro, causando espanto e silêncio total no carro. - Uma menina, amiga dos amigos dos meus pais...

- Como é que é?! - reagiu Ritinha, injuriada.

- É, mas não fiquei! Eu não fiquei com ela! Isso que eu queria dizer!

- Não interessa, Leandro! Como assim você *quase* ficou com uma menina? E o Pappoc? Você ignorou o Pappoc, é isso? O Pappoc não serviu para nada? Perdi meu tempo criando o Pappoc e você nem ligou para ele?

- Não é isso, Ritinha, deixa eu explicar...

- Não tem nada que explicar, você errou! Errou feio! - gritou, sob o olhar de reprovação das três amigas. Elas bem lembravam o que tinha acontecido no baile de Porto das Rosas.

- Eu sei, devia ter te ligado!

- Na mesma hora! A regra era clara: olhou menina e ficou interessado em menina, liga pra mim! É tão difícil assim pegar o celular e ligar?

Manu, Gabi e Suzaninha estavam chocadas com a reação de Ritinha, que agia como se o príncipe carnavalesco nunca tivesse existido.

Clima péssimo. Clima estranho na caminhonete. Silêncio seguido de silêncio, a raiva estampada no rosto de Ritinha, a surpresa nos olhos das amigas.

- Mas, hein? E o sítio da avó da Suzaninha? Lindo de viver? Brincaram muito? - tentou quebrar o gelo Maclá, ignorada por todos, que permaneceram mudos até chegarem à casa da caçula do quarteto.

- Obrigada, tia. Tchau, gente. Pode deixar o Leandro na casa dele, tia Maclá?

- Não, Ritinha! Eu quero conversar com você!

- Eu não quero conversar com você, Leandro! - Ah, quer, sim! - meteu-se Manu na conversa.

- Fica quieta, filha! Não se mete em briga de namorado! -recriminou sua mãe.

- Não consigo. Ela sabe por que eu tô falando isso. Ritinha fuzilou a loirinha com os olhos.

- Podem ir, meninas. Amanhã a gente se vê - pediu Ritinha.

- Então tchau, querida - despediu-se a mãe de Manu. - Ah, eu não quero ir, não - palpitou Gabi.

- Nem eu. Quero ficar pra ver esse diálogo até o fim - observou Suzaninha.

Ritinha queria fazer picadinho das amigas.

- Acho que você tem mais coisas para dizer para o Leandro, né, Rita de Cássia?

- Acho que você tem mais o que fazer da vida, não é, Manuela?

- Não. Tô com a agenda vazia, vazia hoje. Posso ficar aqui o tempo que for - debochou a loira.

- Eu também! - disseram Gabi e Suzaninha. Leandro ficou cabreiro:

- O que é isso? O que você tem pra me dizer?

- Nada. Não sei do que essas meninas estão falando... - dissimulou Ritinha.

- Eu sei do que a gente está falando. Quer que eu refresque sua memória? - instigou Suzaninha.

- Não pre-ci-sa - rosnou Ritinha, entre os dentes.

- Não estou entendendo, Rita... - disse Leandro, sério. Ela não tinha mais como escapar.

- É que... É que... Eu... Eu fui a um baile de Carnaval.

- O quê? E não me disse? - indignou-se Leandro.

- Não te disse - alfinetou Gabi.

- Por quê?

- Porque... porque... porque *elas* não deixaram! - respondeu, apontando para Manu, Suzaninha e Gabi, que se quedaram boquiabertas e, claro, iradas.

- Como é que é!? - revoltou-se Gabi.

- Quer fazer o favor de não mentir botando meu nome no meio? - irritou-se Manu.

- Não foi nada disso, Leandro! Ela que não disse nada pra você por conta própria. E a gente ficou tão surpresa quanto você tá agora - entregou Suzaninha.

Leandro mordeu os lábios. Agora era ele quem queria explicações:

- Você está fazendo esse escândalo todo pra quê? Fez muito pior do que eu! Você mentiu, Rita de Cássia. Eu, não! Na primeira oportunidade eu te contei tudo.

Ritinha ficou tensa, assustada, culpada.

- Eu sei, eu sei... desculpa... Eu devia ter te contado do baile... - disse, arrasada.

- Do baile e do que aconteceu no baile... - acrescentou Manu.

- Manuela! - estrilou Maclá.

- O que foi que aconteceu no baile, Rita?

- Eu conheci um cara, Leandro.

- Vamos embora, gente! - pediu a mãe da loirinha.

- Sshhh! - fizeram as três meninas.

- Os dois têm que conversar em paz, sozinhos! - insistiu.

- E perder essa discussão? Nem pensar, mãe!

Maclá, angustiada e superdesconfortável com aquela situação, não teve outra alternativa a não ser desligar o carro.

Ritinha estava mal, muito mal. Não esperava passar por aquilo antes mesmo de chegar em casa e rever os pais.

- Eu conheci um garoto, mas também não fiquei com ele.

- Não? Jura? - perguntou Leandro, inseguro.

- Juro! Não fiquei! Por quê? Você ficou? Pode dizer, você ficou com a menina? - indagou Ritinha, lágrimas nos olhos.

- Não, claro que não!

- Por quê?

- Porque descobri com essa menina como é grande o meu amor por você, Ritinha.

- Óóóóó! - fizeram Manu, Gabi, Suzaninha e Maria Clara, que torcia para que aquela discussão terminasse bem. E logo.

- Eu também não conseguiria ficar com ninguém além de você - derreteu-se Ritinha.

- Óóóóó! - fizeram de novo as meninas.

- Dá pra parar com essa chatice? Platéia interativa é um pouco demais, né? - reclamou Ritinha, para riso das amigas.

- Ela... ela era bonita?

- Era. E me elogiou, me chamou para dançar, deu mole descaradamente para mim.

Glup! O mesmo que aconteceu comigo!, lembrou Ritinha.

- Eu entendo. O príncipe também era bem bonitinho -entregou.

- Príncipe? Você conheceu um príncipe?

- Claro que não, Leandro! Ele estava *fantasiado* de príncipe!

- Ah, que bom! Com um príncipe de verdade eu não teria chance!

- Claro que teria, bobinho! No meio da conversa, descobri que te amo mais que tudo, que você é a coisa mais importante da minha vida e que eu não quero te magoar nunca. Nunca!

Os dois se abraçaram. Abraço forte, sincero, cheio de saudade e ressentimento.

Aplausos na caminhonete. Ritinha olhou-as irritada, mas acabou soltando um sorriso.

- Desculpa? Por não ter te ligado, por não ter respeitado o Pappoc, por ter conversado com ela...

- Lê... Eu que quero que você me desculpe. Eu também ignorei o Pappoc, eu fiz tudo errado...

- Desculpa? - pediu Leandro.

- *Você* me desculpa? - retrucou Ritinha.

- Desculpo, mas você desculpa o Lelê?

- Claro que desculpa! Caramba! Que coisa chata! Esqueci como vocês dois eram chatos juntos! - implicou Gabi.

- É! Os dois erraram, os dois se arrependeram, os dois contaram... Agora é só beijar! - disse Suzaninha, impaciente.

- Beija! Beija! Beija! - puxou Maclá, para gargalhada das meninas, que a deixaram cantando sozinha.

- Antes, eu preciso saber uma coisa... Quanto tempo você conversou com a menina?

- Sei lá. Uns quinze minutos talvez...

- Quinze minutos? Tudo isso? A minha conversa não durou nem cinco minutos! - enfezou-se a caçula do grupo.

- Ritinha! - brigou Manu.

- Você não acha que o número de minutos é o que menos importa agora? - questionou Gabi, louca para ir para casa.

Ritinha baixou a cabeça. E concordou.

- Tá bem, tá bem! Não se fala mais nisso, então.

- Eu te amo! - declarou-se Leandro, aliviado.

- Eu te amo mais!

- Eu te amo, minha Litinha!

- Eu te amo, meu Lelê - Eu te...

- Ai, os dois se amam! Agora vamos terminar com isso que eu quero tomar um banho? - disse Manu, pegando com força o rosto dos dois e forçando-os a dar um beijo.

Aplausos.

Tímidos, os dois saltaram da caminhonete, agradeceram à Maclá e entraram na casa de Ritinha.

O tempo passou e o casal mais apaixonado de Resende agora tinha uma relação bem mais saudável, mais madura, mais segura e, para alívio de Gabi, Manu e Suzaninha, muito menos grudenta.

Manu continuava com Pedro, o menino do ônibus. Estava toda feliz. Naquele dia fazia um mês de namoro e chamou as amigas para comemorar a data no boliche.

Gabi e Suzaninha continuavam solteiras e felizes. Mas, se dependesse de Manu e Pedro, não por muito tempo. Ele levou seus dois melhores amigos para uma partida de meninos contra meninas. Manu, que agora finalmente sabia o que era paixão, estava flutuando. Não apenas por Pedro, mas porque fechara um contrato com uma loja de Penedo para ser a estrela do catálogo de outono-inverno.

- Você não vai ser do tipo que fica famosa e metida, não, né, Manu? - implicou Suzaninha.

- Claro que vou! - brincou a loira.

- Que espetáculo esse amigo do Pedro, hein? - comentou Gabi, mudando de assunto.

- Ele te achou linda, foi a primeira coisa que disse quando a gente chegou.

- Beleza! - comemorou a morena.

- O outro também é uma graça, mas eu não suporto cavanhaque - disse Suzaninha.

- Manda o cara raspar, ué! - sugeriu Ritinha.

As quatro riram e deram um *upa* esmagadaço. Um *upa* cheio de carinho, em pleno boliche.

- Elas são sempre assim?

- Sempre, Pedro. Vai se acostumando - respondeu Leandro.

- A gente pode começar ou vocês vão ficar aí nesse abraço por muito tempo? - quis saber Tavinho, o do cavanhaque.

- Vamos começar. Eu sou a primeira! - disse Suzaninha, já pegando a bola.

Mirou, fez uma cara de quem joga boliche todo dia, desde pequenininha, arremessou e… strike!

- U-huü! - vibrou a jogadora.

- Meninas! Unidas! Jamais serão vencidas! - celebraram as quatro, aos pulos.

As horas passaram voando naquela noite divertida, que não terminou quando o jogo acabou. Pelo contrário: estava só começando. Ritinha, Gabi e Suzaninha foram dormir na casa de Manu. Lá, viram pela enésima vez as fotos da viagem

para Porto das Rosas, a viagem que marcou o melhor feriado de suas vidas. E riram, relembraram, cantaram marchinhas de Carnaval e brindaram com potes de gelatina de framboesa, sem hora para acabar, a vitória no boliche.

E na amizade.

Fim